

XCLUSIVE

# FEED & F20D

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO

# 20 anos



Ano 18  
nº 220  
Ago/2025

**ENTREVISTA**  
MICOTOXINAS  
SEGUEM COMO UM DOS  
MAIORES DESAFIOS DA  
PRODUÇÃO ANIMAL  
MODERNA

**ESPECIAL**  
CASTROLANDA MOSTRA  
COMO O TRABALHO  
COLETIVO PODE  
AMPLIAR FRONTEIRAS  
E GERAR VALOR NA  
CADEIA PRODUTIVA



# CIÊNCIA QUE TRANSFORMA

VINTE ANOS DE AVANÇOS QUE FORTALECERAM A SANIDADE  
E SAÚDE ANIMAL NA PRODUÇÃO DE PROTEÍNA



Há 25 anos, a Huvepharma® contribui  
para uma produção animal mais  
**eficiente e sustentável.**



**Referência global**

Em saúde humana e animal.



**Soluções alinhadas**

Para cada realidade do mercado.



**Controle total**

Da cepa ao produto final.

**Seguimos olhando para o futuro com a  
mesma determinação que nos trouxe até aqui.**



Huvepharma do Brasil, Porto Alegre/RS,  
Av. Borges de Medeiros 2500,  
Conj 1604 e 1605, Tel:051 3085 3563,  
[vendas@huvepharma.com](mailto:vendas@huvepharma.com).

[www.huvepharma.com.br](http://www.huvepharma.com.br)

## FUNDADOR

**Oswaldo Ciasulli**  
osvaldo@dc7comunica.com.br

## CEO

**Diogo Ciasulli**  
diogo@dc7comunica.com.br

## GERENTE DE COMUNICAÇÃO

**Camila Santos**  
(MTb 39.770)  
camila@dc7comunica.com.br

## REPÓRTERES

**Caroline Mendes**  
(MTb 0058900/SP)  
caroline@dc7comunica.com.br

**Marcelo Macaus**

## EDITOR DE ARTE

**Daniel Guedes**  
(MTb 33.657)  
daniel@dc7comunica.com.br

## SOCIAL MEDIA

**Brenno Fressatto**  
brenno@dc7comunica.com.br

## MARKETING

**Raiane Modesto**  
raiane@dc7comunica.com.br

## FINANCEIRO

**Jaqueline Ridolfi**  
jaqueline@dc7comunica.com.br

## ADM/TRAFEGO

**Carolina Baggini**  
carolina@dc7comunica.com.br

## COLABORADORES DA EDIÇÃO

ABCC, Ariosto Mesquita (DRT/MG 3474),  
Ariovaldo Zani, Fabio Pereira,  
Glauca Bezerra (MTb 80.373),  
José Luiz Tejon, Mauricio Moraes  
e Murilo Piva

## Portal de notícias:

[www.feedfood.com.br](http://www.feedfood.com.br)

## Revista on-line gratuita:

[www.revistafeedfood.com.br](http://www.revistafeedfood.com.br)

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



# DA EVOLUÇÃO À TAXAÇÃO

Nesta edição, a Feed&Food traz um panorama rico e aprofundado sobre a evolução sanitária e seus impactos diretos na produção e qualidade das proteínas animais, tema da nossa capa. Vivemos um momento de transformação no agronegócio, onde a inovação tecnológica, a biossegurança e a sustentabilidade caminham lado a lado para garantir a competitividade do Brasil no mercado global.

Entre os destaques especiais, temos a história da Cooperativa Castrolanda, que completa sua trajetória mostrando, com clareza, como o trabalho coletivo pode ampliar fronteiras e gerar valor para todos os elos da cadeia produtiva. Ao longo dos anos, a Castrolanda consolidou-se como referência em inovação, qualidade e gestão, evidenciando o poder da união e da visão estratégica para fortalecer a produção animal no Brasil.

Também celebramos os 70 anos da ABCS (Associação Brasileira dos Criadores de Suínos), que, ao longo de sua trajetória, tem sido um pilar fundamental para o desenvolvimento sustentável e competitivo do setor suíno. Nesta edição, a ABCS projeta um futuro promissor, mesmo diante de um cenário repleto de desafios e transformações, reafirmando seu compromisso com a sanidade, a inovação genética e o fortalecimento da cadeia produtiva.

Outro ponto central desta edição é o debate sobre a taxaçoão internacional, que reacende as discussões sobre protecionismo e seus efeitos no agronegócio. As tarifas elevadas, como as de 50% aplicadas em determinados mercados, impactam diretamente a competitividade dos produtos brasileiros e trazem à tona a necessidade de estratégias conjuntas para garantir acesso e sustentabilidade aos produtores.

Nas colunas e matérias especiais, trazemos conteúdos que vão desde a genética e nutrição de suínos, passando pelos desafios da avicultura moderna, até as oportunidades da aquicultura e a importância da proteção de dados no agronegócio — temas essenciais para quem quer estar à frente em um setor em constante evolução.

Convidamos nossos leitores a explorar cada página, absorverem as tendências e se inspirarem com as histórias e análises da edição.

Boa leitura!

**Diogo Ciasulli**  
CEO da Feed&Food



# SUMÁRIO



# 18

## CAPA

EVOLUÇÃO SANITÁRIA  
E SEU IMPACTO  
NA PRODUÇÃO E  
QUALIDADE NA  
PRODUÇÃO DE  
PROTEÍNA ANIMAL

## SOLUÇÕES PWC

**06** Inovação e tecnologia no contexto geopolítico global do agronegócio

## QUALIFICANDO

**08** Mercados internacionais buscam cada vez mais um produto diferenciado aos moldes que o Brasil vem produzindo

## COLUNA FEED

**12** Cuspindo [tarifaço] no prato que come

## MERCADO

**28** Tarifas de 50% reacende o debate sobre o protecionismo global

## COLUNA LUIS RUA

**37** Novo status sanitário da aftosa é um marco histórico para o Brasil

## GRÃOS

**38** Queda na bolsa leva produtor americano a reduzir área de soja

## AVES

**42** Especialistas debatem desafios da avicultura no 11º Encontro Avícola Unifrango

## ABPA

**46** ABPA comanda a participação do Brasil na principal feira de alimentos e bebidas das filipinas, a World Food Expo

## SUÍNOS

**48** Com 70 anos de trajetória, ABCS projeta o futuro do setor em um cenário de transformações

**52** Genética: influência nutricional na resposta imune e no desenvolvimento dos suínos

# 14

## ENTREVISTA

MICOTOXINAS SEGUEM COMO UM DOS MAIORES DESAFIOS DA PRODUÇÃO ANIMAL MODERNA



# 32

ESPECIAL

## AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO

CASTROLANDA MOSTRA COMO O TRABALHO COLETIVO PODE AMPLIAR FRONTEIRAS E GERAR VALOR NA CADEIA PRODUTIVA



## COLUNA APCS

**54** Suinocultura paulista se reúne para mais uma edição do Clube do Leitão

## ASBRAM NEWS

**56** LGPD no agronegócio: proteção de dados se torna ativo estratégico para empresas do setor

## COLUNA NELORE

**58** Saldo de junho fecha com marco para a cadeia da carne bovina do Brasil

## BOVINOS CORTE

**60** Quinta edição do Acricorte foi palco de tomada de decisões e de conquistas

## AQUICULTURA

**66** Economia azul: como a pesca e a aquicultura podem regenerar ecossistemas e impulsionar a inovação

## ABCC NEWS

**70** Carcinicultura marinha, um mar de oportunidades para o Brasil navegar

## MKT DO AGRO

**74** Ser lembrado é sinal de confiança cultivada com o tempo, de presença constante, de entrega verdadeira



Mayra Theis e Fabio Pereira

## INOVAÇÃO E TECNOLOGIA NO CONTEXTO GEOPOLÍTICO GLOBAL DO AGRONEGÓCIO

A cadeia de valor do agronegócio insere-se em um contexto global, envolvendo produção e consumo em distintas regiões do mundo, abrangendo insumos, maquinários e equipamentos de alta tecnologia aplicados ao campo. Tal cadeia é fortemente impactada pelo cenário geopolítico vigente, caracterizado pela complexidade e dinamicidade, notadamente em situações de conflitos e transações comerciais marcadas pela ausência de regras uniformes e pela imposição arbitrária de tarifas por determinados países.

Esse panorama se apresenta em um momento crucial para o agronegócio, setor fundamental para a segurança alimentar e energética mundial, no qual a inovação tecnológica se consolida como diferencial competitivo imprescindível. Para além dos desafios inerentes ao risco climático na produção agropecuária e à estrutura logística de distribuição, o setor enfrenta, ainda, as particularidades das relações internacionais, em que políticas tarifárias e disputas — sejam bélicas ou comerciais — podem constituir obstáculos significativos ao progresso e ao desenvolvimento dos países.

A tecnologia assume, nesse cenário, papel fundamental para mitigar os impactos decorrentes da ausência de regulação padronizada, agregando valor por meio da oferta de dados analíticos robustos que subsidiam negociações internacionais. Plataformas de análise de dados possibilitam aos produtores e negociadores uma compreensão aprofundada dos padrões de demanda e oferta no mercado global, proporcionando subsídios críticos para decisões estratégicas. O emprego de inteligência artificial e big data confere uma capacidade inédita de previsão de tendências do mercado e de adequação das operações agrícolas, visando à maximização de eficiência e rentabilidade. Esses instrumentos tecnológicos avançados contribuem para a elaboração de modelos preditivos capazes de fornecer estimativas precisas e em tempo real da produção agrícola, facilitando tomadas de decisão em contextos marcados pela instabilidade regulatória. Ressalta-se, contudo, que a tecnologia demanda interação humana, negociação e, frequentemente, diplomacia, a fim de transpor as complexidades inerentes às relações comerciais internacionais.

No contexto em que tarifas comerciais são utili-

zadas como instrumentos de pressão geopolítica, observa-se que as nações buscam resguardar seus próprios interesses, o que pode acirrar tensões já existentes e instaurar novas fissuras na cooperação internacional. Tal conjuntura reforça a necessidade de colaboração multiculturais e multilaterais, destacando o papel insubstituível das relações humanas na construção de pontes entre mercados. Nessa perspectiva, a tecnologia apresenta-se como aliada, promovendo a comunicação eficiente baseada em dados e assegurando maior transparência — fatores essenciais para negociações exitosas.

Adicionalmente, a tecnologia fomenta a transparência e a eficiência nas transações, elementos críticos para a consolidação da confiança em um ambiente permeado por constantes tensões. A transformação digital configura-se como vetor de rastreabilidade e conformidade, contribuindo para a mitigação de fraudes e fortalecendo relações comerciais sustentadas por dados objetivos e verificáveis. Ademais, as inovações em blockchain e demais tecnologias distribuídas garantem transações seguras e transparentes, diminuindo a dependência de intervenções governamentais.

Nesse contexto geopolítico global, carente de consenso regulatório e marcado pela imposição de tarifas, o equilíbrio na interdependência tecnológica mostra-se essencial. O agronegócio deve não apenas adaptar suas estratégias para superar barreiras externas, mas também integrar plenamente os recursos tecnológicos aos seus processos decisórios, assegurando, assim, crescimento sustentável e resiliência.

Embora a tecnologia ofereça ferramentas poderosas para a compreensão e navegação da complexidade das transações comerciais no agronegócio, a geopolítica permanece como um campo definido por interações humanas e decisões políticas. A manutenção do equilíbrio entre tecnologia e relações humanas será crucial para enfrentar os desafios advindos da ausência de regras globais claras e da imposição de tarifas por parte de diversos países. O futuro do agronegócio dependerá, portanto, de uma articulação eficaz entre esses dois elementos, em que cada um potencializará o outro para a construção de uma cadeia de valor verdadeiramente global e sustentável. ■



### Mayra Theis

Sócia da PwC Brasil e líder de Agribusiness

### Fabio Pereira

Diretor da PwC Brasil e especialista em Agribusiness

# LEVEDURAS & DERIVADOS

Linha de leveduras  
**PARA UMA NUTRIÇÃO  
DE PRECISÃO**

- 🜨 Fábrica de última geração exclusiva para a linha de leveduras e seus derivados;
- 🜨 Avançadas tecnologias industriais que permitem a máxima biodisponibilidade dos nutrientes;
- 🜨 Processamento de levedura de cervejaria e de cana-de-açúcar para todas as espécies animais.



INGREDIENTES FUNCIONAIS

**Jgmos**® **Levuly**s 40 **Factor**.sc **Brewmax**



Empresa certificada  
GMP+ no Brasil

CIÊNCIA APLICADA EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL.

[www.grasp.ind.br](http://www.grasp.ind.br) |     /grasp.ltda





## PECUÁRIA BRASILEIRA EM MARCHA CRESCENTE

Os dados de fechamento de 2024 no segmento da pecuária evidenciaram que os números no Brasil estão em marcha crescente. O desempenho foi de 46 milhões de bovinos abatidos, um volume 9,5% maior que 2023, sendo que destes, 8,8 milhões de cabeças foram terminadas em confinamento, o que corresponde a 19,2% dos abates - o maior volume já registrado no país. A carne bovina respondeu por 42% do volume total de exportações totais da pecuária Brasileira estimado em um total de US\$30,5 bilhões, correspondendo a um número recorde de 2,89 milhões de Toneladas, chegando a 157 mercados internacionais - dados que quando consolidados, favorecem um cenário ainda mais positivo nas tendências de crescimento e melhoria de processos para atendimento a estes mercados, ainda mais exigentes. Um dado extremamente relevante é o fato de o Brasil estar aumentando sua produção sem ampliação de áreas de pastagem - o que favorece e reforça a ideia de obter ainda mais rentabilidade com projetos de confinamento e semiconfinamento.

O Beef on Dairy vem de encontro a essa tendência pois favorece que haja ainda mais qualidade para atendimento a esses mercados que se encontram com demanda crescente, especialmente os mercados internacionais que buscam cada vez mais um produto diferenciado aos moldes que o Brasil vem produzindo.

Falar de um produto de qualidade preconiza atender a toda uma cadeia de produção estruturada desde sua concepção e assim sendo, cuidados e critérios técnicos adotados desde a seleção da genética - como enfatizado na edição anterior - até a terminação destes animais são fatores preponderantes para um excelente resultado do projeto. É fundamental não apenas criá-los da maneira correta, mas também terminá-los da maneira adequada, sendo por isso tão importante utilizar um programa de terminação que priorize a saúde e o

crescimento muscular dos bezerros de corte, favorecendo menos problemas de saúde, melhor qualidade da carne e maiores retornos.

A obtenção de carne de alta qualidade exige uma abordagem abrangente para a terminação e o projeto Beef on Dairy traz excelentes condições de gerenciar esses resultados. Para gerir com eficácia a saúde, o crescimento e o desempenho do gado, deve-se considerar animais de boa reputação onde, com registros de saúde precisos e um histórico nutricional sólido, serão mais bem-sucedidos no confinamento. **Garantir o uso de boas práticas de criação de animais** utilizando técnicas de manejo que minimizem o estresse e garanta que os currais tenham cama adequada e sejam adequadamente abastecidos; **implementar protocolos rigorosos de vacinação e tratamento** para atenuar os efeitos negativos de doenças respiratórias e outras enfermidades; **estabelecer um programa sólido de nutrição** a fim de garantir que os bezerros Beef on Dairy comecem sua jornada com o caminho certo - consistem elementos fundamentais para atingir as metas gerais de crescimento e desempenho do rebanho alcançando até 22 arrobas em 15 meses.

Garantir que somente animais de alta qualidade cheguem aos Frigoríficos é um processo que começa desde o primeiro dia de vida destes. Ao implementar estratégias abrangentes em todos os estágios de desenvolvimento, do nascimento à terminação, estabelecendo uma base sólida para a produção de carne bovina de qualidade superior, o estágio de terminação é uma oportunidade crucial para aproveitar a base sólida construída na fase de pré-desmame e aprimorar ainda mais a qualidade e as características da carne bovina, fornecendo, em última análise, produtos excepcionais aos consumidores.

Continue acompanhando para melhorar ainda mais o desempenho de seu plantel! ■



### Reginaldo

#### Ferreira Rocha

é consultor empresarial, palestrante, especialista em Beef on Dairy, Regularização e Gestão Fundiária pela Ecco2 Gestão de Negócios

nutron | Cargill

**NutronMilk**  
EQUALIZER

**Ação Rápida,  
eficiente e  
Duradoura.**



**Combate a acidose ruminal**  
**Aumenta o teor de sólidos do leite**  
**Maximiza a produção de leite**



# DICAS NUTRICIONAIS PRÁTICAS PARA CONTROLAR O ESTRESSE TÉRMICO E MANTER O DESEMPENHO DAS AVES

**A**s altas temperaturas afetam negativamente o desempenho e os resultados econômicos de granjas avícolas comerciais.

O estresse térmico impacta a saúde intestinal ao prejudicar a função da barreira intestinal, além de aumentar a permeabilidade e inflamação do intestino, alterar a composição da microbiota, reduzir a absorção de nutrientes, o crescimento e desempenho das aves, e aumentar a suscetibilidade a infecções como as causadas por *Salmonella* e a enterite necrótica.

Durante o estresse térmico, ocorre um menor fluxo sanguíneo para o intestino, o que causa estresse oxidativo e compromete a integridade da mucosa intestinal. Além disso, o estresse térmico suprime o sistema imunológico, incluindo o tecido linfóide associado ao intestino (GALT), o que torna as aves mais vulneráveis a infecções. Esses efeitos cumulativos levam a uma redução de indicadores de desempenho como ganho de peso corporal, produção de ovos e eclodibilidade.

## NUTRIÇÃO

•**Água:** A água é o nutriente mais crítico para as aves. Ela desempenha um papel fundamental na digestão, transporte de nutrientes, regulação da temperatura corporal e eliminação de excretas, o que impacta tanto a saúde quanto a produtividade. O fornecimento de água de qualidade – com valores ótimos de pH e sólidos totais dissolvidos (TDS), além de uma baixa contagem microbiana – é essencial para a saúde e desempenho dos animais.

•**Proteína:** Para melhorar a saúde intestinal e prevenir a disbiose, é importante incluir fontes de proteína altamente digestível na dieta e garantir uma ingestão equilibrada de aminoácidos digestíveis, além de reduzir o incremento calórico e a presença de proteína não digerida no intestino grosso. Em condições de alta temperatura e umidade, recomenda-se diminuir os níveis de proteína bruta em 0,5-1,0% e aumentar os níveis de aminoácidos digestíveis em 3-5%.

•**Energia:** É necessário que se tenha um balanço energético efetivo para compensar o menor consumo de ração durante os períodos de estresse térmico. Utilize matérias-primas de baixo incremento calórico, como óleos vegetais e cereais digestíveis. Além disso, garanta uma relação adequada entre energia metabolizável e lisina digestível para obter um crescimento ideal das aves e evitar a deposição excessiva de gordura.

## IMPACTO DO EQUILÍBRIO ELETROLÍTICO DA DIETA (EED)

Um fornecimento balanceado de cátions (íons carregados positivamente – Na<sup>+</sup> e K<sup>+</sup>) e ânions (íons carregados negativamente – Cl<sup>-</sup>) é necessário para que o equilíbrio ácido-base (EED) das aves seja atingido. Em condições de altas temperaturas, é essencial que se tenha um EED efetivo ( $\geq 240$  mEq/kg) para garantir um melhor desempenho e equilíbrio osmótico dos animais.

Sabe-se que altos níveis de sódio (Na) na dieta promovem um maior crescimento das aves, no entanto se

esse incremento se der por meio de sais (NaCl) pode-se ter uma maior umidade da cama. Além disso, o potássio (K) é benéfico para aves em situações de estresse térmico. Portan-

to, o bicarbonato de sódio e o carbonato de potássio são as melhores opções para manter um EED adequado.

O excesso de respiração ofegante em condições de altas tempera-

turas leva à alcalose respiratória, o que prejudica o equilíbrio ácido-base do sistema. Portanto, o EED e a escolha dos sais adequados são aspectos importantes em dietas de aves.

## ALGUNS DOS ELETRÓLITOS COMUMENTE USADOS E VALORES DE EED

Dieta	% Sódio	% Potássio	% Cloro	% Sulfato	(Na+K) – (Cl+SO <sub>4</sub> )* EED, mEq/100g
K <sub>2</sub> CO <sub>3</sub> (DCAD+)	0,00	56,00	0,00	0,00	1434
K <sub>2</sub> SO <sub>4</sub>	0,00	44,00	0,00	56,00	-38
KCl	0,00	52,00	48,00	0,00	-38
NaHCO <sub>3</sub>	27,00	0,00	0,00	0,00	1174
NaCl	39,00	0,00	61,00	0,00	-47
Na <sub>2</sub> SO <sub>4</sub>	32,00	0,00	0,00	58,00	183

\*Valores de EED calculados pelo peso molecular dividido por 1000

DCAD Plus™ é uma forma estável e feed grade de carbonato de potássio produzida pela Arm & Hammer Nutrição Animal que pode ser usada em rações animais para manter o equilíbrio eletrolítico.

### ABORDAGEM PRÁTICA PARA O EQUILÍBRIO ELETROLÍTICO DA DIETA

- Minimizar os níveis de cloro (Cl) e sulfato (SO<sub>4</sub>) na dieta.

- Primeiro, otimizar a concentração de Na na ração. Juntamente com um conteúdo mínimo de sal, usar NaHCO<sub>3</sub> (é melhor que Na nas formas de cloreto ou sulfato) para otimizar o EED. Em seguida, aumentar/equilibrar os níveis de potássio (K) na dieta para atender ao déficit de EED.

- Escolher fontes de K livres de cloro ou sulfato. O carbonato de potássio estável (DCAD Plus™) é a melhor escolha para aumentar efetivamente os valores de EED.

#### • Aditivos:

A suplementação de aditivos como enzimas, emulsificantes e ácidos biliares promove uma maior digestibilidade de nutrientes. Recomenda-se aumentar os níveis de minerais e vitaminas (5-15%) na ração, em níveis superiores ao padrão.

CELMANAX™, da Arm & Hammer Nutrição Animal, é um probiótico que contém Carboidratos Funcionais Refi-

nados (RFCs™) altamente biodisponíveis, uma tecnologia proprietária da Arm & Hammer. CELMANAX™ é um produto multicomponente desenvolvido para manter a saúde e equilíbrio intestinal dos animais. Ele promove o crescimento de bactérias benéficas e ajuda a manter um ambiente intestinal saudável, além de apoiar o sistema imunológico.

A inclusão de um adsorvente eficaz de toxinas como BG-MAX™ da Arm & Hammer Nutrição Animal na dieta é essencial para neutralizar as micotoxinas, seu impacto negativo nas aves durante períodos de estresse e, também, proteger as células.

O uso de maiores níveis de antioxidantes (vitamina C) na ração, assim como a betaína, ácido butírico, óleos essenciais e acidificantes intestinais, promovem um maior desempenho das aves. Cepas probióticas benéficas, como CERTILLUS™ da Arm & Hammer Nutrição Animal, melhoram a saúde intestinal e estabelecem uma microbiota equilibrada no trato gastrointestinal. Soluções microbianas personalizadas e específicas como CERTILLUS™ atuam de modo eficaz contra *E. coli* patogênica aviária e *Clostridium perfringens*, enquanto combinações de cepas especializadas apoiam a saúde intestinal e a digestibilidade de nutrientes.

#### • Forma física da ração:

Recomenda-se a utilização de rações trituradas e pelotizadas para pintos e frangos de corte durante o verão. No caso de rações fareladas fornecidas a galinhas poedeiras e matrizes de frangos de corte, deve-se minimizar a porcentagem de pó e garantir uma distribuição de partículas adequada. Além disso, deve-se manter uma porcentagem de umidade da ração ≥ 11,0% para consumo.

#### CONCLUSÃO:

O controle do estresse térmico é uma abordagem holística. Da mesma forma que realizar o manejo da granja e dos galpões, é essencial fornecer uma dieta equilibrada. O balanço da dieta no que diz respeito à energia, aminoácidos digestíveis, eletrólitos, minerais e vitaminas, assim como a inclusão de aditivos comprovados cientificamente, são fundamentais para combater os efeitos do estresse térmico em aves. ■



Para saber mais sobre como otimizar o desempenho das aves, visite:  
**ahanimalnutrition.com**



**Ariovaldo Zani**

é médico-veterinário, CEO do Sindirações; Presidente da Câmara de Sustentabilidade e Bem-Estar Animal/ABPA; Presidente do Conselho Consultivo de Insumos Agropecuários e Indústria Extrativa/Senai SP; Membro da Comissão Estadual do Agronegócio do CRMV/SP

# CUSPINDO (TARIFAÇÃO) NO PRATO QUE COME

O relatório “*Perspectivas Agrícolas da OCDE e FAO 2025-2034*” apresenta uma análise abrangente das tendências para os mercados agropecuários nos próximos dez anos, em níveis nacional, regional e global. Elaborado em conjunto com países membros e organizações internacionais, o documento serve de base para políticas públicas fundamentadas em dados e projeções sólidas. Essa mais recente edição destaca a expectativa de crescimento da demanda, principalmente por conta da renda per capita nos países de classe média e pelo crescimento populacional nas regiões de baixa renda.

A ingestão calórica de alimentos de origem animal deve crescer 6%, da qual 25% nos países de renda média-baixa, apesar da persistência de desigualdades significativas consequentes ao não atendimento das recomendações da ingestão diária de proteínas animais por conta das barreiras estruturais de acesso a alimentos nutritivos.

O atendimento dessa demanda crescente dependerá do avanço de 14% da produção agropecuária e impulsionado por investimentos em tecnologia, capital e maior uso de insumos, como fertilizantes e alimentos para animais, além da expansão de áreas cultivadas e rebanhos na África e sul da Ásia. O incremento da produção e produtividade aumentará as emissões diretas dos gases de efeito estufa, muito embora, a intensidade de carbono por unidade produzida deve cair, graças aos progressos tecnológicos, voltados à ampla adoção da agricultura de precisão, do manejo eficiente de água e nutrientes e da rotação de culturas e compostagem.

O relatório também aborda o comércio internacional e reafirma a importância da cooperação multilateral e das transações baseadas em regras, já que atualmente quase um quarto das calorias consumidas globalmente são transacionadas entre as nações,

apensar de não considerar a instabilidade geopolítica e o status das negociações multilaterais provocadas por choques que ameaçam comprometer as respectivas projeções otimistas.

Por exemplo, o recente tarifaço “estadunidense” (e contingencialmente a ferramenta de pressão comercial ou Seção 301 utilizada pelo *USTR/Escritório do Representante Comercial dos EUA*) que desorganiza as cadeias globais de suprimentos, desestabiliza mercados e acentua vulnerabilidades decorrentes da concentração das exportações em poucos destinos. A imposição dessas tarifas, principalmente sobre a carne bovina e sebo, café, suco de laranja, açúcar, frutas, pescados, etanol e madeira (além do aço, alumínio, têxteis, aviões, etc.), pode prejudicar significativamente o desempenho exportador brasileiro e reduzir a competitividade frente aos outros fornecedores, como Argentina, Austrália, Indonésia, Vietnã, etc. Ato contínuo, o hipotético excesso de oferta no mercado doméstico brasileiro pode derrubar preços e prejudicar, sobretudo, os pequenos e médios produtores com menor capacidade de diversificar mercados.

Dados extraídos da plataforma COMEX-Stat/SISCOMEX, sistema oficial do governo brasileiro para divulgação de estatísticas do comércio exterior, revelam que durante o ano de 2024 foram exportados para os Estados Unidos, aproximadamente 4,7 mil toneladas, ou pouco mais de US\$ 13,8 milhões (montantes resultantes das expedições de mercadorias classificadas nas posições tarifárias 2309.10.00 - Alimentos para cães ou gatos, acondicionados para venda a retalho; 2309.90.10 - Preparações destinadas a fornecer ao animal a totalidade dos elementos nutritivos necessários para uma alimentação diária racional e equilibrada/alimentos compostos completos; 2309.90.20 - Preparações à base de sal iodado, farinha de ossos, farinha de concha, cobre

e cobalto; 2309.90.30 - Bolachas e biscoitos, dos tipos utilizados na alimentação de animais; 2309.90.90 - Outras preparações dos tipos utilizados na alimentação de animais). À título de comparação, esses embarques aos Estados Unidos representaram respectivamente, 1,2% e 2,8%, da quantidade e receita apuradas nas exportações dos mesmos gêneros mencionados que seguiram para todos os demais destinos somados.

Evidentemente, o tarifaço vai repercutir negativamente nos consumidores norte-americanos, elevando o preço dos alimentos importados brasileiros e pressionando as famílias, especialmente as de menor renda, ou seja, esse protecionismo pode aumentar o custo dos alimentos para quem mais precisa, evidenciando a complexidade e os riscos dessa política.

Diante desse cenário, o setor privado deve formular estratégias para mitigar os impactos, diversificando mercados e investindo em rastreabilidade e na diferenciação sustentável. Por sua vez, o Governo pode colaborar fortalecendo acordos bilaterais e protegendo pequenos produtores por meio de políticas de inovação e concedendo crédito e infraestrutura, ao invés de investir na retórica ideológica que serve exclusivamente à escalada da tensão política.

Em suma, apesar do panorama promissor traçado pelo relatório OCDE/FAO, o tarifaço imputado pelos americanos destaca a necessidade de cautela. O agronegócio brasileiro deve continuar exigindo diálogo para soluções diplomáticas e buscar engajamento construtivo com os parceiros comerciais americanos nesse cenário do “*perde perde*”, além de reforçar sua resiliência frente aos futuros e imprevisíveis choques externos, sob risco de comprometer os avanços projetados para a próxima década. ■

\*Conteúdo elaborado ainda em meados de julho/2025, ou seja, antes da hipotética entrada em vigor do tarifaço ou qualquer acordo entre as nações

# Global como o mundo, próxima como quem produz.



**Com a Agrifirm você pode ter o melhor dos dois mundos:**

O **know-how de uma empresa global** e o **compromisso de uma cooperativa de produtores rurais, com 4 unidades produtivas no Brasil.**

Junte-se a nós e vamos criar um futuro de **sucesso, JUNTOS.**

**Aditivos Nutricionais | Nutrição de Animais Jovens  
Premixes e Concentrados | Minerais**





**DR. CARLOS  
AUGUSTO MALLMANN,**  
PROFESSOR DA UFSC  
E REFERÊNCIA  
INTERNACIONAL EM  
MICOTOXINAS

# MICOTOXINAS NA PRODUÇÃO ANIMAL: RISCOS INVISÍVEIS E DECISÕES ASSERTIVAS

REFERÊNCIA INTERNACIONAL EM MICOTOXICOLOGIA APLICADA, **DR. CARLOS AUGUSTO MALLMANN**, PROFESSOR DA UFSM, DESTACA O IMPACTO ECONÔMICO DOS CONTAMINANTES, OS DESAFIOS ANALÍTICOS DA CADEIA PRODUTIVA E AS SOLUÇÕES DESENVOLVIDAS NO BRASIL PARA MITIGAÇÃO DE RISCOS

**CAROLINE MENDES**  
caroline@dc7comunica.com.br

Invisíveis, mas economicamente devastadoras, as micotoxinas continuam sendo um dos grandes desafios da produção animal intensiva. Presentes em níveis elevados em ingredientes como milho e trigo, essas toxinas produzidas por fungos afetam diretamente o desempenho zootécnico, a integridade intestinal dos animais e a segurança dos alimentos. Ao longo das últimas três décadas, o Brasil evoluiu substancialmente no monitoramento e controle desses contaminantes — e um dos principais nomes por trás desse avanço é o do professor Dr. Carlos Augusto Mallmann, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

À frente do LAMIC (Laboratório de Análises Micotoxicológicas), Mallmann lidera pesquisas que transformaram o modo como a indústria interpreta, diagnostica e gerencia o risco toxicológico. Nesta entrevista exclusiva à **Feed&Food**, ele detalha os impactos subclínicos das micotoxinas, explica por que a amostragem é o ponto mais sensível do processo, discute a eficácia dos adsorventes comerciais e mostra como o Brasil se tornou referência internacional em micotoxicologia aplicada.

**Feed&Food: Professor, quais são hoje as micotoxinas mais prevalentes no Brasil e no mundo? Dr. Carlos Augusto Mallmann** – Globalmente, as fumonisinas lideram com presença em cerca de 84% das amostras analisadas. Em seguida vêm a vomitoxina (DON) e a zearalenona, com 33%, e as aflatoxinas, com 30%. No Brasil, temos um cenário semelhante: 80% das amostras de milho apresentam fumonisinas, 30% têm zearalenona, 25% aflatoxinas e cerca de 10% apresentam DON, que até poucos anos atrás praticamente não ocorria no milho brasileiro.

**O senhor mencionou que os efeitos subclínicos são hoje os mais relevantes. Por que eles merecem tanta atenção? Por que são silenciosos, persistentes e economicamente mais graves.** Diferentemente das intoxicações agudas que vimos décadas atrás, hoje o impacto das micotoxinas se dá, principalmente, pelo comprometimento funcional do trato gastrointestinal. Isso reduz a absorção de nutrientes e força o animal a desviar energia para processos inflamatórios e defesa imunitária. Em consequência, temos pior conversão alimentar, redução de ganho de pe-

so e maior susceptibilidade a doenças secundárias. Esse tipo de prejuízo, embora não aparente, é contínuo.

**E quanto à presença dessas toxinas nas matérias-primas? Quais ingredientes preocupam mais?** O milho continua sendo o ingrediente mais crítico na nutrição animal brasileira, tanto por sua elevada utilização quanto pelo histórico de contaminação por fumonisinas, zearalenona e aflatoxinas. O trigo e seus derivados também oferecem risco. Já o sorgo tende a apresentar melhor qualidade sob o ponto de vista micotoxicológico. Mas tudo depende da origem da matéria-prima — há variações regionais significativas. No Sul do país, por exemplo, temos maior prevalência de certos fungos, o que eleva o risco de contaminação.

**O senhor fala muito da importância da amostragem. O que torna esse ponto tão decisivo?** A amostragem é, sem dúvida, o tendão de Aquiles do processo. Ela define a confiabilidade da análise. Se for mal feita, todo o processo fica enviesado — desde a quantificação até a tomada de decisões. Estimamos que 80% a 90% do erro analítico esteja na coleta. Por isso, investimos anos ►

de pesquisa para desenvolver o sistema de coleta contínua por “furo da rosca”, que permite amostras mais representativas na própria linha de transporte da matéria-prima. É um processo simples, mas que faz toda a diferença.

**Como está o avanço das tecnologias analíticas no Brasil?** Muito sólido. A espectrometria de massas continua sendo o método mais robusto — é o padrão ouro, especialmente para fins forenses ou confirmação laboratorial de alto nível. Mas, para rotina de triagem, métodos como ELISA ou o NIRS têm ganhado destaque. O NIRS, por exemplo, não exige preparo de amostras nem operadores especializados. É rápido, acessível e pode ser utilizado dentro das fábricas. Isso dá velocidade à tomada de decisões e reduz custos operacionais.

**A avaliação de risco substitui as antigas tabelas com valores fixos?** Sim. Hoje, a abordagem mais moderna é baseada em algoritmos de risco, que consideram múltiplas variáveis: prevalência e concentração da toxina, tempo de uso do ingrediente, taxa de inclusão, composição da dieta, espécie e fase de produção do animal, entre outras. Um pintinho é mais sensível do que um frango adulto. Fêmeas suínas são altamente susceptíveis à zearalenona. Ignorar essas diferenças pode levar a erros sérios na formulação de dietas e na escolha de estratégias de controle.

**Sobre os adsorventes, quais critérios o senhor considera essenciais na escolha de um produto eficaz?** Primeiro, é preciso que o produto tenha sido testado *in vivo*, com marcadores biológicos e validação zootécnica. Ensaios *in vitro* são importantes para controle de qualidade e caracterização da matéria-prima, mas não substituem os testes em animais. Além disso, é desejável que o fabricante ofereça dados de isotermas e curvas dose-resposta — isso mostra a capacidade real de adsorção. Atualmente, muitos produtos combinam argilas com enzimas, extratos vegetais e até algas para ampliar o espectro de ação, o que é válido. O problema ocorre quando uma toxina está em concentração muito alta, e o ingrediente ativo não está presente em dose suficiente para neutralizá-la. Esse é o desafio.

**Em relação à saúde pública, quais são os principais riscos?** O leite é o produto mais crítico, pois pode conter aflatoxina M1, derivada da B1 presente na ração. A legislação brasileira — por meio da Anvisa — é bastante rígida quanto a esse contaminante, estabelecendo limites extremamente baixos. No entanto, como há inclusão de resíduos na dieta de bovinos, esse limite pode ser ultrapassado se o controle da matéria-prima não for rigoroso. Já em carnes e órgãos, o risco é baixo, pois o metabolismo rápido dos animais e o jejum pré-abate permitem que a maioria das toxinas seja eliminada antes do abate.

**Como o Brasil está posicionado frente às exigências internacionais?** De forma bastante avançada. O Brasil inclusive aumentou recentemente o rigor dos limites para deoxinivalenol no trigo, o que demonstra alinhamento com as práticas internacionais. Os países importadores, especialmente os da União Europeia, seguem legislações bastante restritivas, e é fundamental

“ A AMOSTRAGEM REPRESENTA 80% A 90% DA QUALIDADE FINAL DO DIAGNÓSTICO. UM ERRO NESTA ETAPA COMPROMETE TODAS AS DECISÕES POSTERIORES ”

que o setor produtivo esteja preparado para atender esses critérios. Trata-se não apenas de proteger a saúde pública, mas também de garantir competitividade no mercado externo.

**E quanto à pesquisa? O que o LAMIC tem desenvolvido de mais recente?** Nosso foco está na gestão de risco baseada em dados interpretáveis. Trabalhamos com um sistema que permite calcular o valor real de cada ingrediente considerando risco toxicológico, espécie, fase produtiva e composição da dieta. Isso permite decisões estratégicas que equilibram custo, segurança e desempenho. Além disso, temos uma linha de pesquisa dedicada à seleção de híbridos de milho com menor predisposição à contaminação — sem abrir mão da produtividade, claro. Já testamos centenas de materiais em parceria com cooperativas e obtivemos resultados muito promissores.

**Por fim, qual recado o senhor deixaria à cadeia produtiva?** Micotoxinas são um desafio permanente e inevitável. Elas não vão desaparecer, mas é possível conviver com elas de forma tecnicamente segura. Para isso, é preciso monitorar, interpretar corretamente os dados e agir com base em critérios científicos. O Brasil tem estrutura técnica para isso. Basta utilizar as ferramentas disponíveis e investir em gestão de risco com consistência. ■



# CLIMATIZAÇÃO INTELIGENTE PLASSON

Conforto, desempenho e produtividade para aves e suínos.



Com soluções completas e integradas, a Plasson oferece o que há de mais avançado em climatização:

exaustores, tunnel doors, inlets, aquecedores, nebulizadores, painéis evaporativos e controladores eletrônicos.

Nossos sistemas vão atender com precisão e garantir o bem-estar, melhor conversão alimentar e maior produtividade.

Com a Plasson, você tem controle total do clima, em todas as estações e em todos os segmentos.



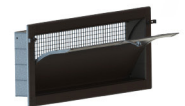
LÂMPADA INFRAVERMELHO



CAMPÂNULA



INLET PLÁSTICO DE TETO



INLET LATERAL PLÁSTICO



EXAUSTOR DE FIBRA 50°



EXAUSTOR



PAINEL EVAPORATIVO



NEBULIZADOR



CONTROLADOR TRIO 20



CIRCULADOR



TUNEL DOOR

PLASSON, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO PARA O CLIMA PERFEITO NA PRODUÇÃO ANIMAL!



[www.plasson.com.br](http://www.plasson.com.br)



**PLASSON**  
Livestock



# BLINDAGEM TECNOLOGIA

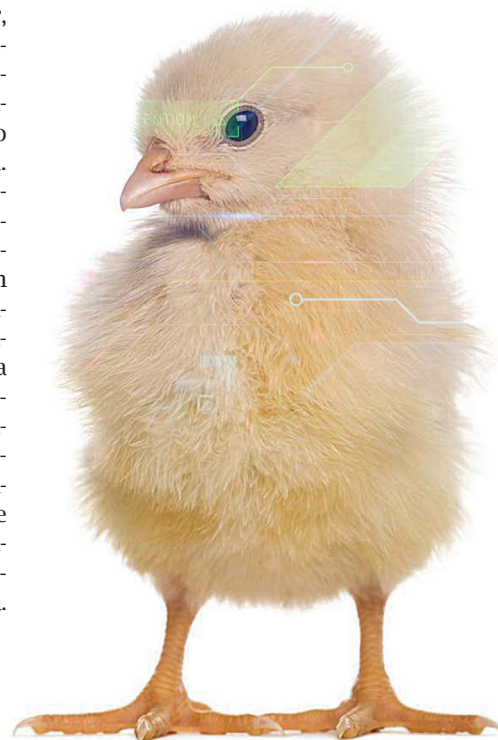
COMO **AVANÇOS SANITÁRIOS E TECNOLÓGICOS** ABRIRAM  
CAMINHO PARA UMA PRODUÇÃO MAIS EFICIENTE, SUSTENTÁVEL  
E ALINHADA ÀS DEMANDAS GLOBAIS

**CAMILA SANTOS, DA REDAÇÃO**  
camila@dc7comunica.com.br

**D**o passado recente até 2030, os planos para transformar o Brasil em uma potência produtiva e blindada das ameaças sanitárias são ousados, mas respaldados pela ciência e pela tecnologia. Como tudo que ocorre em campos produtivos brasileiros, o setor de proteína animal conta com diversos braços para garantir sua missão: a de supermercado do mundo. É nesse contexto que, a cada edição desta série especial da **Feed&Food**, celebramos duas décadas de transformações que fortalecem a cadeia produtiva de carnes, leite e ovos. Se, na primeira reportagem, lançamos luz sobre o pa-

pel da genética na evolução do setor, agora o foco se volta à saúde e à sanidade — temas que se tornaram centrais na mitigação de riscos e na consolidação da imagem do Brasil como potência produtiva e exportadora.

As mudanças estruturais e tecnológicas que marcaram esse período revelam mais que avanços técnicos: mostram um setor que amadureceu em resposta a desafios sanitários crescentes, exigências de mercado e, principalmente, à consciência coletiva sobre a importância da prevenção. Nesta segunda reportagem do especial, pesquisadores e profissionais do setor ajudam a traçar esse percurso, revisitando marcos regulatórios, estratégias de biossegurança e aprendizados frente a ameaças que testaram (e validaram) a resiliência da cadeia produtiva.



## AVICULTURA E SUA RESILIÊNCIA SANITÁRIA

Para compor o bloco avícola, a Embrapa Suínos e Aves, que acompanha a evolução da cadeia produtiva avícola e suínica, nos emprestou o conhecimento de 20 anos de estrada de um dos seus principais pesquisadores: Luizinho Caron. Em sua análise, as duas últimas décadas representaram uma era de evolução interligada entre genética, ambiência e sanidade. “A contínua evolução genética das aves, com foco em maior produtividade e redução da mortalidade, tem sido acompanhada por melhorias substanciais nas condições de ambiência”, destaca. Esse novo patamar ambiental, segundo ele, abriu caminho para a expressão plena do potencial produtivo das aves — des-

de que não haja desafios sanitários comprometendo o desempenho.

Entre os marcos mais relevantes do período, Caron cita a consolidação da vacinação in ovo, que trouxe ganhos expressivos de uniformidade e eficiência imunológica. “O desenvolvimento de novas vacinas e a evolução dos programas sanitários permitiram elevar o patamar de controle sem comprometer o desempenho zootécnico”, afirma.

Mas talvez o avanço mais emblemático tenha sido a implementação das normativas legais de biossegurança no Brasil. Apesar da resistência inicial de algumas parcelas do setor, Caron observa que essas medidas se mostraram acertadas, especialmente diante do atual risco elevado para influenza aviária. “Foi um divisor de águas. Hoje colhemos os frutos de um sistema que tem maturidade para conter surtos e preservar o status sanitário do país”, avalia.

Essa robustez, de fato, foi colocada

à prova em episódios delicados como a contenção rápida e eficaz de surtos de Doença de Newcastle e Influenza Aviária em aves comerciais. A pronta erradicação e recuperação do status sanitário reforçaram a efetividade das ações de biossegurança e o preparo dos serviços veterinários oficiais. “São conquistas que mostram como a cadeia produtiva brasileira amadureceu e passou a lidar com essas situações com rapidez e precisão.”

Ainda assim, o pesquisador chama atenção para desafios que sinalizaram a necessidade de vigilância contínua, como a disseminação da cepa G1-23 da bronquite infecciosa e os surtos de laringotraqueíte. “Não basta olhar apenas para as doenças de notificação obrigatória. É preciso estar atento à introdução e disseminação de novas variantes de agentes endêmicos que, se negligenciadas, podem gerar perdas expressivas.”

Quando o assunto é biossegurança, Caron é enfático ao dizer que ►

os avanços foram “expressivos e sustentados por um novo entendimento sobre os mecanismos de disseminação dos agentes infecciosos”. Para ele, conceitos como regionalização e compartimentalização consolidaram-se como ferramentas estratégicas de contenção. “São estruturas padronizadas e embasadas em protocolos robustos que permitem manter o controle, mesmo diante de situações de emergência.”

A rastreabilidade também se destaca como um pilar indispensável. Segundo o pesquisador, o acompanhamento detalhado da trajetória das aves — desde a origem até o destino final — fortaleceu as respostas frente a surtos e reforçou a credibilidade do setor junto a mercados internacionais.

Mas Caron faz um alerta claro: nenhuma estrutura física é suficiente sem disciplina e capacitação. “A existência de uma estrutura adequada perde seu valor se houver falhas operacionais simples, como portas abertas, ausência de troca de calçados e roupas ou negligência nos procedimentos de entrada e saída”, pontua. Em sua visão, biossegurança é, acima de tudo, um comportamento coletivo pautado pela conscientização e pela responsabilidade técnica.

**TECNOLOGIAS E ESTRATÉGIAS TRANSFORMADORAS.** A revolução sanitária observada na produção avícola nas últimas décadas foi impulsionada por uma série de inovações tecnológicas que mudaram profundamente a forma de prevenir, monitorar e intervir frente a desafios sanitários. Para o pesquisador da Embrapa Suínos e Aves, os avanços nesse campo foram decisivos para elevar o patamar de biossegurança e reduzir o uso de antimicrobianos de forma responsável.

“O desenvolvimento de vacinas mais modernas e estratégias de aplicação aprimoradas, como a vacinação in ovo, transformou a prevenção sanitária em um processo mais preciso e padronizado”, aponta o pesquisador. Ele ressalta que muitas das vacinas em desenvolvimento hoje vão além da proteção clássica: oferecem novas perspectivas para o controle eficiente de enfermidades, contribuindo para práticas mais sustentáveis e seguras.

Além das vacinas, tecnologias me-



**LUIZINHO CARON,**  
PESQUISADOR  
DA EMBRAPA  
SUÍNOS E AVES

nos óbvias também ganharam protagonismo. É o caso do reaproveitamento sanitário da cama aviária, com processos como a fermentação plana ou o uso controlado de amônia sob lona. Essas práticas têm se mostrado eficazes na redução da carga microbiana ambiental, sem comprometer o desempenho zootécnico.

Na área diagnóstica, o impacto da biologia molecular foi transformador. A introdução da PCR (reação em cadeia da polimerase) na rotina da avicultura trouxe ganhos expressivos em velocidade, sensibilidade e especificidade dos exames. “A resposta sanitária passou a ser mais ágil e fundamentada em diagnósticos precoces e precisos, o que é crucial para conter agentes infecciosos com potencial de rápida disseminação”, explica Caron.

Outro eixo de transformação está ligado à automação dos sistemas produtivos. O controle ambiental automatizado — com sensores e equipamentos que regulam temperatura, ventilação, luminosidade e umidade — vem reduzindo a dependência de intervenções manuais e garantindo maior estabilidade aos lotes. Isso se reflete tanto na performance zootécnica quanto na redução do estresse animal e da suscetibilidade a doenças.

E, mais recentemente, a inteligência artificial começou a se integrar à gestão sanitária, abrindo novas fronteiras para a tomada de decisão baseada em dados. “O potencial da IA está em conectar informações de di-

ferentes origens — dados sanitários, ambientais, produtivos — e oferecer alertas preditivos ou diagnósticos precoces que antecipam problemas”, aponta o pesquisador. Para ele, essa abordagem integrada representa o futuro da sanidade animal: um modelo mais analítico, eficiente e orientado à sustentabilidade.

### SAÚDE ÚNICA: UM CAMINHO SEM VOLTA.

O conceito de One Health, ou Saúde Única, deixou de ser apenas um ideal teórico para se tornar um norte prático e estratégico na produção de proteína animal. Segundo Luizinho Caron, o avanço dessa abordagem é perceptível tanto em políticas públicas quanto em ações diretas no campo. “Os desafios sanitários globais mostraram de forma inegável a interdependência entre a saúde dos animais, das pessoas e do meio ambiente. Não há mais como separar essas dimensões.”

A aplicação mais evidente do conceito está no combate às zoonoses, com programas de vigilância integrada e desenvolvimento de vacinas voltadas para agentes que ameaçam múltiplas espécies. Mas Caron ressalta que o avanço vai além da prevenção direta. Ele se reflete também em uma mudança de mentalidade sobre o uso de vacinas e antimicrobianos: “A vacina deve ser parte de um plano amplo de promoção da saúde, e não uma solução isolada para compensar falhas de manejo ou biossegurança.”

Essa perspectiva é reforçada pela crescente preocupação com a resistência antimicrobiana — um problema que une a saúde animal e humana em um mesmo alerta. O uso indiscriminado de antibióticos, lembra Caron, pode gerar impactos duradouros e difíceis de controlar. “O enfoque moderno busca o uso criterioso dessas ferramentas, priorizando a prevenção e a sustentabilidade.”

Outro aspecto central para a integração One Health está na qualidade ambiental. “É praticamente impossível manter a saúde animal ou humana se a água está contaminada”, afirma o pesquisador. A mesma lógica se aplica ao ar, aos alimentos e às instalações: ambientes degradados comprometem a sanidade dos rebanhos, aumentam o risco de surtos e ameaçam a segurança alimentar da população.

**PRESSÃO SANITÁRIA EM CENÁRIO DE ALTA DENSIDADE PRODUTIVA.** Outro ponto de atenção citado por Caron é a concentração geográfica da produção — um traço comum às grandes potências do setor, mas que eleva significativamente o risco sanitário. “A alta densidade produtiva facilita a disseminação de enfermidades, tanto as de notificação obrigatória quanto aquelas que afetam diretamente a produtividade, como doenças respiratórias e entéricas”, afirma.

Entre essas doenças de impacto produtivo, ele destaca a tenosinovite, um quadro inflamatório que compromete a articulação da coxa e tem levado ao aumento das condenações nos frigoríficos. A origem do problema é multifatorial, com reovírus como agente primário, mas também há discussões científicas sobre o papel de fatores como incubação inadequada, falhas de manejo e até a participação de astrovírus. “É um exemplo de como os desafios atuais exigem abordagens amplas e integradas, que vão do incubatório à granja e à planta de abate.”

Ao olhar para o futuro, o especialista reforça que os investimentos em sanidade e biossegurança precisam ir além da infraestrutura e focar na gestão e no comportamento humano. “A biossegurança está nos detalhes operacionais, praticados com rigor e consistência no dia a dia”, destaca. Embora barreiras físicas, vestiários, pedilúvios e controles de acesso sejam essenciais, sua eficácia depende diretamente do comprometimento das equipes.

Nesse sentido, ele defende que treinamentos práticos, programas permanentes de educação sanitária e auditorias internas se tornem pilares prioritários. Não se trata apenas de ensinar o que fazer, mas de construir uma cultura de sanidade. “A estrutura mais moderna do mundo perde valor diante de falhas rotineiras, como uma porta deixada aberta ou a não troca de calçados entre galpões.”

**UMA JORNADA DE EVOLUÇÃO E CONSISTÊNCIA TÉCNICA.** Ao revisitar os últimos 20 anos da sanidade animal no Brasil, Luizinho Caron re-

sume a trajetória com uma palavra-chave: transformação. “A sanidade animal evoluiu de forma expressiva, sendo decisiva para a sustentabilidade e expansão da avicultura nacional”, afirma. Essa evolução, segundo ele, não foi pontual, mas sistêmica — unindo o avanço das vacinas (incluindo autógenas personalizadas), diagnósticos rápidos aplicáveis na própria granja e a incorporação de tecnologias emergentes como sensores, automação e inteligência artificial.

Esses elementos, integrados a uma crescente cultura de biossegurança e rastreabilidade, elevaram o padrão técnico da produção nacional e consolidaram o Brasil como referência global em sanidade. Trata-se de um percurso marcado pela ciência apli-

cada, pela vigilância constante e por uma maturidade institucional que hoje sustenta a competitividade do país nos mercados mais exigentes do mundo.

E para os profissionais que estão apenas começando a trilhar esse caminho, Caron deixa uma mensagem: “Sejam curiosos, atentos aos detalhes e comprometidos com a melhoria contínua. A sanidade animal exige olhar clínico, disciplina e atualização constante. Lembrem-se: muitas vezes, são os pequenos detalhes bem executados que fazem toda a diferença na prevenção de grandes problemas sanitários, pois, o futuro da sanidade animal será construído com integração, inovação, cooperação internacional e investimento contínuo em conhecimento”, conclui.



## SUINOCULTURA: SANIDADE COMO ALICERCE DA COMPETITIVIDADE SUSTENTÁVEL

Na suinocultura brasileira, os últimos 20 anos foram marcados por avanços sanitários estratégicos, que consolidaram o país como um dos principais produtores e exportadores mundiais. Para Karine Ludwig Takeuti, professora adjunta da Universidade Feevale e há 14 anos atuando no setor, os marcos mais relevantes dizem respeito ao enfrentamento e controle de enfermidades de alto impacto zootécnico e econômico.

“Programas de erradicação de doenças como Febre Aftosa e Peste Suína Clássica foram fundamentais. No caso da PSC, ainda estamos em execução da erradicação nas zonas não livres, mas o avanço já é significati-

vo”, destaca Karine. A especialista também chama atenção para a importância da segmentação territorial em zonas livres e não livres, o que, segundo ela, teve efeito direto na valorização da suinocultura nacional perante o mercado internacional.

Essa regionalização sanitária, além de reforçar a credibilidade do país, também ampliou o escopo das ações de controle dentro das granjas. “Além das doenças de notificação obrigatória, também evoluímos muito nas estratégias de controle de enfermidades endêmicas em granjas comerciais, algo que, no passado, era menos frequente”, pontua.

Um capítulo a parte nesse pro- ►

cesso foi o fortalecimento da biosseguridade. A suinocultura, como outros setores da produção animal, passou a integrar práticas mais estruturadas e tecnológicas, muitas delas motivadas por emergências sanitárias globais — como a disseminação da Peste Suína Africana em diferentes continentes.

“Sem dúvidas, a biosseguridade evoluiu muito, especialmente com a emergência e reemergência de doenças de alto impacto econômico. Os próprios programas do MAPA impulsionaram esse avanço, como o sistema de compartimentação, o uso do quarentenário de Cananéia e a monitoria sistemática em granjas de reprodutores certificados (GRSC)”, explica Karine.

Na prática, essas medidas permitiram que importantes regiões produtoras mantivessem ou conquistassem status de livre para doenças como a Febre Aftosa, PSC, PSA, PRRS e Diarreia Epidêmica Suína. No entanto, a professora ressalta que ainda há uma lacuna importante a ser superada: “Avançamos muito em relação às doenças virais, mas ainda precisamos de mais estudos sobre o impacto das práticas de biosseguridade no controle de doenças bacterianas.”

Essas enfermidades, embora menos letais, comprometem seriamente o desempenho zootécnico dos animais e aumentam os custos de produção a médio e longo prazo. A observação de Karine aponta para a necessidade de ampliar a visão de biosseguridade, incorporando uma abordagem mais holística, que contemple tanto a prevenção de epidemias quanto o manejo criterioso de desafios sanitários crônicos.

**IMPACTO TECNOLÓGICO.** A evolução sanitária da suinocultura nas últimas duas décadas também foi fortemente impulsionada pelo avanço de tecnologias diagnósticas e vacinais. “A redução de custos e a maior acessibilidade a testes de alta sensibilidade e especificidade, como os moleculares, foi um divisor de águas para a nossa área”, afirma Karine. Segundo ela, o diagnóstico molecular não apenas acelerou a detecção de agentes, mas também ampliou a capacidade de identificar variantes, cepas e sorotipos específicos, o que tornou as estratégias de



**KARINE LUDWIG TAKEUTI**, PROFESSORA ADJUNTA DA UNIVERSIDADE FEEVALE E HÁ 14 ANOS ATUANDO NO SETOR

controle mais direcionadas e eficazes.

Esse aprimoramento do diagnóstico andou lado a lado com o avanço das vacinas, especialmente as autógenas, que se consolidaram como ferramenta importante para coberturas vacinais mais personalizadas e aderentes à realidade sanitária de cada granja. “O surgimento de novas empresas e produtos nesse segmento favoreceu muito o controle de doenças com foco mais individualizado e regionalizado”, comenta.

Já no campo das inovações emergentes, a inteligência artificial começa a ocupar espaço nas discussões sobre o futuro da sanidade animal. Embora sua aplicação prática ainda esteja em fase inicial, Karine acredita que o potencial da tecnologia é promissor. “A IA pode se tornar uma grande aliada na detecção precoce de doenças e no auxílio à tomada de decisão por parte de produtores e médicos-veterinários. Mas ainda há um longo caminho de desenvolvimento até que isso se torne rotina nas granjas”, pondera.

Outro ponto de reflexão é o avanço — e os desafios — da integração entre saúde animal, saúde humana e ambiental, dentro da perspectiva do conceito One Health. A pesquisadora reconhece que o tema ganhou visibilidade nos últimos anos, mas ainda enfrenta barreiras de implementação no Brasil. “Precisamos difundir melhor esse conceito e desenvolver estratégias reais de integração. Os profissionais do setor têm que entender que essa conexão pode trazer ganhos concretos para a produção e para a saúde pública como um todo.”

Um exemplo citado por ela é o uso de antimicrobianos na produção animal, tema que mobiliza discussões globais. “A meu ver, é possível repensar o uso de antibióticos, mas isso exige uma base mais sólida de manejo. Infelizmente, em muitos casos, a antibioticoterapia virou substituto de práticas básicas que foram negligenciadas ao longo do tempo”, alerta Karine. A mudança, segundo ela, não depende apenas de protocolos mais rígidos, mas de uma transformação cultural que valorize novamente a prevenção, o manejo de excelência e o bem-estar como pilares fundamentais da sanidade.

**OBSTÁCULOS À FRENTE.** Mesmo com tantos avanços, a sanidade suína ainda enfrenta desafios complexos e persistentes. Para Karine, a emergência e reemergência de enfermidades continua exigindo vigilância constante. “Nos últimos 20 anos, passamos por surtos importantes no Brasil, como Circovirose, Influenza, Disenteria, Senecavirus e Estreptococose. São doenças que demandam respostas rápidas e eficazes, e que continuam desafiando a estabilidade sanitária das granjas”, ressalta.

No cenário global, os riscos são ainda mais intensos, com destaque para a disseminação de agentes altamente contagiosos e devastadores, como a Peste Suína Africana, a Diarreia Epidêmica Suína, a Febre Aftosa e a PRRS (Síndrome Reprodutiva e Respiratória dos Suínos). Mesmo sem registros ativos de algumas dessas doenças no Brasil, a suinocultura nacional segue em alerta, justamente para preservar o status sanitário conquistado com tanto esforço.

Dentro das granjas, os desafios entéricos e respiratórios permanecem como problemas crônicos e difíceis de controlar. “Para muitos desses agentes, não temos vacinas com proteção completa. Isso nos obriga a adotar medidas de controle complementares, que são mais complexas, exigem maior envolvimento técnico e, muitas vezes, têm custos operacionais mais elevados”, explica. Esse cenário tem motivado discussões antes raras no setor: a possibilidade de erradicar determinados patógenos de forma estratégica. “Essa ideia era quase impensável há algumas dé-

çadas. Hoje, já se considera essa abordagem como viável, especialmente diante de doenças que comprometem sistematicamente o desempenho zootécnico.”

**AS LACUNAS DO AMANHÃ.** Pensando no futuro, a pesquisadora aponta prioridades claras para os próximos ciclos de investimento. “Precisamos avançar em diagnóstico — tanto nas técnicas quanto nos tipos de amostragem — e ampliar os programas de capacitação para reforçar a importância das práticas de biossegurança”, defende. Ela destaca que, embora o setor tenha amadurecido nesse aspecto, ainda há lacunas importantes na aplicação de medidas preventivas básicas. Um exemplo é o uso de quarentenários, prática ainda subvalorizada no Brasil. “Como somos livres de doenças com alta mortalidade, muitos produtores não veem urgência nessa medida. Mas a entrada de animais de reposição é uma das principais vias de introdução de agentes infecciosos. Ignorar isso é um risco.”

Além disso, a especialista enxerga na inovação vacinal um campo promissor — e ainda carente de evolução quando comparado a outros segmentos da produção animal. “Precisamos de antígenos mais imunogênicos, diluentes mais eficientes e até mesmo novas vias de aplicação, que reduzam o estresse animal e a necessidade de mão de obra. Isso teria impacto direto na eficácia dos programas vacinais e também no bem-estar dos animais.”

Para os profissionais que estão ingressando na área sanitária da suinocultura, a especialista recomenda: “É fundamental estar sempre atento às novidades, pois a sanidade de suínos está em constante transformação. Os profissionais precisam se especializar e buscar atualização frequente para acompanhar essas mudanças, além de valorizar o trabalho em equipe com todos os profissionais envolvidos na cadeia produtiva são essenciais”, destaca.



## BOVINOS LEITE: CONTROLE E ERRADICAÇÃO DE DOENÇAS EM DESTAQUE

Na bovinocultura leiteira, os últimos 20 anos foram marcados por conquistas sanitárias decisivas que impulsionaram o desenvolvimento sustentável do setor. Para Elaine Maria Seles Dorneles, docente e chefe do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras, o controle e a erradicação da febre aftosa representam um marco histórico para o Brasil.

“A conquista da condição de país livre de febre aftosa, com ou sem vacinação, é resultado do compromisso do serviço oficial e do setor produtivo, e tem sido fundamental para abrir mercados internacionais e consolidar o Brasil como líder global na produção e exportação de carne bovina,” destaca Elaine. Além disso, ela ressalta a importância do Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e Tuberculose (PNCEBT), criado em 2001, como um avanço estrutural que transformou a abordagem sanitária no país.

“O PNCEBT sinalizou a preocupação com essas zoonoses e fo-

mentou a padronização de procedimentos, a integração entre setores público e privado, e a ampliação do debate técnico e científico. Observamos crescimento na adesão ao programa, melhorias nos métodos diagnósticos e a adoção de medidas como o abate sanitário de animais positivos e exames obrigatórios para o trânsito,” explica a especialista.

Ela reconhece, no entanto, que o caminho para a erradicação definitiva da brucelose e tuberculose ainda exige continuidade, investimentos e inovação. “Os avanços são notáveis, mas ainda há desafios que precisam ser superados para garantir a saúde animal e pública.”

No que tange à biossegurança, Elaine aponta avanços importantes, especialmente em propriedades de maior porte e tecnificação, que adotaram protocolos mais rigorosos de monitoramento, diagnóstico preventivo e calendários vacinais. “A adoção sistemática dessas práticas contribuiu diretamente para reduzir o risco de introdução e disse- ▶

minação de enfermidades,” afirma.

Outro aspecto fundamental destacado é o rigor na aquisição de animais, que tem sido utilizado como uma barreira eficaz para evitar a entrada de agentes infecciosos nos rebanhos. Apesar disso, ela alerta que ainda há obstáculos a vencer para ampliar a implementação de barreiras físicas, segregação de categorias, rastreabilidade individual e gestão integrada das informações sanitárias.

A gestão da sanidade na bovino-cultura leiteira passou por transformações significativas, especialmente com a maior disponibilidade de ferramentas de diagnóstico diretamente nas propriedades. Elaine Dorneles destaca que “isso permitiu tomadas de decisão mais ágeis e assertivas, com impacto expressivo no manejo da mastite e no diagnóstico de outras doenças como metrite, BVD e diarreias neonatais.”

Outro avanço importante foi o aprimoramento das vacinas disponíveis, que hoje oferecem maior diversidade e qualidade. “Essa evolução possibilita a personalização dos calendários sanitários, adaptando-os às particularidades de cada sistema produtivo e categoria animal, o que é fundamental para integrar a sanidade ao manejo diário de forma estratégica.”

Quanto às tecnologias emergentes, como sensores, inteligência artificial e softwares de gestão sanitária, Elaine observa que “estamos em um momento de transição. Essas ferramentas já começam a ser adotadas nas propriedades mais tecnificadas, mas o salto em termos de ampla adoção e impacto real sobre diagnóstico precoce e prevenção ainda está por vir.” Para ela, o futuro reserva uma revolução tecnológica que deve gerar ganhos importantes em bem-estar animal, produtividade e uso racional de medicamentos.

Sobre o conceito de One Health, Elaine ressalta que ele “ganhou força nos últimos anos, com avanços no reconhecimento dessa interdependência tanto no meio técnico quanto nas políticas públicas.” A pandemia de COVID-19 foi um marco nesse movimento, trazendo o tema para o centro das discussões globais de saúde pública.

Apesar disso, a implementação prática ainda é incipiente em muitas cadeias produtivas, sobretudo na bo-



**ELAINE DORNELES** É DOCENTE E CHEFE DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

vinocultura. “Existem exemplos concretos de cooperação, como a atuação conjunta entre saúde pública e defesa sanitária animal no combate à brucelose em alguns estados, o que tem trazido benefícios para a saúde humana e dos rebanhos,” comenta.

**OS DESAFIOS DO SETOR.** A professora destaca a mastite como o mais relevante e persistente desafios sanitários. “É uma doença de manejo diário, impossível de ser erradicada, mas que pode e deve ser mantida sob controle com estratégias definidas de prevenção e monitoramento.”

Além da mastite, Elaine ressalta os problemas reprodutivos, com destaque para doenças como metrite, brucelose, leptospirose e neosporose, que afetam diretamente a fertilidade e a sustentabilidade dos sistemas de produção. “A leptospirose é causa importante de perdas embrionárias, e a neosporose se consolidou como principal causa de aborto infeccioso em vacas leiteiras.”

Na fase de recria, os desafios continuam semelhantes aos do passado, com tristeza parasitária, pneumonias e diarreias ainda figurando entre os principais problemas. “Hoje contamos com mais ferramentas para prevenção, diagnóstico precoce e tratamento, permitindo intervenções mais assertivas. Ainda assim, os pilares básicos, como colostragem efi-

ciente com colostro de qualidade e boa cura de umbigo, seguem fundamentais para a saúde dos bezerras.”

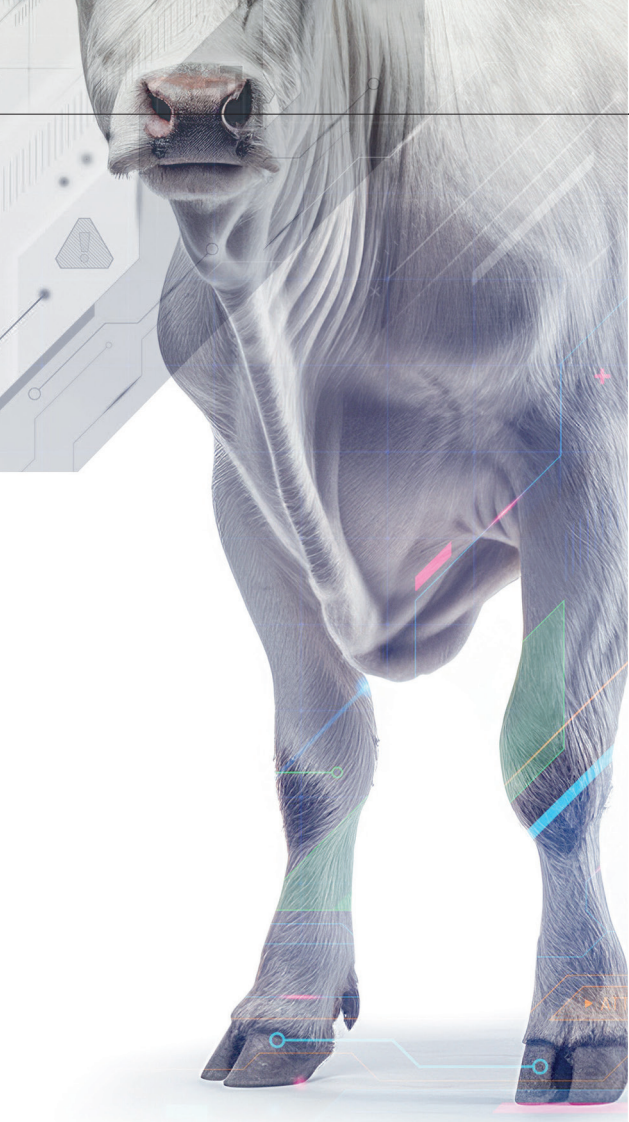
**NO QUE INVESTIR.** Quanto aos aportes prioritários para os próximos anos, Elaine enfatiza a importância de aprimorar o monitoramento e controle das doenças por meio da coleta e análise sistemática de dados. “Sistemas que auxiliem na tomada de decisão, com indicadores bem definidos, podem transformar a gestão sanitária, aumentando a eficiência das intervenções.”

Ela também vê como estratégico o investimento em pequenos laboratórios nas fazendas, capazes de realizar testes simples, como avaliação da qualidade do colostro, diagnóstico de mastite e identificação da tristeza parasitária. “Essas ferramentas proporcionam diagnósticos rápidos e decisões mais embasadas.”

E ressalta a importância de avançar na biossegurança, adotando estratégias estruturadas para evitar a entrada e disseminação de doenças. “Delimitar zonas com diferentes níveis de biossegurança, controlar rigorosamente o acesso e realizar manejo separado por categorias podem fazer grande diferença na prevenção de surtos e na sustentabilidade sanitária a longo prazo.”

**PESQUISA E DESENVOLVIMENTO.** Elaine Dorneles destaca que todo o avanço da pecuária leiteira brasileira nas últimas décadas foi sustentado por investimentos contínuos em ciência. “Um futuro promissor para a saúde animal no Brasil dependerá de decisões fundamentadas em evidências científicas.” Ela ressalta que inovações em biotecnologia reprodutiva, desenvolvimento de vacinas mais eficazes, avanços nos métodos diagnósticos, melhoramento genético e evolução na nutrição animal são exemplos concretos do papel central da pesquisa no impulso à produtividade e sustentabilidade do setor.

“A ciência tem sido — e continuará a ser — um dos pilares fundamentais da liderança brasileira na produção de alimentos de origem animal”, afirma. Ela reforça que, quando aliada à inovação tecnológica, a ciência abre caminhos para soluções mais precisas, éticas e eficientes, benefi-



## BOVINOS DE CORTE: SANIDADE E GENÉTICA COMO PILARES DA PECUÁRIA BRASILEIRA

A pecuária de corte brasileira vive um momento de transformação, impulsionada pela busca constante por produtividade, eficiência e sustentabilidade. Dois pilares fundamentais sustentam essa evolução: a sanidade animal e o melhoramento genético. Quando integrados de forma estratégica, esses elementos garantem que o potencial do rebanho seja plenamente alcançado, contribuindo para o aumento da rentabilidade e a valorização da produção nacional.

Para Carlos Eduardo Godoy, gerente de Marketing LATAM da Biogénesis Bagó, que acumula 25 anos de experiência no setor, o marco mais significativo dos últimos 20 anos foi a erradicação da febre aftosa em regiões livres sem vacinação, resultado do progresso contínuo do Plano Estratégico de Erradicação da Febre Aftosa (PENEFA). Esse esforço culminou no reconhecimento internacional do Brasil pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), fortalecendo a imagem do país como produtor seguro e confiável.

Outro avanço essencial, segundo ele, foi o controle e a regionalização da brucelose e tuberculose bovina. A consolidação dos programas oficiais, com campanhas de vacinação e testes obrigatórios, tem sido fundamental para conter essas zoonoses e proteger tanto os rebanhos quanto a saúde pública.

Carlos destaca ainda a criação e aprimoramento do Sistema de Identificação e Rastreabilidade (SISBOV), que trouxe mais segurança e transparência ao controle da movimentação e comercialização dos animais. “A rastreabilidade é hoje um pilar que fortalece a confiança dos mercados nacionais e internacionais na pecuária brasileira.”

A implementação de normas regulatórias mais rigorosas para o uso de antimicrobianos tam-

bém merece destaque, alinhando o Brasil às melhores práticas globais para o combate à resistência bacteriana — um tema de importância crescente para a sustentabilidade da produção.

Ele destaca também o papel fundamental da capacitação técnica, que tem sido promovida por iniciativas públicas e privadas, elevando a conscientização sobre a importância da biossegurança integrada em toda a cadeia produtiva, desde as propriedades até os transportes e abatedouros.

**DESAFIOS DO SETOR DE CARNE BOVINA.** Sobre os desafios sanitários atuais na pecuária de corte, ele aponta para a manutenção das áreas livres de febre aftosa sem vacinação, um desafio constante diante da pressão das fronteiras terrestres e do comércio irregular. “O controle da brucelose e tuberculose ainda é uma prioridade, pois essas doenças permanecem prevalentes em diversas regiões”, ressalta.

Outro ponto crítico é o aumento da resistência antimicrobiana, associado ao uso inadequado ▶

ciando diretamente a saúde dos animais, a saúde pública, o meio ambiente, a segurança alimentar e a competitividade do setor. “Produzir com responsabilidade, qualidade e respeito à vida passa, necessariamente, por investir em conhecimento. Saúde animal e inovação sempre caminharam juntas, e é assim que devemos seguir para o avanço do Brasil.”

**MENSAGEM PARA OS NOVOS PROFSSIONAIS DA ÁREA SANITÁRIA.** “A sanidade animal não deve ser vista apenas como requisito técnico, mas como um pilar estratégico para a sustentabilidade e competitividade da produção brasileira. Não adianta investir em tecnologias de ponta se o básico — controle e prevenção de doenças infecciosas — não for bem executado. A lucratividade trazida por inovações em reprodução, nutrição e manejo se perde facilmente quando práticas sanitárias essenciais são negligenciadas. Sanidade mal feita come essa lucratividade no café da manhã.”

**CARLOS EDUARDO GODDY,** GERENTE DE MARKETING LATAM DA BIOGÉNESIS BAGÓ



de medicamentos. Carlos também menciona a ameaça representada pela invasão e adaptação de novas doenças emergentes e zoonoses, além da importância de garantir a adesão de pequenos e médios produtores às práticas de controle sanitário estratégico, um dos maiores desafios para a sanidade do setor.

Quanto aos investimentos prioritários em sanidade e biossegurança para os próximos anos, Carlos destaca o fortalecimento dos programas de vacinação e a vigilância epidemiológica como pilares fundamentais. Ele reforça a necessidade de conscientização sobre o uso estratégico dos recursos tecnológicos e a ampliação da capacitação técnica em biossegurança e manejo sanitário para todos os elos da cadeia produtiva.

“Investir em tecnologias de diagnóstico rápido e monitoramento remoto será essencial, assim como aprimorar a rastreabilidade e a digitalização dos processos sanitários”, acrescenta. “Além disso, o incentivo a práticas sustentáveis, que assegurem a saúde do meio ambiente em harmonia com a produção animal, deve ser uma prioridade constante.”

Carlos compartilha sua visão sobre o papel da inovação tecnológica e da ciência para o futuro da saúde animal no Brasil. Ele acredita que a biotecnologia, responsável pelo desenvolvimento de vacinas e terapias mais eficazes e específicas, estará no centro das transformações. “O uso da inteligência artificial para prever e controlar doenças, otimizar o manejo sanitário, e ferramentas de melhoramento genético que aumentem a resistência das raças às enfermidades terão papel fundamental”, avalia. “A integração de dados, facilitando decisões baseadas em evidências e envolvendo governo, setor privado e produtores, será um diferencial decisivo para o avanço do setor.”

**EXIGÊNCIAS SANITÁRIAS E TENDÊNCIAS FUTURAS.** Ao ser questionado sobre a preparação da cadeia produtiva para atender às novas demandas nacionais e interna-

cionais relacionadas à sanidade e rastreabilidade, Carlos Godoy reconhece que pequenos e médios produtores ainda enfrentam desafios relacionados à infraestrutura e ao conhecimento técnico. “A rastreabilidade e a certificação já são diferenciais competitivos importantes, mas precisam ser ampliadas para toda a cadeia”, explica. “O mercado internacional exige cada vez mais transparência, comprovação sanitária e práticas sustentáveis, o que gera uma pressão positiva para a evolução contínua do setor. Na minha visão, esse é um caminho sem volta, e o atraso na adoção dessas práticas pode significar perda de competitividade.”

Outro ponto importante é a digitalização completa da cadeia produtiva, com uso intensivo de dados para a gestão sanitária. “A maior integração dos conceitos One Health em políticas públicas e práticas do setor fará com que a pecuária seja mais exigida e, ao mesmo tempo, mais valorizada pela sociedade”, afirma.

Carlos define a evolução da sanidade animal no Brasil nas últimas duas décadas como um “caminho de avanços significativos”. Ele enfatiza o aumento da gestão no controle de doenças, a modernização dos processos, a adoção de tecnologias inovadoras e o alinhamento crescente com padrões internacionais.

**MENSAGEM PARA OS PROFISSIONAIS QUE ESTÃO ENTRANDO AGORA NO SETOR.** “A sanidade animal é um dos pilares fundamentais — se não o mais importante — para a segurança alimentar, para a saúde pública e para a economia produtiva. É fundamental buscar atualização constante e compreender a velocidade exponencial com que esse pilar se movimenta. O trabalho de quem atua nessa área impacta não só o animal, mas toda a cadeia produtiva e a sociedade como um todo. Inovação, ética e colaboração são as chaves para o sucesso e para um futuro promissor da saúde animal.”

## AQUICULTURA: DESAFIOS SANITÁRIOS E AVANÇOS EM BIOSSEGURIDADE

A piscicultura brasileira tem se destacado nos últimos anos como um dos setores mais promissores do agronegócio nacional. No entanto, o crescimento expressivo da produção trouxe também desafios sanitários complexos, especialmente no controle de enfermidades que afetam os peixes desde a fase de alevinos até a engorda.

Para aprofundar Francisco Medeiros, presidente da Peixe BR, entidade que representa os interesses da cadeia produtiva da piscicultura no Brasil, os principais marcos sanitários das últimas duas décadas refletem tanto o avanço da produção quanto os obstáculos enfrentados. “Com o crescimento da pisci-

cultura, tivemos um aumento significativo das doenças que acometem as espécies cultivadas, o que é um fenômeno comum em todo o mundo animal de cultivo”, explica. Os maiores desafios envolvem bactérias e vírus que atuam em todas as fases produtivas, exigindo estratégias de biossegurança cada vez mais rigorosas.

Hoje, o Brasil conta com um sistema de diagnóstico avançado e uma indústria farmacêutica que tem investido no desenvolvimento de vacinas para enfrentar esses novos desafios sanitários. Porém, Francisco aponta um contraste no cenário regulatório: “Infelizmente, não houve avanços em programas oficiais que melhorassem a competitividade do setor. Pelo contrário, temos visto a criação contínua de novos atos regulatórios que, atualmente, tornam a tilapicultura a mais regulada do mundo.”

Sobre biossegurança, o presidente da Peixe BR destaca que o setor possui particularidades que o diferenciam, por exemplo, da avicultura, principalmente nos sistemas de produção em tanque-rede. “A Peixe BR criou um manual de biossegurança para a aquicultura no Brasil, com apoio do MAPA, mas sabemos que este é um processo contínuo”, ressalta. Atualmente, muitas empresas estão em processo de implantação de diversas ações de biossegurança, adaptadas às suas realidades específicas.

Quando questionado sobre as tecnologias e estratégias que mais impactaram a sanidade na piscicultura nacional nas últimas duas décadas, Francisco ressalta o papel fundamental dos laboratórios privados. “Eles são atualmente uma das principais ferramentas para o conhecimento do status sanitário dos rebanhos, além de suportar o monitoramento contínuo e a tomada de decisão por parte dos produtores”, explica. Para reforçar a busca por soluções eficazes, a Peixe BR mantém um comitê de sanidade que reúne representantes de todas as empresas do setor, com forte apoio acadêmico, especialmente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por meio dos professores Carlos Leal e Henrique Figueiredo.

Sobre a integração entre saúde animal, humana e meio ambiente, conceito conhecido como *One Health*, Fran-

cisco destaca que, embora seja uma ideia moderna e essencial, ainda há muito espaço para evolução na cadeia do pescado brasileira. “Temos regiões no Sudeste e Sul do país com sistemas de controle altamente desenvolvidos, mas outras áreas ainda apresentam níveis inferiores de controle sanitário”, analisa. Ele reforça que é imprescindível melhorar a qualidade sanitária dos peixes não apenas para garantir a saúde dos próprios animais, mas principalmente para assegurar que o consumidor final receba um alimento seguro e de qualidade.

**INVESTIMENTOS E INOVAÇÃO.** Além dos desafios já conhecidos relacionados a bactérias e vírus, o setor enfrenta um risco preocupante: o vírus TiLV (Tilapia Lake Virus). “Atualmente, o Brasil é considerado área livre deste vírus, porém o MAPA autorizou a importação de tilápia do Vietnã, onde o vírus já está presente”, alerta. Ele explica que o setor produtivo elaborou um extenso material técnico para o Ministério, que chegou a suspender temporariamente a importação. Contudo, por acordos comerciais entre os governos do Brasil e Vietnã, especialmente relacionados à exportação de carne bovina, a importação de tilápia foi liberada sem a devida consideração ao risco sanitário. Francisco também chama atenção para a presença de bactérias em cultivos asiáticos que podem causar sérios danos à saúde humana.

Sobre as prioridades de investimento em sanidade e biossegurança para os próximos anos, ele reforça a importância do avanço das vacinas, mas também destaca a necessidade urgente de agilizar a burocracia governamental para liberação de novos produtos. “As enfermidades se propagam muito mais rápido do que o processo legal para aprovação de novas moléculas”, observa. Além disso, aponta como fundamental o investimento em biotecnologia, especialmente na identificação de marcadores genéticos para seleção de peixes mais resistentes a doenças e condições ambientais adversas.

Ele reforça que a sustentabilidade sanitária será um tema central para a tilapicultura até 2030. “Quando a sustentabilidade sanitária não acontece, o produtor quebra. É um conceito super

atual e obrigatório nas nossas atividades”, destaca. Ele lembra que a sanidade representa hoje um dos maiores riscos para a tilapicultura, não só no Brasil, mas globalmente. Recentemente, patógenos causaram quedas drásticas na produção em países como México e Colômbia, o que reforça a tendência de maiores investimentos em medidas preventivas para o futuro.

Ao resumir a evolução da sanidade animal na tilapicultura brasileira nas últimas duas décadas, Francisco avalia que a presença das principais empresas globais do setor no Brasil, junto à forte parceria entre iniciativa privada e centros acadêmicos de pesquisa, cria uma base sólida para a competitividade nacional. “Tivemos períodos mais críticos, mas os avanços nos mantêm ativos no negócio. O maior risco atualmente é a ação política e a burocracia dos órgãos reguladores”, analisa.

**PARA OS PROFISSIONAIS QUE ESTÃO INGRESSANDO NA ÁREA SANITÁRIA DO SETOR.** “Toda atividade do agronegócio, à medida que aumenta a produção, eleva os riscos sanitários, seja no vegetal ou animal. A tilápia, como a última proteína a chegar no mix do produtor brasileiro, está criando suas estruturas para reduzir esses riscos. Sabemos que vamos conviver com eles para sempre, então, como escoteiros, temos que estar SEMPRE ALERTAS.” ■

FRANCISCO  
MEDEIROS,  
PRESIDENTE  
DA PEIXE BR



# TARIFAÇÃO DOS EUA: O XEQUE-MATE NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO?

NOVA TARIFA DE 50% ELEVA CUSTO DA CARNE BOVINA BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS E PODE REDUZIR PELA METADE OS EMBARQUES AO PAÍS;  
**SETOR APOSTA NA DIVERSIFICAÇÃO E NA RETRAÇÃO GLOBAL DA OFERTA** PARA MANTER COMPETITIVIDADE

CAROLINE MENDES

caroline@dc7comunica.com.br

**O** anúncio de tarifas de 50% sobre produtos brasileiros pelos Estados Unidos, com vigência a partir de 1º de agosto de 2025, reacende o debate sobre o protecionismo global. Roberto Perosa, presidente da Abiec, destaca a gravidade da situação, mencionando que o vice-presidente Geraldo Alckmin já está estudando ações para mitigar esses impactos, como novas linhas de crédito e financiamento para o setor exportador. Perosa ressalta que os EUA são o segundo maior mercado de carne bovina para o Brasil, absorvendo cerca de 400 mil toneladas

anuais, um volume que nenhum outro mercado pode absorver integralmente de imediato. Embora seja difícil afirmar que essa medida isolada represente uma mudança de tendência mundial, o analista sênior do Rabobank, Wagner Yanaguizawa, destaca que, no mercado de proteína animal, questões climáticas e de saúde animal têm sido tão disruptivas quanto as geopolíticas, forçando um rearranjo na cadeia global de suprimentos. Nos EUA, o setor de pecuária de corte enfrenta desafios significativos, como o aumento dos custos de produção e a redução dos estoques de gado, o que tem levado a medidas protecio-



nistas para proteger a indústria local.

Essa barreira tarifária, que elevará a tarifa total para 76,4% para a carne bovina brasileira, deve reduzir em 50% o volume de importação pelos EUA a partir de agosto. Contudo, Yanagizawa ressalta que, mesmo com essa queda, o Brasil ainda pode aumentar em 10% suas exportações para os EUA em 2025, comparado a 2024, indicando a resiliência do setor. Perosa complementa que o mercado dos EUA era altamente rentável, próximo ao Brasil e com alta demanda, sendo um “cliente bom, bom pagador, bom demandante” que agora foi perdido. O protecionismo, como política econômica, busca proteger indústrias nacionais, salvaguardar empregos e promover a segurança nacional, mas pode gerar ineficiências e disputas comerciais, como as que o Brasil agora enfrenta.

**A ESTRATÉGIA DE DIVERSIFICAÇÃO DE MERCADOS.** Diante desse cenário, a diversificação de mercados emerge como a principal estratégia para o Brasil amortecer os impactos das barreiras tarifárias. Segundo Yanagizawa, essa diversificação tem sido feita com sucesso pelo setor exportador brasileiro, com redirecionamento para mercados como Oriente Médio, Ásia, México e Egito. A queda projetada de 2% na oferta global de carne em 2025, somada a questões sanitárias na Europa (língua azul) e a redução na produção dos EUA, maior produtor global, favorece o Brasil em termos de competitividade, tanto por preço quanto por biossegurança. Há também a expectativa de maior demanda da China no segundo semestre, o que deve impulsionar ainda mais os embarques brasileiros.

Grandes empresas como JBS, Marfrig e Minerva, por exemplo, já possuem uma forte diversificação geográfica e de portfólio, o que as protege significativamente contra choques de mercado. A JBS, com metade de sua receita gerada nos EUA a partir de operações locais, é praticamente imune à tarifa, e a exportação do Brasil representa uma parcela mínima de sua receita total. A Minerva e a Marfrig também mitigam os riscos através de operações em outros países e diversificação de produtos, demonstrando que



“O TARIFAÇO INVERTEU A TENDÊNCIA DO MERCADO FUTURO. O PRODUTOR PRECISA USAR FERRAMENTAS DE PROTEÇÃO DE MARGEM”.  
PONTUA **WAGNER YANAGUIZAWA, RABOBANK**

a capacidade de diluir riscos é crucial para a solidez financeira do setor. Essa estratégia de diversificação não apenas minimiza os impactos negativos das tarifas, mas também fortalece a posição do Brasil como um player global no agronegócio.

#### **A RENTABILIDADE DO PRODUTOR RURAL E OS PREÇOS INTERNOS DA CARNE.**

O tarifaço imposto pelos EUA já começa a impactar diretamente a rentabilidade do produtor rural brasileiro. O principal fator, já sentido pelos pecuaristas que produzem carne bovina para os EUA, é a queda nos preços em um momento em que a cotação do gado vivo deveria estar sinalizando tendência de alta. Embora seja difícil quantificar a porcentagem exata da queda nas margens, Wagner Yanagizawa enfatiza a importância do uso de ferramentas como derivativos para proteção de margem. Roberto Perosa complementa que o impacto financeiro estimado para o restante do ano é de cerca de US\$ 1 bilhão. Ele afirma que os empregos no setor serão mantidos, pois a indústria permanece produzindo, mas a indústria sofre perda de competitividade. Além da tarifa dos EUA, a investigação chine-



“O IMPACTO FINANCEIRO ESTIMADO PARA O RESTANTE DO ANO É DE CERCA DE UM BILHÃO DE DÓLARES”,  
DIZ **ROBERTO PEROSA, PRESIDENTE DA ABIEC**

sa sobre as importações de carne bovina, iniciada em dezembro de 2024, representa outro risco significativo. Uma nova

tarifa ou a aplicação de cotas pela China, somada à provável perda de competitividade no mercado local frente a proteínas mais baratas, pode limitar a recuperação de preços projetada pelo mercado futuro.

No atacado e varejo, o tarifaço já derrubou os preços da carne e de outras commodities, como frutas, no Brasil. Dados recentes indicam que o preço da carne no atacado brasileiro caiu 7,8% entre 24 de junho e 21 de julho, e a arroba do boi gordo teve redução semelhante de 7,5%. Essa queda, embora benéfica para o consumidor no curto prazo, prejudica profundamente as margens de frigoríficos e produtores integrados, podendo desencadear uma contração da oferta e paralisação de plantas industriais. O redirecionamento forçado dessas proteínas ao mercado interno, que antes seriam exportadas, aumenta a oferta doméstica e pressiona os preços para baixo, criando um cenário desafiador para a cadeia produtiva. Perosa alerta que essa queda de preço no mercado interno, embora possa acontecer, é muito prejudicial à cadeia, ►

podendo causar um desarranjo e perda de rentabilidade, e até mesmo diminuir a produção de carne a médio prazo, gerando risco de falta de carne no futuro. Ele enfatiza a importância de manter os mercados abertos para garantir a estabilidade dos preços internos.

## O IMPACTO NA INDÚSTRIA E AS CONSEQUÊNCIAS MACROECONÔMICAS.

Além do agronegócio, a indústria brasileira também sentirá os efeitos do tarifaço, com destaque para o setor aeronáutico. A Embraer, terceira maior fabricante de jatos comerciais do mundo, que tem aproximadamente 85% de seu faturamento proveniente de exportações concentradas nos EUA e na União Europeia, pode enfrentar uma quebra de previsibilidade contratual e a possível suspensão de encomendas. Projeções indicam uma queda de até 60% nas entregas internacionais no segundo semestre de 2025, resultando em perdas diretas superiores a US\$ 1 bilhão. Mais do que o impacto financeiro, há o risco de desmantelamento parcial de uma das poucas cadeias de valor industrial de alta tecnologia que o Brasil possui com inserção global.

Do ponto de vista macroeconômico, o tarifaço deve gerar um impacto imediato sobre o câmbio. A projeção de queda abrupta nas exportações líquidas reduzirá a entrada de divisas, gerando uma depreciação do real frente ao dólar, estimada entre 5% e 10% no curto prazo. Esse movimento pode ser amplificado por fatores de aversão ao risco e aumento do prêmio de risco-país. Embora os produtos agroexportadores redirecionados ao mercado interno possam causar um arrefecimento temporário dos preços de alimentos, a pressão inflacionária pode surgir de outros setores. Em suma, o tarifaço representa um choque exógeno negativo de grandes proporções, afetando o balanço de pagamentos, a atividade industrial e agropecuária, os níveis de emprego e a arrecadação tributária, exigindo do Brasil uma resposta estratégica e coordenada para mitigar seus efeitos. Roberto Perosa ainda

menciona que as negociações com os EUA podem continuar mesmo após o início da tarifação, e há esperança de um recuo. Ele reforça que a exportação para os EUA era uma operação “ganha-ganha”, e a ausência da carne brasileira pode causar aumento do preço da carne moída nos EUA, impactando a classe média americana. Empresas brasileiras com operações nos EUA, como JBS e Marfrig, não serão diretamente afetadas, pois já produzem para o mercado local, mas deixam de explorar o mercado de exportação do Brasil para os EUA.

## DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA O BRASIL.

O tarifaço imposto pelos EUA é um lembrete contundente da volatilidade do cenário comercial global e da crescente tendência protecionista. Para o Brasil, os desafios são multifacetados, abrangendo desde a rentabilidade do produtor rural e a estabilidade dos preços

## O TARIFAÇO JÁ DERRUBOU OS PREÇOS DA CARNE NO ATACADO BRASILEIRO EM 7,8%, PREJUDICANDO A RENTABILIDADE DOS PRODUTORES

internos da carne até a competitividade de setores industriais de alta tecnologia. A diversificação de mercados, embora crucial e já em andamento, não elimina completamente os riscos, especialmente quando grandes parceiros comerciais como a China também demonstram tendências protecionistas. A capacidade do Brasil de navegar por essas águas turbulentas dependerá de sua agilidade diplomática, da contínua busca por novos mercados e da implementação de políticas internas que fortaleçam a resiliência de sua economia. A proteção das margens dos produtores, o apoio à indústria e a manutenção da estabilidade macroeconômica serão fundamentais para transformar este desafio em uma oportunidade de fortalecer e diversificar ainda mais a economia brasileira no cenário global. ■

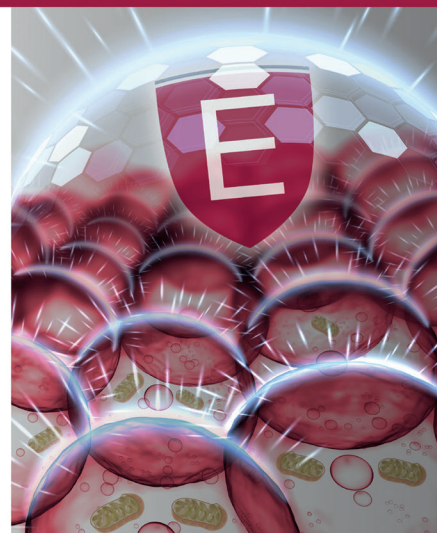


# ELIFE<sup>®</sup> melhora a fertilidade em reprodutores



Elife<sup>®</sup>

Natural cell protection



Elife<sup>®</sup> melhora a função e integridade celular. Auxilia na atividade metabólica que promove a fertilidade de matrizes de corte.



Elife<sup>®</sup>

- Melhora a persistência da postura
- Reduz da taxa de mortalidade das galinhas
- Preserva a cor da gema e melhora o estado redox do ovo
- Melhora a qualidade do sêmen e aumenta a porcentagem de ovos fertilizados
- Reduz a mortalidade embrionária precoce e aumenta a taxa de eclodibilidade dos ovos



Composto de 100% de antioxidantes naturais de origem europeia.

Entre em contato com seu representante de vendas pelo e-mail [comercial@impextraco.com.br](mailto:comercial@impextraco.com.br) ou acesse [www.impextraco.com.br](http://www.impextraco.com.br) para saber mais

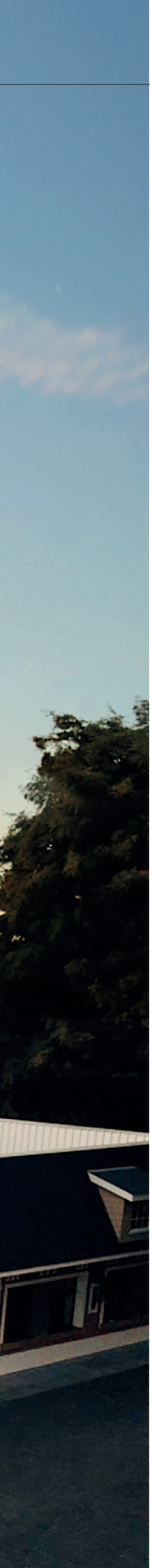
# TAKE 5: FÉ, FOCO E UNIÃO

PIONEIRISMO E SOLIDEZ MARCAM A TRAJETÓRIA DA  
**CASTROLANDA**, COOPERATIVA QUE ALIA TRADIÇÃO HOLANDESA,  
TECNOLOGIA DE PONTA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

**CAMILA SANTOS**

[camila@dc7comunica.com.br](mailto:camila@dc7comunica.com.br)





**ESTRUTURA** MISTURA  
DE ELEMENTOS  
QUE REMETEM ÀS  
CONSTRUÇÕES NA  
HOLANDA

**F**undada em 1951 por imigrantes holandeses, a Cooperativa Castrolanda nasceu de um projeto ousado e visionário, idealizado por famílias que buscavam recomeçar suas vidas longe da Europa devastada pela guerra. O destino escolhido foi o Brasil, onde encontraram espaço para cultivar raízes e erguer um modelo de produção cooperativista que hoje é referência nacional.

Ainda na Holanda, antes mesmo do embarque, esses imigrantes estabeleceram as bases do que sustentaria a nova comunidade. Três pilares foram definidos como inegociáveis para o sucesso da empreitada: fé, educação e cooperação. Com eles, a Castrolanda começaria a tomar forma, orientada por princípios sólidos e uma forte cultura de organização coletiva.

“Essas famílias, muitas delas vindas de diferentes regiões e que mal se conheciam, sabiam que, para alcançar sustentabilidade e prosperidade no novo país, precisam se unir em torno de valores comuns”, explica Willem Bouwman, que assumiu a presidência da cooperativa em 2019, mas que conta com quase duas décadas de Castrolanda.

De acordo com ele, desde os primeiros anos, a cooperativa desempenhou um papel estratégico na organização da vida produtiva das famílias, oferecendo assistência técnica, apoio financeiro e estrutura de gestão. “Tudo aquilo que o produtor precisava fazer fora da propriedade, a cooperativa estava organizando”, lembra Bouwman.

Ao chegar ao Brasil, entre os anos de 1951 e 1954, os imigrantes holandeses encontraram uma terra repleta de desafios. As áreas destinadas à produção agropecuária eram naturalmente pobres em fertilidade, exigindo um esforço técnico significativo para viabilizar a agricultura. Mas a adversidade não intimidou os recém-chegados.

Com forte espírito empreendedor, esses produtores se dedicaram à correção de solo, ao cultivo de alimentos para os animais e à introdução de genética de qualidade trazida diretamente da Holanda. No início, a atividade leiteira foi a base da produção nas pequenas propriedades. Ao longo do tempo, a cooperativa ampliou

sua atuação para incluir suinocultura, agricultura de grãos e culturas especiais, como a batata.

“Hoje a Castrolanda continua prestando serviços essenciais aos

seus associados, oferecendo assistência técnica, conhecimento, aquisição de insumos, comercialização da produção e também a industrialização do que é produzido nas propriedades”, explica Willem Bouwman.

Ele informa que, atualmente, a cultura mais expressiva no campo é a soja, mas o leite ainda desempenha papel fundamental na economia regional. Segundo Bouwman, o setor lácteo movimentou entre R\$ 1,5 bilhão e R\$ 2 bilhões ao ano. A área de grãos também gira em torno de R\$ 1,5 bilhão, com destaque para milho e soja. Outros setores relevantes incluem insumos agrícolas, medicamentos veterinários, suino- ▶



cultura e as operações comerciais da loja agropecuária da cooperativa.

“Hoje contamos com mais de 1.260 cooperados ativos e representamos uma das forças mais robustas e diversificadas do cooperativismo agropecuário no Brasil, sustentada por uma estrutura técnica moderna e pela confiança mútua entre seus associados”, destaca o presidente.

## COOPERATIVISMO QUE TRANSFORMA TERRITÓRIOS.

Além de base sustentável da atividade agropecuária dos associados, a Castrolanda exerce um papel estratégico no desenvolvimento econômico e social da região onde está inserida. A força do modelo cooperativista vai além das propriedades rurais, reverberando nas cidades, comunidades e setores produtivos ao redor.

“A cooperativa tem um conceito multiplicador muito forte”, afirma Willem Bouwman. “Ela apoia o trabalho dos cooperados no campo, que por sua vez empregam colaboradores, e também mantém um quadro próprio de cerca de 2.400 funcionários diretos, todos beneficiados por esse ecossistema produtivo.”

Esse ciclo virtuoso é sustentado por ações contínuas de capacitação técnica, treinamentos e investimentos em pessoas, que qualificam tanto produtores quanto trabalhadores do setor. A geração de emprego e renda é acompanhada de políticas de valorização do capital humano e reinvestimento local.

Além da assistência técnica e dos serviços prestados aos associados, a Castrolanda também se destaca pela distribuição de resultados financeiros, que permanecem na comuni-



**WILLEM BOUWMAN** É PRESIDENTE DA CASTROLANDA DESDE 2019

dade. “Os lucros apurados no final do exercício são redistribuídos entre os cooperados, o que contribui diretamente para a economia regional. Isso gera receita, fomenta o comércio e fortalece os municípios onde atuamos”, explica o presidente.

Para Bouwman, o modelo cooperativista é a prova de que é possível conciliar eficiência econômica com responsabilidade social. “A cooperativa é uma economia mista. Ela é capitalista, porque gera resultado, mas é social também, porque esse resultado é redistribuído, permanece no território e promove crescimento de forma coletiva.”

## SUSTENTABILIDADE COMO PILAR ESTRATÉGICO.

Na Castrolanda a sustentabilidade é parte da engrenagem que move o modelo cooperativista. Estruturada sobre três pilares fundamentais (econômico, social e ambiental), a atuação da cooperativa busca equilíbrio en-

tre produtividade e responsabilidade, olhando para o futuro sem descuidar do presente.

“É claro que sem equilíbrio econômico não é possível sustentar o social e o ambiental, mas temos uma preocupação constante com todas essas dimensões”, afirma Bouwman. Para ele, a preservação ambiental é condição essencial para garantir a longevidade da cooperativa e a permanência das famílias no campo.

Internamente, a Castrolanda conta com um setor ambiental estruturado, responsável por acompanhar todas as operações industriais e logísticas, incluindo o manejo de resíduos, a gestão de efluentes e o cumprimento das normas ambientais vigentes. “Toda a questão de detritos, resíduos industriais e processos internos é monitorada com muito rigor”.

Esse cuidado também se estende

## A HISTÓRIA



# 1951

Fundação da Castrolanda e chegada dos primeiros imigrantes holandeses em Castro/PR.



# 1954

Cooperativas Batavo e Castrolanda somam forças, nascendo a Coop Central de Laticínios do Paraná Ltda (CCLPL).



# 1962

Inauguração do Escritório da Castrolanda, sediando o setor administrativo e de assistência técnica.



# 1966

Inaugurado o Centro de Treinamento para Pecuáristas na Castrolanda. Em 1978 o setor muda para o posto de fomento, no Maracaná.



# 1970

Inaugurada a nova Fábrica de Rações da Cooperativa Castrolanda.

ao campo. Os produtores associados recebem orientação e apoio técnico para implementar boas práticas ambientais em suas propriedades, com foco especial nas cadeias do leite, grãos e suínos. Entre as ações incentivadas estão o correto manejo de dejetos, descarte adequado de resíduos veterinários e a reciclagem de embalagens.

Um dos projetos que simboliza esse compromisso é a Fazenda do Futuro, que promove a certificação de propriedades rurais com base em critérios ambientais, sociais e de bem-estar animal. “Trabalhamos junto com certificadoras para que os nossos produtores estejam alinhados às exigências do mercado, que está cada vez mais atento à origem e à qualidade da produção”, reforça o presidente.

**COMPETITIVIDADE COM BASE EM CONHECIMENTO E INOVAÇÃO.** Para garantir um desenvolvimento sustentável, equilibrado e competitivo, a Castrolanda investe fortemente em formação técnica, inovação e acesso a tecnologias de ponta. O objetivo é claro: tornar o produtor rural mais eficiente em todos os elos da cadeia produtiva.

“Tudo o que fazemos aqui é para que o nosso cooperado produza melhor, com mais eficiência e sustentabilidade”, destaca que afirma que “desde sua fundação, a cooperativa mantém uma atuação proativa em assistência técnica, capacitando agrônomos, veterinários e técnicos de campo. Esse time atua como ponte entre ciência e campo, traduzindo o conhecimento em práticas aplicáveis no dia a dia das propriedades”, ressalta.

Um dos grandes diferenciais da

## NÚMEROS

# 1.275

COOPERADOS  
(números até fim de 2024)



**915**  
AGRICULTURA



**82**  
SUINOCULTURA



**494**  
BOVINOCULTURA

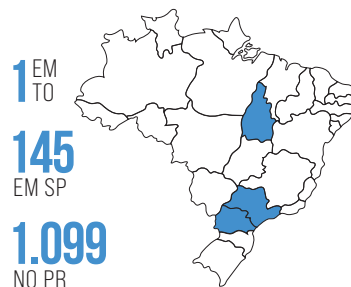


**16**  
OVINOCULTURA



**21**  
BATATICULTURA

### NÚMERO DE COOPERADOS POR ESTADO

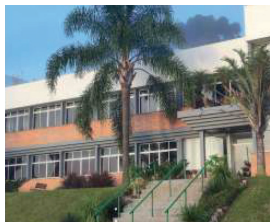


Castrolanda é a parceria com a Fundação ABC, instituição privada de pesquisa agropecuária mantida em conjunto com outras cooperativas da região. “Ela gera informações fundamentais para que nossos técnicos orientem os produtores com base em dados locais e realidades produtivas específicas”, explica Bouwman.

Além disso, a Castrolanda atua diretamente no fomento ao acesso a crédito, melhoria de insumos, estratégias de gestão e adoção de soluções tecnológicas. “Estamos sempre na frente, buscando novas alternativas para apoiar o produtor em tudo o que ele precisa para crescer com qualidade”, resume o presidente.

Entre os eventos estratégicos para impulsionar a inovação está a AgroLeite, considerada a maior feira da América Latina focada na cadeia do leite e reúne os principais players do setor, trazendo novidades em nutrição, sanidade, genética, manejo e sustentabilidade. “É uma oportunidade única para que nossos associados conheçam o que há de mais moderno e tenham acesso direto a essas inovações”, reforça.

O evento, somado às tecnologias implementadas no cotidiano dos produtores representam uma verdadeira transformação contínua. Desde técnicas refinadas de silagem de milho, passando pela adoção do plantio direto - prática que foi amplamente desenvolvida na região com apoio da Fundação ABC -, até a introdução de sementes geneticamente superiores, “tudo é pensado para garantir mais retorno produtivo com menos impacto ambiental”, conta o presidente. ▶



**1984**

Cooperativas de origem holandesa, Batavo (hoje Frísia). Castrolanda e Capal se unem para lançar a Fundação ABC, entidade voltada à pesquisa e desenvolvimento agrícola.

**2001**

Primeira edição do AgroLeite, que se tornaria a maior vitrine tecnológica da cadeia do leite na América Latina.

**2003**

Inaugurada a Unidade de Batata Frita, primeira indústria da Castrolanda.

**2008**

Inaugurada a primeira indústria de laticínios da Castrolanda.

**2014**

Indústrias lácteas da intercooperação chegam a São Paulo.

**2015**

Inaugurada a Cidade do Leite, espaço expositivo e comercial com 15 sobrados da Vila Holandesa.



**CRESCIMENTO COM VISÃO DE FUTURO.**

A solidez da Castrolanda no presente não impede que a cooperativa mantenha os olhos voltados para o futuro. Novos investimentos já estão planejados para os próximos anos, refletindo a confiança no potencial produtivo dos cooperados e o compromisso contínuo com a inovação e a expansão territorial.

“Nosso produtor está constantemente aumentando sua produção de leite. Por isso, estamos investindo na ampliação e modernização das nossas unidades de beneficiamento, para garantir capacidade de recebimento e processamento”, revela Willem. O objetivo é acompanhar o ritmo de crescimento da cadeia leiteira,

um dos pilares da cooperativa.

Outro foco estratégico está na suinocultura, com investimentos em novas unidades de produção de leitões, reforçando o fornecimento para a Cooperativa Central Aurora, da qual a Castrolanda é filiada. A expansão visa aumentar a escala de produção, bem como aprimorar os padrões sanitários e zootécnicos dos plantéis.

Um dos projetos mais ambiciosos em andamento é a expansão geográfica da cooperativa para o Norte do Brasil. Atendendo à demanda dos próprios associados, que vêm ampliando suas atividades agrícolas no Tocantins, a Castrolanda está construindo uma unidade em Co-

linas do Tocantins, com investimento estimado em R\$ 130 milhões. A estrutura contemplará recepção e secagem de grãos, distribuição de insumos e extensão da Fundação ABC para suporte técnico e pesquisa adaptada à nova realidade produtiva.

“Com esses movimentos, a Castrolanda demonstra mais uma vez sua capacidade de antecipar necessidades, acompanhar a evolução do cooperado e gerar impacto positivo em novos territórios. A lógica que orienta essa jornada é a mesma desde 1951: unir forças para crescer de forma coletiva, sustentável e transformadora”, encerra o presidente. ■

**COMPLEXO DA COOPERATIVA EM CASTRO (PR)**



**2017**

Da união da Frísia, Castrolanda e Capal, nasce a Unium. Fundada a partir de princípios da intercooperação, a nova marca representa a evolução natural do cooperativismo na região.



**2019**

Início do Planejamento Estratégico Horizonte, que norteia as ações da Castrolanda até 2024.



**2020**

Inaugurado o novo Prédio Corporativo da Castrolanda.



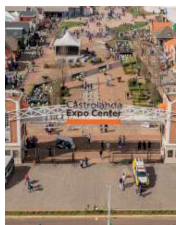
**2021**

Em 70 anos de existência, Castrolanda organiza pela primeira vez uma Assembleia-Geral Ordinária digital.



**2022**

Castrolanda chega à marca de R\$ 7,2 bilhões de faturamento anual, recorde histórico da cooperativa.



**2024**

Lançamento do projeto do Parque Tecnológico Agroleite.



# BRASIL LIVRE DE FEBRE AFTOSA SEM VACINAÇÃO: PASSAPORTE PARA O MUNDO

Enquanto o Brasil era aplaudido, em maio, em Paris, pelo reconhecimento internacional como país livre de febre aftosa sem vacinação, parte das nossas exportações de aves enfrentava restrições em mercados estratégicos devido a um foco isolado de gripe aviária.

O contraste não poderia ser mais emblemático e revelador. De um lado, celebramos um marco histórico: décadas de trabalho conjunto entre governo, setor produtivo e entes federados culminaram na retirada da vacinação contra aftosa, com chancela da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA). Um feito que posiciona o Brasil entre os países com sistemas de vigilância robustos e suficiente para sustentar tamanha confiança.

Do outro, lidamos com a lembrança incômoda de que, no comércio internacional, reconhecimento técnico não imuniza contra a imprevisibilidade. A simples notificação de um foco, por mais isolado e controlado que seja, pode interromper fluxos comerciais e acionar o alerta em parceiros, independentemente da consistência do sistema de defesa adotado.

Essa dualidade escancara uma verdade pouco debatida: a sanidade animal é, hoje, não apenas uma necessidade de política pública e privada, mas uma condição sine qua non para participar do “jogo” do comércio internacional. O status de país livre de aftosa sem vacinação representa um passaporte para novos mercados no futuro próximo, sim, mas impõe um novo tipo de vigilância — uma que exige atenção permanente, reação imediata e tolerância zero ao erro.

Não há atalhos nessa nova etapa. O Brasil precisa intensificar investimentos em “inteligência” sanitária e consolidar sistemas de rastreabilidade. A gripe aviária nos deixou uma lição objetiva: é a velocidade e a transparência da resposta que determinam, cada vez mais, o grau de confiança que o mundo deposita em nós. E penso que nossa resposta foi muito satisfatória, inclusive com diversos elogios internacionais.

Voltando ao novo status de país livre de febre aftosa sem vacinação, sob a ótica do comércio, a certificação reabre e potencializa oportu-

nidades estratégicas em mercados historicamente fechados a fornecedores que não atendem o status agora conseguido pelo Brasil: Japão, Coreia do Sul, México, Canadá, entre outros. Todos com alto poder de compra e marcos regulatórios restritivos, que tendem agora a avaliar com mais abertura o ingresso de carnes brasileiras, especialmente bovinas e suínas.

É nesse ponto que o reconhecimento da OMSA se conecta com o futuro do agro brasileiro. Não deve ser visto como ponto de chegada, mas como uma alavanca estratégica. É hora de revisar protocolos bilaterais, modernizar certificados sanitários e reforçar nossa presença em fóruns técnicos e comerciais — não apenas para comemorar avanços, mas para proteger conquistas.

Com a COP30 no horizonte e o Brasil no centro das discussões globais sobre clima, alimentos e sustentabilidade, reforçar o compromisso com a sanidade animal é, também, reforçar o compromisso com a segurança alimentar global.

O reconhecimento é, sim, motivo de orgulho nacional. Mas o verdadeiro desafio começa agora: manter esse selo e transformá-lo em ponte duradoura entre o agro brasileiro e os mercados mais exigentes do mundo.

Se alimentar é um ato político, como tantos já disseram, exportar alimentos seguros é um ato geopolítico. E o Brasil, livre da febre aftosa sem vacinação e de outras enfermidades, passa a ter ainda mais voz nessa arena. ■

COM A COP30 NO HORIZONTE E O BRASIL NO CENTRO DAS DISCUSSÕES GLOBAIS SOBRE CLIMA, ALIMENTOS E SUSTENTABILIDADE, REFORÇAR O COMPROMISSO COM A SANIDADE ANIMAL É, TAMBÉM, REFORÇAR O COMPROMISSO COM A SEGURANÇA ALIMENTAR GLOBAL



**Luís Renato de Alcantara Rua**

é Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

TENSÕES GEOPOLÍTICAS  
E QUEDA NA BOLSA  
LEVAM PRODUTOR  
AMERICANO A REDUZIR  
ÁREA DE SOJA NA  
SAFRA 2025/26



## RAFAEL SILVEIRA

A temporada 2025/26 da soja nos Estados Unidos começou com um dado revelador: a área plantada está significativamente menor, refletindo o desestímulo do produtor norte-americano diante de preços acumuladamente baixos na Bolsa de Chicago e de crescentes tensões comerciais com a China. Segundo o USDA, a área de soja foi estimada em 83,4 milhões de acres (aproximadamente 33,8 milhões de hectares), frente aos 86,9 milhões de acres (ou 35,2 milhões de hectares) do ciclo anterior. A redução é expressiva e compromete, já de início, a possibilidade de uma safra acima de 120 milhões de toneladas. Apesar da retração de área, o potencial produtivo ainda depende essencialmente das condições climáticas. As estimativas atuais consideram uma produtividade média de 52,5 bushels por acre, o que levaria a uma produção próxima de 118 milhões de toneladas, desde que haja regularidade nas chuvas no Meio-Oeste durante o ciclo de enchimento e maturação.

**TRUMP DE VOLTA, TARIFAS EM PAUTA: RISCO REAL DE NOVA ONDA DE RETALIAÇÕES.** Com o retorno de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, a agenda internacional americana volta a adotar um tom mais agressivo, em especial no relacionamento com a China. Como maior importadora mundial de soja, qualquer medida tarifária aplicada pelos EUA à China pode gerar retaliações imediatas, impactando diretamente o ritmo das exportações americanas. A grande dúvida no curto prazo é: quanto a China comprará da safra nova dos EUA? Em um cenário de ruptura comercial, como já visto no passado, os estoques americanos podem aumentar, pressionando os preços e enfraquecendo o impacto das variáveis climáticas na precificação da soja em Chicago.

**DEMANDA INTERNA EM ALTA SUSTENTA O ÓLEO, MAS PRESSIONA O FARELO.** No campo doméstico, o esmagamento segue sustentado por políticas de incentivo ao uso de biodiesel, com aumento da mistura obri-

gatória nos combustíveis. Isso garante suporte ao óleo de soja, mas pressiona o farelo, que assume papel secundário nesse cenário. Mesmo com boa demanda interna, caso a China reduza seu volume de compras por conta de tensões comerciais, o mercado americano enfrentará um excedente exportável. Isso pode ampliar a pressão sobre os preços futuros na CBOT.

**BRASIL: ENTRE O BENEFÍCIO DE PRÊMIOS FIRMES E O RISCO DE SUPEROFERTA.** Para o Brasil, o impacto desse quadro é direto: a soja brasileira ganha competitividade nos portos internacionais, especialmente se os chineses migrarem suas compras para fora dos EUA. Como maior produtor e exportador mundial da oleaginosa, com potencial de embarcar mais de 100 milhões de toneladas, o Brasil se posiciona como o principal beneficiado de uma eventual ruptura comercial entre EUA e China. Essa migração pode sustentar ou até elevar os prêmios nos portos brasileiros, trazendo valor ao preço físico no curto prazo. Porém, a médio e longo prazo, uma nova safra volumosa no Brasil pode exercer pressão negativa sobre os preços internacionais, caso a demanda não acompanhe o ritmo de expansão da oferta.

**CONCLUSÃO.** A redução de área plantada nos EUA na safra 2025/26 é reflexo direto de um ambiente de baixa rentabilidade e instabilidade comercial. O mercado segue de olho em dois fatores-chave: o clima no Meio-Oeste americano e as decisões de compra da China. Se os dois elementos jogarem contra os EUA, o Brasil terá espaço para avançar — mas também enfrentará o desafio de equilibrar uma eventual superoferta interna com o apetite externo. ■

**RAFAEL SILVEIRA** - Economista com pós-graduação em Finanças, Investimentos e Banking (PUC-RS) e Analista CNPI credenciado pela APIMEC. Atua com foco no complexo soja, oferecendo análises de mercado e consultoria estratégica para o setor. Especialista em mercados agrícolas, com ênfase em estratégias de investimento e gestão de risco em commodities





# O DESAFIO DE UMA NUTRIÇÃO EFICAZ

TECNOLOGIA E NUTRIÇÃO NA BASE DO SUCESSO DA SUINOCULTURA

POR VIVIAN LO TIERZO

**O** Sindirações projeta um crescimento de 3% na produção de rações, concentrados e suplementos em 2025, alcançando cerca de 94 milhões de toneladas. Esse avanço é impulsionado pela demanda interna e pelas exportações de carne de aves e suínos. Só a suinocultura consumiu 21,6 milhões de toneladas em 2024, refletindo o crescimento do setor.

Diante desse cenário é importante salientar que o sucesso da produção de carne suína ocorre devido a zootecnia de precisão com uso de tecnologias avançadas, técnicas de manejo e uma nutrição balanceada para atender as exigências de cada fase de criação. Como a alimentação representa até 70% dos custos, identificar os momentos de maior impacto e otimizá-los é essencial.

Dentre as práticas mais difundidas na suinocultura industrial está a diminuição do tempo de aleitamento, que busca elevar a produtividade aumentando o número de leitões desmamados/porca/ano e diminuir o número de dias não produtivos da matriz.

O consumo de alimento na creche representa em torno de 3% do total de ração à época do abate. Contudo, garantir um bom desempenho nesta fase é fundamental, visto que ela pode influenciar em até 30% no ganho de peso dos suínos no abate. Assim,

não há dúvidas que investir na nutrição dos leitões é a chave para o sucesso.

Atualmente o desmame dos leitões ocorre aos 21 dias de idade, quando seus sistemas imune e fisiológico ainda se encontram imaturos. É neste período que ocorre a transição da imunidade passiva para ativa quando os leitões apresentam menor quantidade de IGg no soro o que os predispõe a um maior risco de infecção assim, acabam por não aproveitar efetivamente as dietas à base de grãos e cereais, pois a secreção enzimática é insuficiente. A partir do nascimento o sistema digestivo do leitão é adaptado para secretar enzimas que digerem o leite e não para alimentos de origem vegetal, pois possuem alta atividade de lactase e baixa produção das lipases e proteases.

Desta forma, os leitões quando são desmamados ainda não apresentam o sistema digestório maduro, o que dificulta o aproveitamento adequado dos alimentos.

Portanto, diversas fontes proteicas, energéticas e tipos de processamento tem sido avaliados em dietas Pré-iniciais de leitões com a finalidade de aumentar a digestibilidade, adequando-se ao grau de amadurecimento do trato digestório.

Além disso, aditivos nutricionais e tecnológicos são aliados indispensáveis:

Os ácidos orgânicos desempenham diversas funções benéficas, como retardar o esvaziamento gástrico, estimular

o metabolismo, melhorar a digestibilidade e reduzir microrganismos, além de servirem como fonte de energia para as células intestinais e auxiliarem na imunidade e na saúde intestinal.

As enzimas, como fitases, carboidrases e proteases, facilitam a digestão ao tornar os nutrientes mais disponíveis, melhorando a absorção. Atuam sobre substratos específicos e precisam ser corretamente dosadas para obter os efeitos desejados.

Probióticos e prebióticos agem de forma complementar: os probióticos equilibram a microbiota intestinal e os prebióticos favorecem o crescimento de bactérias benéficas.

A Vidara oferece uma linha completa de soluções para suínos, com ingredientes de alta digestibilidade e aditivos que promovem melhor desempenho. Para saber mais, entre em contato com nossa equipe técnica. ■

**Vivian Lo Tierzo**  
Doutora em  
Nutrição Animal  
pela Unesp/  
Botucatu e  
Nutricionista  
Animal - Premix  
Vidara





# Formulações ideais para maior produtividade



- ✓ Nutrição de precisão
- ✓ Lucratividade
- ✓ Produtividade
- ✓ Sustentabilidade

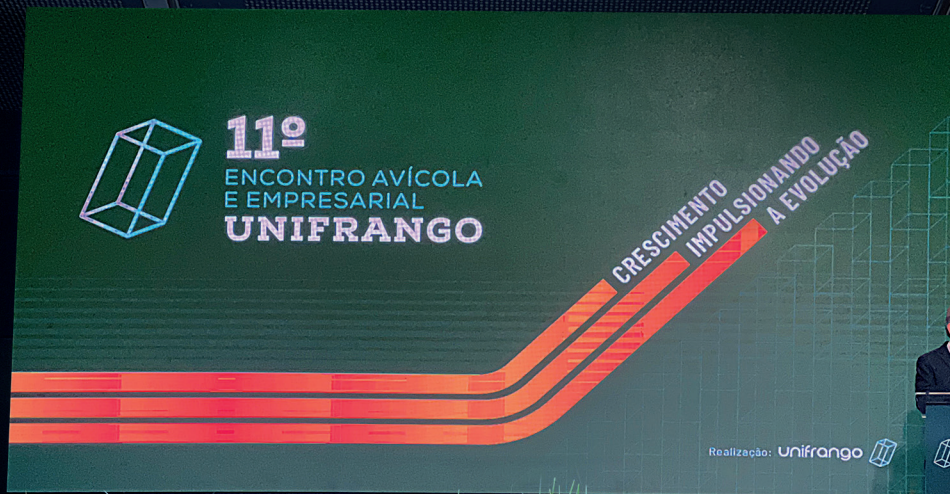
Entre em contato conosco!

**Vidara**  
PARTNERING FOR LIFE

 [www.vidara.com](http://www.vidara.com)  
 (11) 3109-2000

# DESAFIOS DA CADEIA EM PAUTA NO 11º ENCONTRO AVÍCOLA UNIFRANGO

ESPECIALISTAS DEBATEM FERRAMENTAS E SOLUÇÕES PARA MANTER  
O POSICIONAMENTO SUSTENTÁVEL E COMPETITIVO DO SETOR



**CAMILA SANTOS, DE MARINGÁ (PR)**

camila@dc7comunica.com.br

Sob o lema “Crescimento impulsionando a evolução”, o 11º Encontro Avícola e Empresarial Unifrango foi o centro das atenções da avicultura nacional. Realizado no LeBloc Jardim, entre os dias 22 a 24 de julho, em Maringá (PR), o evento reuniu líderes do segmento para discutir temas essenciais à cadeia produtiva das aves, como biossegurança, medidas sanitárias, comércio exterior e inovação.

De acordo com Hugo Bongiorno, diretor-presidente da Unifrango, “o evento é uma oportunidade única para debater cenários e desafios da avicultura com profissionais experientes do setor público e privado, incluindo especialistas internacionais que trazem uma visão ampliada das mudanças geopolíticas que impactam a cadeia produtiva”, ressalta.

Durante o evento, que contou com 44 expositores, palestrantes renomados, como Luiz Rua, representando o Ministério da Agricultura, e Marcelo Osório, da ABPA, foram compartilhados conhecimentos e perspectivas sobre o futuro da avicultura brasileira.

**DOENÇAS RESPIRATÓRIAS.** Entre os assuntos de destaque da grade técnica, as doenças respiratórias que atingem as criações comerciais foi tema da palestra proferida pelo professor Luiz Felipe Caron, da UFPR, que destacou a complexidade dos problemas que afetam as aves, como Newcastle, Bronquite e Laringotraqueíte. Segundo ele, essas doenças raramente aparecem isoladas no campo, ocorrendo frequentemente em conjunto, o que dificulta o diagnóstico e o manejo.

“Não vemos essas doenças de maneira isolada no mundo real. Muitas vezes duas ou até três situações se manifestam simultaneamente, e o resultado são sinais respiratórios variados

que precisam ser entendidos para que possamos criar alertas precoces e estratégias de mitigação”, afirma Caron.

Ele ressaltou a importância de compreender a doença em populações e não em animais isolados, evidenciando que o impacto econômico dessas síndromes respiratórias é significativo, podendo chegar a reduzir em até 50% o volume de abate em determinados casos.

O professor também refletiu sobre a percepção pública em relação à saúde das aves, mencionando uma experiência internacional que chamou atenção para a venda de frango “resfriado” no Brasil, termo que pode gerar interpretações equivocadas sobre a sanidade dos produtos.

Caron alertou para a necessidade de manter a atenção constante, especialmente em períodos de inverno, quando problemas respiratórios tendem a aumentar, comparando os sintomas nas aves aos

que afetam humanos nesta estação.

Ao abordar as estratégias de controle, ele destacou que a vacinação, embora importante, não é a única solução. “Se a vacinação resolvesse tudo, o México não teria mais influenza, pois é o país que mais vacina para a doença”, pontua, enfatizando que é preciso priorizar e integrar diversas ações, como manejo ambiental, controle de estresse e monitoramento epidemiológico.

Outro ponto discutido foi a entrada e disseminação da Laringotraqueíte no Brasil, especialmente nas reprodutoras, e o contraste com o controle da influenza, que é mais patogênica, mas melhor gerenciada.

Caron explicou que as síndromes respiratórias são resultado de uma concorrência complexa entre vírus, bactérias e fungos, e que fatores como densidade populacional, estresse térmico e manejo influenciam diretamente a expressão e a gra- ▶



**HUGO BONGIORNO.** DIRETOR-PRESIDENTE DA UNIFRANGO. “O EVENTO É UMA OPORTUNIDADE ÚNICA PARA DEBATER CENÁRIOS E DESAFIOS DA AVICULTURA”



vidade dessas doenças. “A realidade do campo é um conjunto multifatorial, onde genética, nutrição e ambiente se somam à presença de agentes infecciosos para determinar o impacto final nas aves e, consequentemente, na produtividade e lucro da cadeia avícola”, conclui.

**INOVAÇÃO PARA MELHOR DESEMPENHO.**

O professor e diretor-técnico da Tecnoagro, Fernando Pilotto, apresentou no 11º Encontro Avícola e Empresarial Unifrango uma visão abrangente sobre eficiência produtiva e sustentabilidade na avicultura, destacando os principais desafios do setor e as tecnologias inovadoras que prometem transformá-lo.

Entre as ferramentas, o professor destacou a importância da amônia para a produção e a inovação que está por vir com a amônia verde também foi pauta da palestra: “A amônia é o

principal nutriente para as plantas e nós importamos aproximadamente 95% desse produto. Estamos buscando criar a primeira fábrica no Brasil a produzir amônia verde. Vamos pegar o hidrogênio da água através da eletrólise, juntar com o nitrogênio do ar para fazer essa solução que é proveniente de fontes fotovoltaicas e elétricas renováveis.”

Ele destacou os avanços proporcionados pela irrigação subterrânea e aplicação direta de amônia: “A fertilização por aplicação direta na raiz da planta, combinada com irrigação subterrânea, aumenta a produtividade sem desperdício. Temos experimentos com 300 a 350 sacos de milho por hectare, o que é um avanço significativo.”

Para ele, o desafio das micotoxinas tem solução. “Toxinas como a DON são altamente prejudiciais para aves e suínos. Pesquisas comprovam que a aplicação de amônia verde reduz essas toxinas drasticamente, tornando o grão mais seguro para a alimentação animal e humana.”

**MONITORAMENTO CONTÍNUO É ESSENCIAL.**

Outro destaque da programação foi a palestra da bióloga e doutora em microbiologia, Marina Gumiere, que trouxe à tona os chamados “risco invisíveis” na indústria de aves, onde a especialista compartilhou dados alarmantes sobre surtos recentes de origem alimentar, alertando para os impactos financeiros e reputacionais que podem atingir as empre-

**LUIZ FELIPE CARON,** DA UFPR, QUE DESTACOU A COMPLEXIDADE DOS PROBLEMAS QUE AFETAM AS AVES



**MARINA GUMIERE** É BIÓLOGA E DOUTORA EM MICROBIOLOGIA

sas do setor. “Quem quer ter sua marca associada a um recall ou a um surto com hospitalizações e mortes?

Os custos vão muito além do recolhimento: passam por acordos judiciais, ações de marketing para recuperar a imagem e até desvalorização de ações em bolsa”, alerta.

A especialista apontou que a falta de monitoramento adequado é um dos principais gargalos na contenção de contaminações. “É impossível controlar aquilo que não se mede. E isso inclui conhecer profundamente a microbiota presente na planta industrial, entender sua origem e comportamento, e agir com base em dados históricos”, reforça.

Entre os exemplos apresentados, Marina citou casos recentes nos Estados Unidos e no Brasil relacionados a contaminações por *Listeria monocytogenes*, *Salmonella* e *E. coli*, muitos dos quais ligados a alimentos processados e prontos para consumo. “Esses produtos têm apelo de praticidade, mas requerem controle extremo. O consumidor não vai higienizar uma salada pronta ou um frango cozido embalado a vácuo. A responsabilidade é 100% da indústria”, completa.

Como solução, a especialista defendeu a adoção de planos robustos de monitoramento ambiental, uso de indicadores microbiológicos específicos e análises contínuas da eficácia dos sanitizantes aplicados. “O plano de monitoramento ambiental é a ferramenta mais rica que temos. Ele responde on-



**FERNANDO PILOTTO** É PROFESSOR E DIRETOR-TÉCNICO DA TECNOAGRO



de estão os pontos de risco, quando mudar os sanitizantes, e quais ações corretivas devem ser tomadas com base em dados concretos”, explica.

**INSPEÇÃO E MODERNIZAÇÃO NO CENTRO DO DEBATE SANITÁRIO.** Na palestra da diretora do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa), da Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Juliana Satie, um panorama robusto das transformações em curso no sistema oficial de inspeção, com ênfase na avicultura.

Com mais de duas décadas dedicadas à pasta, Satie destacou que o Dipoa está passando por um momento de reestruturação, guiado por diretrizes modernas, baseadas em riscos, dados e digitalização. “Trabalhamos com base em dados e buscamos aprimorar continuamente os processos para dar respostas mais rápidas e eficientes às empresas e aos mercados internacionais”, afirma.

Segundo a diretora, a estrutura do serviço oficial vem sendo aprimorada para responder a um ambiente cada vez mais dinâmico, com novos requisitos sanitários, transformações tecnológicas e crescente demanda por exportação. “Temos que olhar dez anos à frente. Nosso país é protagonista mundial na produção e exportação de proteína animal, e o sistema de inspeção precisa acompanhar esse ritmo com eficiência e credibilidade”, reforça.

Ela reforçou que o serviço oficial precisa estar em sintonia com as demandas do setor produtivo. “As empresas não pedem um registro apenas por

obrigação, mas porque querem exportar. E exportar significa estar habilitado todos os dias, com confiança e celeridade”, pontua. Nesse sentido, a nova estrutura do Dipoa busca reduzir sobreposição de funções, eliminar gargalos e dar fluidez aos processos internos.

A harmonização regulatória tam-

bém entrou em pauta, especialmente diante da regulamentação da nova Lei do Autocontrole. “Estamos resgatando o papel estratégico do departamento na construção de normativas infralegais e na consolidação de um modelo mais moderno e baseado em confiança”, destaca Juliana. ■

**NUTRIÇÃO MÁXIMA PARA CADA DIETA. NÃO ACEITE NADA MENOS.**

Aditivo Enzimático  
**CIBENZA**  
uma marca NOVUS

A disponibilidade pode variar por região.



# NA ÁSIA,

# ABPA MIRA ALTO

**BRASIL EM DESTAQUE** NAS FILIPINAS E NO JAPÃO COM AÇÕES ESTRATÉGICAS DE PROMOÇÃO DA PROTEÍNA ANIMAL

Com um plano robusto de fortalecimento da imagem internacional da proteína animal brasileira, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), em parceria com a ApexBrasil, concentra sua atuação na Ásia neste mês de agosto, liderando duas importantes ações em mercados estratégicos: as Filipinas e o Japão.

De 6 a 9 de agosto, a ABPA comandou a participação do Brasil na principal feira de alimentos e bebidas das Filipinas, a World Food Expo - WOFEX 2025, realizada no World Trade Center Metro Manila. Com um estande coletivo de 90 m<sup>2</sup>, a delegação nacional reuniu 13 agroindústrias exportadoras - entre elas Alibem, Aurora, Bello, Coasul e Dália - em um espaço inteiramente dedicado à promoção das carnes de frango e suína do Brasil.

Mais do que uma simples participação em feira, a presença brasileira na WOFEX também marcou o início do **Road Show 2025 - No Borders for Food**, iniciativa lançada pela ABPA e ApexBrasil para estimular o alinhamento internacional às diretrizes sanitárias da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA/WOAH) e reafirmar o Brasil como pilar da segurança alimentar global. A etapa nas Filipinas contou com seminário técnico-institucional envolvendo autoridades locais e o setor privado.

“A forte ação na WOFEX é reflexo dos novos patamares estabele-

cidos nas relações entre os exportadores brasileiros e o mercado filipino, que hoje é o principal destino da carne suína brasileira e segue expandindo a demanda por carne de frango. Estamos avançando para consolidar um relacionamento técnico, comercial e institucional ainda mais sólido”, afirma o presidente da ABPA, Ricardo Santin, que lidera a comitiva brasileira.

Logo após as Filipinas, entre os dias 11 e 13 de agosto, o foco se volta ao Japão, onde a ABPA leva uma exposição imersiva à **Expo Osaka 2025**, no Pavilhão Brasileiro. Com curadoria especial, a mostra destacou por meio de fotos, vídeos e publicações - como os livros “Da Nossa Mesa para a Sua Mesa”, “A Força da Terra” e o “Livro Halal” - a qualidade, sustentabilidade e a riqueza cultural das cadeias de aves e suínos do Brasil.

Mais do que reforçar atributos técnicos, a exposição em Osaka resgatou os laços históricos entre o Ja-

pão e o agronegócio brasileiro. “O mercado japonês é um dos mais tradicionais parceiros da proteína animal do Brasil. Queremos reforçar a história das relações do povo japonês com a nossa produção, seja como consumidores ou como parte essencial da agroindústria nacional, composta por milhares de descendentes de imigrantes japoneses”, explica Santin.

Com a presença também da coordenadora de promoção comercial da ABPA, Nayara Dalmolin, a ação em Osaka consolida o posicionamento do setor como parceiro confiável para o abastecimento global, valorizando

a construção de pontes institucionais e culturais aos mercados asiáticos.

Ao unir estratégia comercial, diplomacia sanitária e storytelling institucional, a ABPA consolida, com foco total na Ásia, um novo momento para a imagem da proteína animal brasileira no mundo. ■



“ A FORTE AÇÃO NA WOFEX É REFLEXO DOS NOVOS PATAMARES ESTABELECIDOS **NAS RELAÇÕES ENTRE OS EXPORTADORES BRASILEIROS E O MERCADO FILIPINO**, QUE HOJE É O PRINCIPAL DESTINO DA CARNE SUÍNA BRASILEIRA E SEGUE EXPANDINDO A DEMANDA POR CARNE DE FRANGO ”

**RICARDO SANTIN**, PRESIDENTE DA ABPA

# 2025

CELEBRAMOS 30 ANOS NO BRASIL!



[cobbgenetics.com](http://cobbgenetics.com)

**2024** | Construção do novo laboratório de controle de qualidade da Cobb Brasil, em Guapiaçu - SP;

**2023** | Início da construção do Incubatório de avós (ICP) - Prata-MG;

**2022** | Expansão da granja de avós (Granja 04) - Campina Verde-MG e bisavós (Granja 05) - Itapagipe-MG;

**2016** | Cobb-Vantress Brasil torna-se a primeira companhia avícola com modelo de compartimentação do mundo com aprovação da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Cobb-Vantress Internacional completa seu primeiro centenário;

**2018** | Expansão da granja de avós (Granja 02) - Palestina-SP;

**2017** | Cobb compra a parte da Granja Alvorada e passa a ser dona exclusiva da granja de avós (Granja 06) em Água Clara-MS;

**2013** | Início das operações da Granja de avós (Granja 04) em Campina Verde-MG;

**2010** | Início dos investimentos da Cobb-Vantress Brasil nas comunidades locais, com especial foco na melhoria da qualidade de vida de idosos e crianças;

**2009** | Cobb compra a empresa Hybro com unidade em Itapagipe-MG;

**2008** | Ampliação do escritório administrativo em Guapiaçu-SP; Construção do primeiro Laboratório Cobb-Guapiaçu-SP;

**2005** | Tem início a parceria entre Granja Alvorada e Cobb. Com isso, a Cobb passa a ter mais uma granja de avós (Granja 06). Construção do segundo Incubatório de avós, em Água Clara (MS).

**2004** | Início das atividades do novo escritório em São José do Rio Preto-SP;

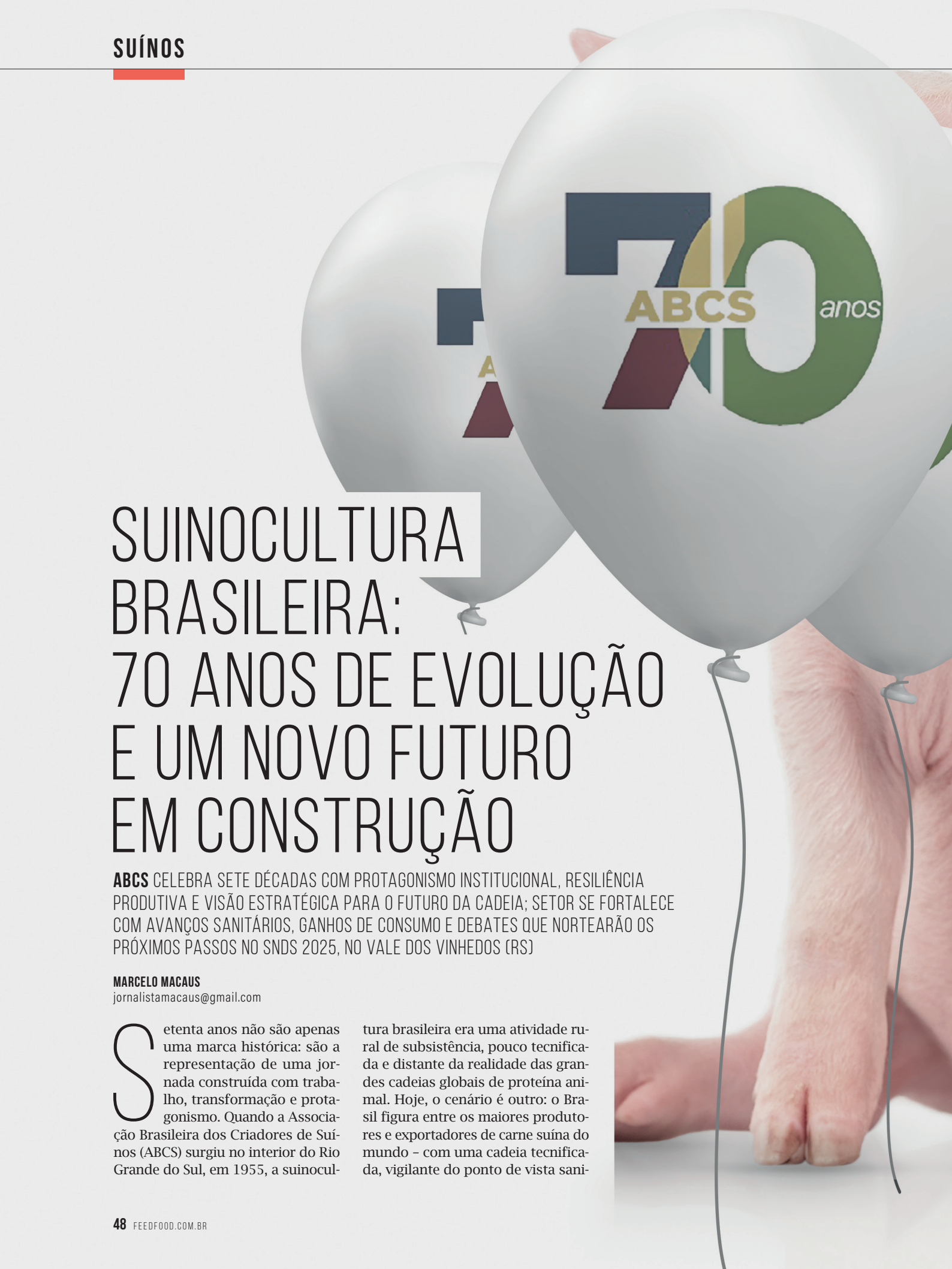
**2002** | Instalação do Incubatório de bisavós (ICB) - Palestina-SP;

**2001** | Construção da primeira granja de bisavós (Granja 03) em Paulo de Faria-SP;

**1998** | Inaugurada a segunda granja (Granja 02) no país, iniciando a conquista do mercado sul-americano;

**1997** | Firmada a parceria com a empresa Agrogen, que passou a ser multiplicador Cobb na região Sul do país;

**1995** | Cobb Chegou ao Brasil formando uma *joint venture* com duas outras empresas, Frango Sertanejo e a Globoaves; dois anos depois comprou a participação dos parceiros;



# SUINOCULTURA BRASILEIRA: 70 ANOS DE EVOLUÇÃO E UM NOVO FUTURO EM CONSTRUÇÃO

**ABCS** CELEBRA SETE DÉCADAS COM PROTAGONISMO INSTITUCIONAL, RESILIÊNCIA PRODUTIVA E VISÃO ESTRATÉGICA PARA O FUTURO DA CADEIA; SETOR SE FORTALECE COM AVANÇOS SANITÁRIOS, GANHOS DE CONSUMO E DEBATES QUE NORTEARÃO OS PRÓXIMOS PASSOS NO SNDS 2025, NO VALE DOS VINHEDOS (RS)

**MARCELO MACAUS**  
jornalistamacaus@gmail.com

Setenta anos não são apenas uma marca histórica: são a representação de uma jornada construída com trabalho, transformação e protagonismo. Quando a Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS) surgiu no interior do Rio Grande do Sul, em 1955, a suinocul-

tura brasileira era uma atividade rural de subsistência, pouco tecnificada e distante da realidade das grandes cadeias globais de proteína animal. Hoje, o cenário é outro: o Brasil figura entre os maiores produtores e exportadores de carne suína do mundo - com uma cadeia tecnificada, vigilante do ponto de vista sani-

tário e cada vez mais conectada ao consumidor e às novas tecnologias.

Em meio às comemorações pelas sete décadas da ABCS, o momento é de celebrar conquistas, mas, sobretudo, de projetar o futuro. E ele será discutido, de forma estratégica, durante o Seminário Nacional de Desenvolvimento da Suinocultura (SNDS), que será realizado de 3 a 5 de setembro no Vale dos Vinhedos, Rio Grande do Sul. O evento, que também marcará oficialmente o aniversário da entidade, pretende reunir mais de 300 participantes entre produtores, lideranças, executivos da agroindústria, especialistas e representantes do setor público, com uma pauta robusta e atual.

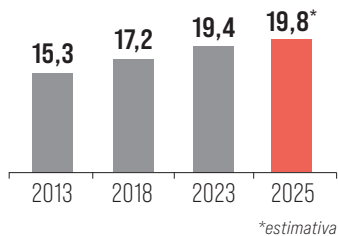
**UM SETOR QUE SE REINVENTA.** O presidente da ABCS, Marcelo Lopes, avalia que a suinocultura brasileira vive um dos seus momentos mais maduros, tanto do ponto de vista técnico quanto institucional. “Temos um rebanho altamente tecnificado, genética de ponta e um sistema de produção que evolui continuamente em direção à sustentabilidade”, destaca.

Essa maturidade, no entanto, foi construída com enfrentamento de grandes desafios. A evolução sanitária é um exemplo: a erradicação da peste suína clássica em diversos estados consolidou uma base sólida para a defesa agropecuária e abriu portas para a conquista de novos mercados. A ABCS foi protagonista nesse processo, atuando fortemente junto ao poder público, aos produtores e às agroindústrias.

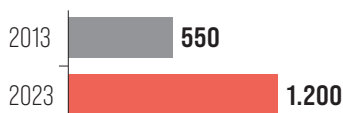
Outro avanço relevante foi o aumento do consumo doméstico. Com campanhas educativas e ações promocionais contínuas, a entidade contribuiu para elevar em 30% o consumo de carne suína no país nos últimos dez anos, chegando à marca de quase 20 quilos per capita. Ainda assim, como lembra Marcelo Lopes, há um espaço considerável de crescimento: “O consumidor brasileiro precisa conhecer mais e melhor a carne suína. É um produto saudável, versátil e com baixa pegada ambiental. Isso precisa estar mais presente nas nossas estratégias de comunicação”.

## INDICADORES

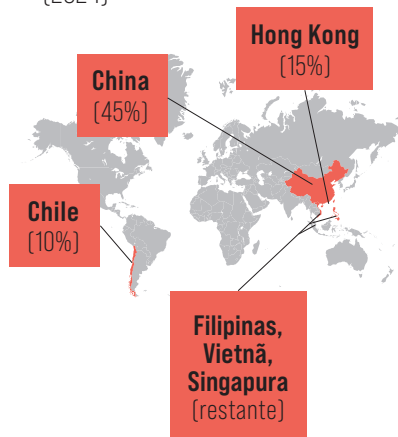
### Consumo per capita de carne suína (em kg)



### Exportações brasileiras (em mil toneladas)



### Principais destinos (2024)



“MESMO DIANTE DE CRISES E OSCILAÇÕES DE MERCADO, A SUINOCULTURA BRASILEIRA TEM MOSTRADO UMA CAPACIDADE IMPRESSIONANTE DE ADAPTAÇÃO E INOVAÇÃO.”  
— MARCELO LOPES,  
PRESIDENTE DA ABCS

**DESAFIOS DO PRESENTE.** Apesar das conquistas, o setor ainda enfrenta obstáculos. O principal deles é a volatilidade do ambiente econômico, com impactos diretos no custo de produção – especialmente grãos, energia e logística. A oscilação dos mercados internacionais também influencia a rentabilidade do produtor, sobretudo em momentos de retração global ou de barreiras sanitárias impostas por países compradores.

Nesse contexto, a resiliência do produtor brasileiro tem sido decisiva. “Mesmo diante das dificuldades, o setor tem mostrado uma capacidade de adaptação impressionante. Isso demonstra o quanto avançamos em gestão, em profissionalismo e em visão estratégica ao longo das últimas décadas”, afirma Marcelo Lopes.

Além disso, há um movimento crescente de adoção de tecnologias digitais, automação e soluções de inteligência artificial nas granjas. Conforme a ABCS, a tendência é de uma suinocultura cada vez mais conectada, com dados em tempo real, rastreabilidade aprimorada e maior controle de indicadores zootécnicos, ambientais e econômicos. ▶



No entanto, a transformação digital ainda é um desafio para pequenas e médias propriedades, que precisam de apoio técnico, financiamento e políticas públicas para garantir a transição tecnológica sem comprometer sua viabilidade econômica.

**SNDS 2025:** o futuro em debate. Com esse pano de fundo, o SNDS 2025 surge como uma plataforma essencial para pensar os próximos anos da suinocultura nacional. Realizado em um dos cenários mais simbólicos do agronegócio gaúcho – o Vale dos Vinhedos –, o seminário terá como eixo central o debate sobre inovação, geopolítica, mercado, comunicação e sustentabilidade.

A programação inclui palestras nacionais e internacionais que abordarão temas como inteligência artificial aplicada à produção animal, mudanças no comportamento do consumidor, expansão no food service, mercado halal e o papel da proteína suína em uma agenda ambiental mais rigorosa. “Queremos provocar reflexões e, ao mesmo tempo, construir caminhos viáveis para o setor seguir crescendo com competitividade e responsabilidade”, explica o presidente da ABCS, Marcelo Lopes.

Além do conteúdo técnico, o evento contará com momentos de networking e experiências gastronômicas, como a celebração oficial dos 70 anos da ABCS na Casa Valduga. Segundo os organizadores, a escolha do local tem um propósito simbólico: valorizar a identidade da cadeia suínica brasileira e integrar tradição e inovação em um ambiente que favorece a construção de parcerias.

**CARNE SUÍNA**  
BRASILEIRA CAMINHA  
PARA SE CONSOLIDAR  
COMO UM PRODUTO DE  
ALTO VALOR AGREGADO,  
SEGURO, SUSTENTÁVEL  
E DESEJADO PELO  
CONSUMIDOR MODERNO



**CADEIA CONECTADA AO BRASIL QUE PRODUZ.** O fortalecimento da suinocultura brasileira é, também, o fortalecimento do agronegócio nacional como um todo. A cadeia envolve milhares de produtores independentes e integrados, gera empregos em centenas de municípios, estimula a agroindústria de insumos e equipamentos e contribui diretamente para a balança comercial.

Com as novas exigências do mercado – tanto interno quanto externo –, a carne suína brasileira caminha para se consolidar como um produto de alto valor agregado, segu-

ro, sustentável e desejado pelo consumidor moderno. “Nosso papel como ABCS é preparar o setor para esse novo cenário, com qualificação, representação institucional forte e foco na inovação”, conclui Marcelo Lopes.

Ao completar sete décadas de história, a Associação Brasileira dos Criadores de Suínos reafirma seu compromisso com o desenvolvimento da suinocultura brasileira e convida toda a cadeia a construir, coletivamente, o futuro da atividade. Um futuro que começa agora, no presente e que será debatido com profundidade no SNDS 2025. ■

## LINHA DO TEMPO



# O melhor dos dois mundos para uma **genética suína insuperável**



## TN70

- Reconhecida como a **melhor matriz do mundo**
- Alta produtividade
- Baixo custo de produção




## TN DUROC

- A **melhor conversão alimentar** do mercado
- Máxima rentabilidade
- Carne de **qualidade superior**

 [topignorsvinbrasiloficial](#)

 [Topigs Norsvin Brasil](#)

 [Topigs Norsvin Brasil](#)



Surpreenda-se com nossos melhoramentos genéticos.

# DIETA ESTRATÉGICA: A NOVA ARMA CONTRA PERDAS NA SUINOCULTURA

**FORMULAÇÕES DE PRECISÃO E NUTRIENTE-CHAVE  
FORTALECEM A IMUNIDADE E IMPULSIONAM  
O DESEMPENHO PRODUTIVO DOS SUÍNOS**

**CAROLINE MENDES, DA REDAÇÃO**  
caroline@dc7comunica.com.br

A produção suinícola moderna convive com um cenário desafiador: alta densidade de animais, trânsito constante entre unidades e uma diversidade de patógenos que testam, diariamente, a resiliência do rebanho. Nesse contexto, a nutrição deixa de ser apenas combustível para o crescimento e assume papel estratégico na defesa sanitária e no desempenho zootécnico.

Para o médico-veterinário Alex Hintz, gerente sênior de Serviços Técnicos da Novus, o elo entre dieta e imunidade é direto e inegociável. “O desenvolvimento celular, incluindo o das células de defesa, depende de energia e nutrientes essenciais. É preciso formular dietas que ofereçam equilíbrio e biodisponibilidade para sustentar não só o crescimento, mas também a capacidade de resposta imunológica”, sublinha.

Entre os nutrientes-chave, cobre e zinco se destacam. Presentes no metabolismo de macrófagos e linfócitos T — células fundamentais na produção de anticorpos — esses microminerais contribuem para respostas imunes mais eficientes. Fontes de al-

ta biodisponibilidade garantem entrega mais eficaz no local de absorção, potencializando os resultados.

Outro ponto sensível é a integridade das barreiras físicas, como pele e epitélio intestinal. Dietas balanceadas em aminoácidos e energia, associadas a aditivos funcionais, favorecem a saúde do trato gastrointestinal, reduzindo a porta de entrada de patógenos e sustentando a eficiência alimentar.

**LIÇÕES DA MEDICINA HUMANA.** Os paralelos entre suínos e humanos ajudam a reforçar a importância do tema. Durante a pandemia de coronavírus, a ciência voltou os olhos para o impacto de nutrientes na imunidade, com estudos explorando o papel do zinco e do cobre em respostas inata e adaptativa. “A fisiologia de monogástricos é semelhante em vários aspectos, e aprendizados da medicina humana podem — e devem — inspirar estratégias na suinocultura”, realça Hintz.

Revisões recentes, como a de Connor (2021) e Toledano et al. (2023), reforçam que a suplementação adequada desses microminerais influencia diretamente a resistência a doenças e a eficácia vacinal. Para a produção animal, isso significa ganhos não apenas em saúde, mas também em desempenho econômico.

**NUTRIÇÃO DE PRECISÃO NO CONTROLE DE PERDAS.** Os prejuízos de doenças respiratórias são expressivos. Estimativas indicam custos médios de US\$ 3,40 por animal para influenza e até € 230 por matriz/ano para PRRS. Estratégias nutricionais adequadas ajudam a mitigar tais impactos. Um exemplo citado por Hintz é o trabalho de Sandberg (2020), no qual o uso de fontes de cobre com maior biodisponibilidade manteve desempenho e reduziu mortalidade em surtos combinados de PRRS e influenza, superando resultados obtidos com fontes inorgânicas.

A nutrição de precisão, ajustada à categoria, fase produtiva e desafio sanitário, oferece ao produtor um instrumento para entregar “a dieta certa, para o animal certo, no momento certo”. “Não é a solução para todos os problemas, mas cria uma base sólida para que o rebanho expresse seu potencial genético”, observa.

Além de reduzir perdas associa-



“A NUTRIÇÃO É UMA DAS FERRAMENTAS MAIS PODEROSAS PARA PRODUZIR SUÍNOS MAIS SAUDÁVEIS, PRODUTIVOS E RESILIENTES”

ALEX HINTZ, GERENTE SÊNIOR DE SERVIÇOS TÉCNICOS DA NOVUS

das a doenças, abordagens nutricionais personalizadas melhoram eficiência alimentar, desempenho reprodutivo e rentabilidade. Pesquisas conduzidas por Bruno Silva e colaboradores comprovam efeitos positivos no ganho de peso, na conversão alimentar e até na produtividade das matrizes.

Hintz ressalta, contudo, que a nutrição deve caminhar junto à biossegurança. “Impedir a entrada de patógenos é o primeiro passo. A partir daí, a dieta se torna ferramenta para reforçar a imunidade e apoiar o desempenho.”

**PRÁTICA NA GRANJA: ONDE COMEÇA A ESTRATÉGIA.** A adoção de uma abordagem nutricional direcionada exige integração entre granja, fábrica de ração e equipe técnica. Isso significa investir em análise de ingredientes, controle rigoroso de qualidade e ajuste constante de formulações conforme idade, peso e desafios sanitários.

Na fase de creche, por exemplo, dietas mais digestíveis e ricas em aminoácidos essenciais favorecem a adaptação pós-desmame e ajudam a reduzir

diarreias. Já em terminação, ajustar energia e proteína à exigência real do animal evita sobrecargas metabólicas e otimiza conversão alimentar. Em situações de desafio sanitário, reforçar minerais e vitaminas estratégicas pode fazer a diferença no desfecho produtivo.

**CENÁRIO GLOBAL E OPORTUNIDADES PARA O BRASIL.** A busca por nutrição de precisão é tendência global. Em mercados maduros, cresce a pressão para reduzir uso de antimicrobianos, o que aumenta a relevância de dietas formuladas para reforçar imunidade. O Brasil, como grande exportador, encontra aí uma oportunidade: investir em tecnologia nutricional para atender exigências sanitárias e de bem-estar animal dos países compradores.

A capacidade de produzir com alto padrão sanitário, baixo índice de perdas e uso racional de insumos pode se tornar diferencial competitivo no comércio internacional. E a nutrição está no centro dessa estratégia.

O futuro aponta para formulações cada vez mais ajustadas, considerando necessidades de nutrientes em diferentes condições sanitárias. Tecnologias como minerais de alta biodisponibilidade e aditivos enzimáticos, que ampliam a digestibilidade e reduzem efeitos de fatores antinutricionais, fazem parte dessa evolução.

Para Hintz, o desafio será equilibrar desempenho, custo e sustentabilidade. “Precisamos aproveitar ao máximo cada ingrediente, minimizando desperdícios e impactos ambientais. A nutrição de precisão será peça central nesse quebra-cabeça.”

## SBSS 2025

Ao levar sua experiência para o SBSS 2025, Hintz espera estimular um diálogo mais profundo sobre a interface entre dieta e imunidade. “A nutrição é uma das ferramentas mais poderosas para produzir suínos mais saudáveis, produtivos e resilientes. As estratégias estão aí — cabe a nós aplicá-las de forma inteligente e personalizada.” ■

# FAMÍLIA, TRADIÇÃO E FUTURO MARCAM O CLUBE DO LEITÃO 2025

EVENTO REFORÇA INTEGRAÇÃO ENTRE GERAÇÕES, RECONHECE JOVENS EMPREENDEDORES E CELEBRA 58 ANOS DE HISTÓRIA DA SUINOCULTURA PAULISTA

No próximo dia 5 de dezembro, a Família de Amigos da Suinocultura Paulista se reúne para mais uma edição do Clube do Leitão, encontro anual que une associados, parceiros e convidados em um ambiente de celebração, integração e reconhecimento.

Com uma programação especial, o evento terá como foco o fortalecimento do conceito de “família”, aproximando filhos e netos da cadeia produtiva da carne suína e valorizando o trabalho de pais e avós que ajudaram a construir o setor no estado.

Enquanto as crianças participam de atividades recreativas acompanhadas por monitores, os adultos terão acesso a um espaço dedicado ao networking, onde suinocultores e empresas parceiras poderão estreitar laços, compartilhar experiências e fomentar novas oportunidades de negócios.

Um dos momentos mais aguardados será a entrega do Troféu “Arnaldo Jardim” – Edição 2025, honraria concedida ao Jovem Empreendedor da Suinocultura Paulista, reconhecendo o talento e a inovação de novas lideranças do setor.

Encerrando o encontro, todos os participantes serão convidados a participar do tradicional almoço do Clube do Leitão, momento de confraternização que simboliza os 58 anos de história da entidade. Para Valdomiro Ferreira Júnior, a ocasião representa mais do que uma celebração: “Uma entidade não vive sem o respeito ao passado, o foco no presente e a busca pela sobrevivência, olhando para o futuro”. ■





# 20 ANOS DE FEED&FOOD. INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO.

**Revista, Portal de notícias e Newsletter diária:  
toda cadeia de proteína animal em uma única plataforma**



CADASTRE-SE  
E RECEBA NOSSA  
NEWSLETTER

[feedfood.com.br](http://feedfood.com.br)

[@](#) [f](#) [in](#) /revistafeedfood

[X](#) /feedfood

 XCLUSIVE  
FEED & F **20** anos

# LGPD NO AGRO É FERRAMENTA ESTRATÉGICA

ESPECIALISTAS DESTACAM QUE A CONFORMIDADE COM A LEI GERAL DE PROTEÇÃO DE DADOS É FATOR DE **COMPETITIVIDADE, SEGURANÇA E CREDIBILIDADE NO MERCADO**

CAMILA SANTOS

camila@dc7comunica.com.br

O tema “LGPD no Agronegócio: Segurança, Conformidade e Produtividade Andam Juntas” foi um dos pontos altos da reunião de junho da ASBRAM (Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais), realizada em São Paulo (SP). O encontro contou com a participação de Patricia Helena Ataulo, advogada com mais de 20 anos de experiência empresarial e especialista em privacidade, proteção de dados, governança corporativa e gestão de riscos regulatórios.

Patricia iniciou agradecendo o convite e destacou que, embora a LGPD não seja um tema intrinsecamente ligado à produção, ela impacta diretamente a operação das empresas do agronegócio. “Os dados são o novo ativo invisível da empresa. Se mal cuidados, tornam-se riscos”, afirmou, fazendo uma analogia com a “terra fértil” que exige cuidados constantes.

Na oportunidade, a palestrante explicou que a LGPD, em vigor desde 2020, nasceu para alinhar o Brasil ao padrão internacional estabelecido pela União Europeia (GDPR). A norma protege dados pessoais – como nome, CPF, endereço, e-mail, dados bancários e biometria – tanto no ambiente digital quanto físico. “A LGPD não trata só da fachada. Ela exige governança interna, desde a portaria até o descarte seguro de documentos”, pontua.

No contexto do agronegócio, a espe-

cialista citou exemplos como dados de funcionários rurais, relatórios digitais de clientes, informações enviadas por e-mail, registros coletados em sites e biometria utilizada para controle de acesso. Segundo ela, independentemente do segmento, a proteção deve seguir os mesmos princípios: necessidade, transparência, segurança e responsabilidade.

Ela ressaltou que a lei estabelece multas de até R\$ 50 milhões para casos de vazamento de dados, além de perdas contratuais, danos à imagem e ações judiciais. “Empresas que não se adequam podem enfrentar multas de até R\$ 50 milhões, perda de contratos e desvalorização no mercado”, alerta. Ela também lembrou que, em processos de fusões e aquisições, a governança de dados se tornou critério essencial para precificação.

Para reduzir riscos, a advogada reforçou a importância do princípio da necessidade, que prevê a exclusão de dados que não serão utilizados. “Não se deve manter dados que não serão utilizados. O princípio da necessidade é central para reduzir riscos e evitar prejuízos”, destaca e lembra que a proteção de dados pessoais é um direito fundamental garantido pela Constituição Federal e que empresas adequadas à LGPD ganham credibilidade e vantagem competitiva. “O dever de proteção dos dados pessoais nasce na Constituição Federal e

é um direito fundamental do titular”.

Dando sequência à pauta, o advogado Vitor Araújo, especialista em Lei Geral de Proteção de Dados e superintendente nacional da Associação dos Oficiais de Proteção de Dados do Brasil, trouxe uma abordagem mais próxima do cotidiano, convidando o público a refletir sobre a importância das informações pessoais sob a perspectiva do titular de dados.

Para ilustrar, Vitor fez provocações diretas: “Se eu pedisse agora seu celular com acesso a todas as fotos, geolocalização, conversas e ligações por um ano, você aceitaria? E se eu anotasse todos os dados do seu cartão de crédito? Claro que não. Mas, na farmácia, muitas vezes entregamos nosso CPF sem pensar nas consequências”.

Ele alertou que dados aparentemente inofensivos, quando combinados com informações disponíveis nas redes sociais, podem ser usados para fraudes como abertura de contas e solicitação de cartões de crédito. Por isso, defendeu que cada pessoa deve conhecer o caminho percorrido por seus dados, a finalidade de uso e as medidas de proteção adotadas por quem os recebe.

O advogado destacou que a LGPD veio para estabelecer regras claras e éticas nesse tratamento, prevenindo abusos como a venda indiscriminada de cadastros — prática comum antes da legislação. Entre as boas práticas,



citou tratar apenas informações estritamente necessárias, utilizar meios seguros, garantir comunicação transparente e assegurar o descarte correto de documentos físicos e digitais.

Vitor lembrou que o agronegócio também lida com dados sensíveis, mesmo em operações B2B, pois contratos, cadastros de fornecedores e registros de funcionários contêm informações pessoais e, muitas vezes, sensíveis — como dados médicos e de crianças.

Ele ressaltou que a correta adequação à LGPD fortalece a marca, gera confiança e até influencia na escolha de parceiros comerciais. “Empresas que levam a proteção de dados a sério terão preferência em contratos. Afinal, se tercerizo minha folha de pagamento e há um vazamento na contabilidade, a responsabilidade também é minha”, alerta.

Encerrando sua apresentação, o advogado reforçou que adequar-se à LGPD não se resume a cláusulas contratuais, banners de cookies ou termos de consentimento. Trata-se de um processo multidisciplinar que envolve jurídico, segurança da informação e governança, resultando em fluxos mais eficientes, prevenção de perdas financeiras e mais segurança nas operações.

**SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO NO AGRONEGÓCIO.** Carlos Erlacher, graduado e pós-graduado, com mais de 15 anos de experiência em segurança e tecnologia da informação, conduziu a terceira parte do debate, focando em segurança da informação e cibersegurança no contexto do agronegócio, temas que também são relevantes para a vida pessoal e para empresas de diversos segmentos.

O especialista destacou que a segurança da informação não envolve apenas a tecnologia, mas também o gerenciamento de processos e a conscientização das pessoas na empresa. Para ele, não basta apenas ter contratos, políticas e ferramentas tecnológicas; é fundamental ter controle de acesso por nível de responsabilidade, processos claros e capacitação dos colaboradores, já que mais de 70% dos vazamentos têm participação humana, muitas vezes por erros, golpes ou uso indevido de acessos.

Entre as práticas recomendadas

CONEXÕES SÃO  
CADA VEZ MAIS  
FORTALECIDAS  
NA REUNIÕES  
DA ASBRAM



para melhorar a segurança da informação, ele enfatizou a autenticação de dois fatores (2FA ou MFA), que exige mais do que só usuário e senha, adicionando uma segunda camada, como códigos enviados por SMS ou aplicativos autenticadores. Isso ajuda a proteger contra senhas vulneráveis ou vazadas, um problema comum, já que muitas pessoas mantêm a mesma senha há anos, mesmo após vazamentos em grandes plataformas, como LinkedIn e iCloud.

Carlos indicou o site “Have I Been Pwned” para que qualquer pessoa possa verificar se seu e-mail já foi comprometido em vazamentos públicos de dados. Ele explicou ainda que, mesmo com sistemas avançados, a segurança depende muito do comportamento humano. Como exemplo, citou ataques “insider” onde funcionários com acesso legítimo podem ser responsáveis por abrir portas para

criminosos, citando o caso de um ataque recente ao Banco Central em que um técnico júnior teria vendido suas credenciais.

E fez uma analogia importante: assim como o agricultor cuida de sua plantação para evitar perdas, as empresas precisam cuidar com carinho da segurança das suas informações, já que dados são ativos valiosos que precisam ser protegidos com políticas robustas, treinamentos e tecnologia adequada.

Por fim, ele reforçou que a LGPD não é apenas burocracia, mas uma lei que exige controle e gestão eficaz de todos os pilares da empresa — jurídico, administrativo, comercial, RH e tecnologia — para evitar prejuízos. Capacitação contínua e monitoramento são fundamentais para manter a segurança e garantir a conformidade. ■

A ADVOGADA  
**PATRICIA HELENA**  
ATAULO INICIOU  
AS DISCUSSÕES  
SOBRE LGPD NO  
AGRONEGÓCIO

# DESTAQUE AO NELORE NO MAIOR VOLUME MENSAL DE EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA JÁ REGISTRADO

BRASIL EXPORTOU 341,5 MIL TONELADAS DE CARNE BOVINA NO MÊS DE JUNHO. NO SEMESTRE, CRESCIMENTO FOI DE 17% EM VOLUME E DE 28% EM RECEITA

Omês de junho foi um marco para a cadeia da carne bovina do Brasil. Segundo dados da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), com base na Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o país exportou 341,5 mil toneladas, o maior volume já registrado em um único mês. O resultado representa crescimento de 40,8% em relação a junho de 2024 e supera em 7% o recorde anterior, alcançado em outubro do mesmo ano.

Segundo dados da Abrafrigo, no acumulado do primeiro semestre, o Brasil embarcou 1.690.229 toneladas de carne e subprodutos bovinos, volume 17,3% maior que o registrado no mesmo período de 2024, quando foram exportadas 1.440.439 toneladas. A receita também acompanhou esse crescimento e somou US\$ 7,446 bilhões no semestre, alta de 28% em relação aos US\$ 5,820 bilhões obtidos no ano anterior.

Muito desse resultado está ligado à raça Nelore, que hoje representa cerca de 80% do rebanho de corte no Brasil. “Atingir esse volume em apenas um

mês mostra o quanto a pecuária brasileira tem evoluído em eficiência de produção, graças ao trabalho de técnicos e produtores, insumos de qualidade com tecnologia agregada, que maximizam o potencial genético dos animais. E o Nelore, que evolui a cada dia, está no centro dessa cadeia produtiva fantástica, representando a base da carne exportada pelo país”, destaca Victor Miranda, presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB).

A ACNB reforça seu compromisso por meio de projetos de incentivo à melhoria da produtividade da pecuária, como o Circuito Nelore de Qualidade, que em 2024 teve 35 etapas e avaliou mais de 38 mil animais. Em 2025, novidades chegaram, como a incorporação da avaliação genômica em parceria com o programa PMGZ Carne, desenvolvido pela ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu), visando evidenciar o maior potencial produtivo de animais com genética superior. As avaliações realizadas nas etapas do Circuito Nelore de Qualidade mos-

tram que, em 2024 cerca de 73% dos machos Nelore foram abatidos com menos de 2 anos de idade (até 2 dentes incisivos permanentes), e nos últimos 10 anos o peso médio de carcaça dos machos subiu de cerca de 280kg para mais de 320kg, ou seja, quase 3 arrobas de aumento no peso médio.

“A liderança nos embarques é uma conquista em volume e em receita e o reconhecimento da qualidade que os compradores internacionais depositam na carne brasileira. A ACNB segue empenhada em garantir que essa reputação se traduza em maior valor agregado para os produtores brasileiros”, completa Victor Miranda.

Com o primeiro semestre encerrado, a ACNB espera um segundo semestre ainda mais movimentado, com a abertura de novos mercados e o fortalecimento do Nelore como destaque nas exportações brasileiras. “Continuamos ao lado dos criadores, ampliando ações e trabalhando para que a carne Nelore ganhe ainda mais espaço lá fora”, finaliza o presidente da associação. ■





# BOVINO CULTURA EM DESTAQUE!



**Participe do  
14º SBSBL  
e saiba sobre  
as novidades  
do setor.**

- Tecnologia em genética
- Produção
- Nutrição
- Gestão e controle de custos
- Bem-estar animal

E muito mais.

**Dias 14, 15 e 16 de outubro,**  
em Chapecó/SC, no Centro  
de Cultura e Eventos Plínio  
Arlindo De Nes.



14º SIMPÓSIO  
BRASIL SUL DE  
BOVINOCULTURA  
DE LEITE  
9ª BRASIL SUL  
MILK FAIR



4º FÓRUM  
BRASIL SUL DE  
BOVINOCULTURA  
DE CORTE



2º SIMPÓSIO CATARINENSE  
DE PECUÁRIA DE LEITE  
À BASE DE PASTO

Realização:





O que não é uma baita novidade.

No agro, muitos já fazem isso no seu dia a dia: negociando boi a termo diretamente com frigoríficos, ou grãos com as tradings. Certo?

ACRICORTE  
2025

# PALCO DE CONQUISTAS, ACRICORTE 2025 FOCA NA REFLEXÃO, GESTÃO E INOVAÇÃO

ARIOSTO MESQUITA, DE CUIABÁ (MT)  
Especial para a Feed&Food - ariostomesquita@gmail.com



O que não é uma baita novidade.

No agro, muitos já fazem isso no mercado a dia negociando, daí a forma desarmada com figurativa, ou gravação as trading. Certo?



O que não é uma baita novidade.

No agro, muitos já fazem isso no mercado a dia negociando, daí a forma desarmada com figurativa, ou gravação as trading. Certo?

“O sarrafo subiu!”. A expressão usada pelo diretor-técnico da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), Francisco de Sales Manzi, após a realização do Acricorte 2025, pode ser compreendida como um misto de alívio, conquista, novos desafios e também de reposicionamento do evento no contexto da pecuária brasileira. Em dois dias (10 e 11 de julho) pelo menos cinco mil pessoas, devidamente credenciadas, passaram pelo repaginado Centro de Eventos do Pantanal, em Cuiabá (MT). A organização computou pouco mais de 4.100 inscrições de visitantes. Soma-se a eles, equipes da organização (Acrimat), de expositores, segurança, imprensa e apoio técnico. No total, foram registrados participantes oriundos de 15 esta-

dos brasileiros e do Distrito Federal

Mais do que volume, a quinta edição do Acricorte foi palco de tomada de decisões e de conquistas, reunindo um público estritamente profissional. Isso vale para uma múltipla feira reunindo 75 expositores, um versátil auditório sempre lotado, ou mesmo para o impressionante churrasco de confraternização, na noite do dia 10, que ofereceu 1.400 quilos de carne distribuídos em 14 estações de preparo.

Nos debates era nítida a preocupação com a mente do pecuarista, com a gestão e em como ele está conduzindo o futuro de seus negócios. Pelo menos metade da programação foi movida pela reflexão, por vezes sugerindo reciclagem, amparada na troca de informações, conhecimentos e busca pela inovação e oportunidades.

“Nossa ideia é que o Acricorte se consolide como o maior e mais significativo evento da pecuária de corte do Brasil, pois Mato Grosso é o estado mais importante neste segmento. Com quase 34 milhões de cabeças, se fosse um país, deteria o oitavo maior rebanho do mundo. Hoje, mais de 80 nações consomem a carne mato-grossense. Temos entidades fortes e Cuiabá caminha para ser reconhecida como a capital do agronegócio, sobretudo da pecuária de corte do Brasil”, defende Manzi.

Este posicionamento ganha força quando se avaliam os números. De acordo com o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), o rebanho bovino do estado soma R\$ 32,8 milhões de cabeças (data base em 29.11.2024). Com base ►



em um recorte de maio de 2025, o estado exportou 134 mil toneladas de carne bovina para 61 países diferentes acumulando uma receita de US\$ 558 milhões somente naquele mês.

Dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (Secex/MDIC), compilados pelo Centro de Dados Econômicos da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico (Sedec/MT), revelam que, no primeiro trimestre de 2025, Mato Grosso foi responsável por 20,5% de toda a carne bovina vendida pelo Brasil ao exterior. O segmento, segundo as mesmas fontes, representou 90,7% do faturamento das exportações de proteínas animais de Mato Grosso nos primeiros três meses do ano.

**“FORA DA CAIXINHA”**. Nesse sentido, a organização entende que a consolidação deste posicionamento depende de avanços do pecuarista na forma de tratar o seu negócio, de se relacionar com colaboradores e mercado, além do cuidado de si próprio: “Na programação dos painéis escolhemos, não aquele apresentador que revelará uma nova tecnologia, mas sim gente que leve o produtor a pensar fora da caixinha. Dentro da porteira já temos um bom domínio técnico, mas temos de avançar na relação com a equipe, na vocação profissio-

nal, na gestão e no equilíbrio e saúde do corpo e da alma. Por isso trouxemos motivadores e até um filósofo”.

Manzi se refere, nesta última citação, ao escritor e doutor em educação, Mário Sérgio Cortella. Em meio à tensão provocada pela notícia do “tarifaço” de 50% anunciado pelo governo norte-americano como taxaço aos produtos brasileiros (divulgado um dia antes da abertura do Acricorte), o professor-titular aposentado da PUC-SP ajustou, ao contexto, o conceito de que o “medo te protege”, uma vez que leva o indivíduo a se preparar, estudar e se organizar: “Tem medo da situação atual? Ainda bem. Mas, ao invés de sentar e chorar, levante e enfrente”. O painel de Cortella (Cenários Turbulentos, Mudanças Velozes) foi um dos mais disputados do Acricorte, superlotando o auditório, com muita gente de pé ou sentada no chão pelos corredores.

Em uma linha de proximidade, o Acricorte trouxe o professor e produtor rural Luiz Marins com o painel “Raízes forte, futuro grande: o orgulho de produzir e crescer mesmo em tempos difíceis” e o consultor e pecuarista Ricardo Arantes discutindo “Gestão e Liderança no Agronegócio”.

Outros painéis mesclaram o motivacional com a parte técnica. Exemplo de Maurício Velloso (presidente Associação Brasileira de Pecuária

Intensiva). Abordando “A pecuária de amanhã, hoje e o que falta para implementá-la”, ele alertou que uma bovinocultura de sucesso “não depende de conhecimento e sim de competência para fazer acontecer este conhecimento”. Segundo ele, muitas ferramentas estão disponíveis como integração lavoura-pecuária, nutrição estratégica, comercialização a termo e colheita de precisão. Velloso também reduziu o chamado “apagão de mão-de-obra” a uma questão contextual e momentânea, a exemplo, segundo ele, de outros momentos da história: “No início da Revolução Industrial não existia ninguém com competência para operar o maquinário disponível. No entanto, aconteceu uma adaptação e o mundo se industrializou”.

Depois de resgatar episódios do passado, em que a administração federal buscava controlar preços e interferir fisicamente na natividade pecuária (até através de confiscos de rebanhos), o ex-ministro da Agricultura no governo Fernando Collor (1990/1992), Antônio Cabrera Mano Filho, injetou pitadas políticas nos debates e alertou o público do Acricorte sobre projetos e definições em andamento que, segundo ele, podem interferir no consumo interno de pro-

**MOMENTO DO ANÚNCIO OFICIAL DA CRIAÇÃO DA UNIÃO NACIONAL DA PECUÁRIA (UNAPEC)**



PRESIDENTE DA ACRIMAT, **OSWALDO RIBEIRO JÚNIOR**, AGORA TAMBÉM VICE-PRESIDENTE DA UNAPEC

teína animal. “Está tramitando no congresso projeto estabelecendo a ‘segunda sem carne’, ou seja, podemos ter uma lei proibindo a venda e ou consumo de carne nas segundas-feiras. Enquanto isso, o Ministério Público da Bahia, pretende retirar todo e qualquer produto a base de proteína animal da alimentação escolar”, avisou.

Naturais debates e defesas políticas em um encontro de pecuária não ficaram ausentes no Acricorte 2025. A Acrimat, no entanto, deixa bem claro a sua postura enquanto organização: “Trata-se de uma entidade política classista. Na política partidária a gente não se envolve em hipótese nenhuma”, esclarece Manzi.

**UNIÃO NACIONAL DA PECUÁRIA.** Um projeto antigo de muitas lideranças do segmento foi anunciado como realidade no palco do Acricorte 2025. O presidente da Acrimat, Oswaldo Ribeiro Júnior, ao lado de demais representantes e signatários, anunciou formalmente, no dia 10 de julho, a criação da União Nacional da Pecuária (Unapec) - na ocasião apresentada como “Associação Nacional da Pecuária” e, posteriormente, tendo a denominação corrigida. “O propósito é fortalecer a representatividade do pecuarista brasi-

leiro nas demandas nacionais. Tanto é que o grupo responsável pela criação desta nova entidade representa 45% do rebanho bovino do país, algo na casa de 107 milhões de cabeças”, avisou.

São fundadores desta nova organização nacional seis associações estaduais de pecuaristas, algumas já com extenso serviço prestado para o segmento: Acrissul (Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul); Acrimat (Associação dos Criadores de Mato Grosso); Acripará (Associação de Criadores do Pará); Assocon (Associação Nacional da Pecuária Intensiva), Apron (Associação dos Pecuáristas de Rondônia) e Anpto (Associação Novilho Precoce Tocantins). Ao final de julho chegou ao grupo a Sociedade Rural do Paraná (SRP).

A decisão em anunciar a Unapec no Acricorte 2025 foi tomada no dia 1º de julho durante uma reunião virtual entre entidades regionais, realizada com o objetivo de “deliberar sobre a criação e estruturação” do novo grupo. A Feed&Food teve acesso à ata deste encontro. No documento, a Unapec foi descrita com características de “abrangência ampla, vocação institucional robusta e foco em articulação política, defesa técnica e consolidação de identidade setorial”.

A presidência “transitória” ficou com o empresário e pecuarista Guilherme Bumlai, que desde sua pos-

se no comando da Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul (Acrissul), em 2022, já havia colocado a criação de uma entidade nacional como prioridade sua enquanto liderança. De acordo com o documento, a ele caberá estruturar a entidade, “nomear diretoria reduzida (até três membros) e conduzir os trâmites jurídicos e burocráticos iniciais”.

Bumlai acelerou esta estruturação e no dia 25 de julho já anunciava a composição deste grupo gestor: junta-se a ele o presidente da Acrimat, Oswaldo Ribeiro Junior (como vice-presidente) e o presidente da Apron, Adélio Barofaldi (diretor-financeiro). “O conselho deliberativo/consultivo passa a ser composto por todos os presidentes das associações integrantes. Até final de agosto esperamos concluir a parte estrutural e legal da União”, avisa Bumlai.

Mesmo residindo em Campo Grande, Bumlai sugere que a sede da Unapec seja em Cuiabá pela sua “posição geográfica”, o que facilitaria eventuais deslocamentos de todos os membros, mas não descarta Brasília por “questões estratégica de representatividade nacional” junto aos poderes.

O texto da ata também pavimenta caminho para um arranjo envolvendo diversos grupos de pecuária: “A entidade terá escopo nacional, com inclusão de associações e produtores de todas as regiões e portes (pequeno, médio e grande), reunindo distintas vertentes da pecuária sob estrutura única e representativa”. Apesar disso, Bumlai defende uma composição “enxuta” neste primeiro momento: “Estamos priorizando a representação dos estados e não a quantidade”.

**TOURO NOVO.** O Acricorte também foi palco para outra decisão, desta vez no âmbito estadual, mas que pode, tranquilamente, ser replicada em outras regiões: o lançamento oficial do Projeto Touro Novo, que pretende oferecer aos produtores de MT a chance de comprar machos melhoradores de qualidade, pagando menos e de forma parcelada.

Para isso, a Acrimat negociou um novo modelo financiador: “Conseguimos uma linha de crédito em que touros poderão ser adquiridos de forma parcelada com até seis anos para pagamento. Esta abertura foi dada ►

pelo Sicredi que colocou seu spread em nível muito baixo”, anunciou o ex-presidente da entidade, Marco Túlio Duarte Soares, se referindo à diferença da taxa de juros que um banco cobra em empréstimos e a taxa que ele paga para captar recursos.

“**CAPITAL DA CARNE**”. O Acricorte também foi uma espécie de palco de promoção para o Congresso Mundial da Carne (World Meat Congress – WMC) que pela primeira vez acontece no Brasil, nos dias 28, 29 e 30 de outubro, justamente na capital mato-grossense. A organização está a cargo do Instituto Mato-Grossense da Carne (Imac) em parceria com o Secretariado Internacional da Carne (IMS) - <https://www.meat-ims.org/home/>. A expectativa é de que o evento reúna participantes de pelo menos 20 países produtores.

“É uma agenda diferente. O tema será “Sustentabilidade e Inovação Tecnológica”, mas tudo ligado à pecuária (carnes bovina, suína, ovinha e de aves) de forma a ser pertinente a todos os países. Teremos ainda eventos paralelos para população de Cuiabá e visitantes, sobretudo para disseminar conhecimento sobre a história de consumo de proteína animal e da domesticação dos animais, incluindo a chegada do Nelore ao Brasil e o cruzamento com raças europeias”, antecipa o presidente do Imac, Caio Penido. Mais informações sobre o congresso podem ser obtidas no link <https://imac.agr.br/event/world-meat-congress-wmc/>.

### INTEGRAÇÃO, INOVAÇÃO E GERAÇÕES.

Em um evento de pecuária no Brasil, estandes de empresas de bioenergia e de produtos homeopáticos, por exemplo, seriam impensáveis até o início deste século. Mas no Acricorte 2025 estavam lá, ocupando seus espaços entre mais de 75 empresas e organizações privadas e públicas. A presença delas na feira do Acricorte 2025 nitidamente traduz o avanço de modelos operacionais dentro da porteira cada vez mais integrados e menos engessados.

“Sem dúvida, a edição de 2025 foi uma das mais representativas do Acricorte. Ela refletiu o momento de transição vivido pelo agro, um setor que mantém suas raízes, mas que está cada vez mais conect-



tado com inovação, sustentabilidade e a preparação das próximas gerações. Foi uma edição que não apenas respondeu às demandas atuais, mas também antecipou tendências que devem moldar o futuro da pecuária brasileira”, observa a gerente de marketing da Acrimat, Kátia Pacheco.

Além da homeopatia e da bioenergia, a feira reuniu profissionais e empresas das áreas de compostagem, genética, nutrição e suplementação, eucalipto tratado, gestão de confinamento, sementes de pastagem, cercas elétricas móveis, leilões, currais, plataformas digitais de comercialização, marketing, mercado imobiliário, troncos de contenção, herbicidas, investimentos (hedge de commodities), adubação, soluções ambientais, automóveis, financeiras, organizações de raça e associações de produtores.

Para o diretor-técnico, Francisco Manzi, em todos os momentos do Acricorte se percebeu uma integração familiar incomum em outros tempos: “Notei uma forte presença do público jovem. Pais acompanhados de filhos e avós trazendo netos. Isso é muito bom. O mais velho geralmente tem de pisar mais no acelerador, enquanto o mais novo deve usar o freio para que eles possam se encontrar. Valorizamos a importância do legado e da experiência assim como a adoção de novas tecno-

logias, geralmente de maior facilidade de absorção e utilização pelo jovem. Nosso papel é aproximá-los, promovendo uma pecuária que respeite a tradição, mas que seja cada vez mais inovadora”.

**CABRERA:** “PODEMOS TER UMA LEI PROIBINDO A VENDA E O CONSUMO DE CARNE NAS SEGUNDAS-FEIRAS”

**PROJEÇÃO.** O forte eco do Acricorte 2025 empurrou a organização a já iniciar o projeto da edição 2026. “No próximo ano pretendemos aprofundar temas como tecnologia aplicada, sucessão familiar e acesso a mercados, com foco na viabilidade econômica da atividade. Reafirmamos também o compromisso do Acricorte como um espaço qualificado de conexão entre produtores e as principais empresas e instituições do setor.”, avisa Kátia Pacheco.

Francisco Manzi considera que os resultados do evento deste ano deixaram “enorme desafio” para 2026: “Não é tão simples manter o nível de participação e de conteúdo. Tudo tem de ter força de atração. Hoje, uma apresentação de 30 ou 40 minutos para os jovens é quase o tempo de uma gestação, pois esta geração está acostumada com a aceleração das redes sociais. O momento agora é de juntar o que precisamos corrigir, descartar e o que precisamos estimular. ■

EMPRESAS DE **INGREDIENTES, ADITIVOS E FORMULAÇÕES** PARA A INDÚSTRIA DE NUTRIÇÃO ANIMAL E RAÇÃO EM GERAL

**SEU LUGAR É AQUI!**

**16-18 SETEMBRO 2025**

EXPO CENTER NORTE - PAVILHÃO BRANCO  
SÃO PAULO, BRASIL

**2 EVENTOS EM 1**



EM PARALELO COM



**SEJA UM EXPOSITOR!**

Entre em contato para reservar o seu Stand!

VEJA COMO FOI A ÚLTIMA EDIÇÃO



CRENCIAMENTO GRATUITO



victamlatam.com  
feedformulationlatam.com.br

+55 11 93536-7785  
victamlatam@interlinkexhibitions.com  
feed@interlinkexhibitions.com



# UM MERGULHO NO FUTURO DA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL

COM FOCO NA REGENERAÇÃO DOS ECOSISTEMAS, INCLUSÃO SOCIAL E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, **A ECONOMIA AZUL PROPÕE UM NOVO OLHAR SOBRE OS RECURSOS AQUÁTICOS** — E JÁ INSPIRA TRANSFORMAÇÕES PROFUNDAS NA PESCA E NA AQUICULTURA BRASILEIRAS

GLAUCIA BEZERRA

Imagine um modelo econômico capaz de preservar os mares, gerar emprego, impulsionar a inovação e ainda garantir segurança alimentar para uma população global em crescimento. Essa é a promessa da Economia Azul, conceito que vem ganhando força no cenário mundial ao propor um uso mais inteligente e sustentável dos recursos aquáticos, com foco em regeneração dos ecossistemas, inclusão social e inovação tecnológi-

ca. Mais do que uma vertente da sustentabilidade, a Economia Azul representa uma mudança de paradigma, pois, em vez de explorar os oceanos e águas interiores apenas como fontes de recursos, ela busca integrá-los a um sistema produtivo regenerativo, resiliente e socialmente justo.

O termo surgiu nos anos 1990 com o empresário belga Gunter Pauli, autor do livro “The Blue Economy”, a ideia central era substituir modelos poluentes



e centralizadores por soluções de baixo custo, alto impacto e baseadas nos próprios ecossistemas locais. Hoje, o conceito vem sendo apropriado por diversos países e organismos internacionais como uma resposta concreta aos desafios da emergência climática e da transição energética — com aplicações práticas em setores como pesca, aquicultura, turismo costeiro, transporte marítimo e biotecnologia marinha.

No Brasil, país com uma das maiores zonas costeiras do mundo e enorme potencial aquícola, a Economia Azul começa a ser traduzida em políticas públicas, projetos de pesquisa e iniciativas locais. Em especial, os setores de pesca e aquicultura vêm buscando formas de dialogar com o conceito para conciliar produtividade, conservação e inovação.

**CONVERGÊNCIA ENTRE PESCA E AQUICULTURA.** Para a Dra. Neuza Sumico Takahashi, diretora do Serviço Regional de Pesquisa em Salmonicultura Dr. Ascânio de Faria (Campos do Jordão), a convergência entre pesca e aquicultura dentro da lógica da Economia Azul é relativamente recente. “Até os anos 2000, havia um certo distanciamento entre as duas áreas. Mas, desde 2014, quando os valores de captura de pescados e a produção por

aquicultura se tornaram equivalentes para alimentar a população mundial, iniciou-se uma discussão criteriosa sobre como usar os recursos pesqueiros finitos de forma a conservar e preservar o ambiente”, afirma.

Ela explica que espécies carnívoras, com maior valor comercial, estão no topo da cadeia alimentar e exigem rações à base de farinha de peixe, tradicionalmente produzida com pescado oriundo da pesca extrativa. “Chegamos a um ponto em que capturar 5 kg de peixe marinho para produzir 1 kg de peixe cultivado tornou-se ambientalmente inaceitável”, diz a pesquisadora. Hoje, há uma exigência crescente por insumos não extrativistas e certificados, com a substituição da farinha de peixe por resíduos da indústria de aves e suínos, tratados com hidrólise enzimática. “É uma solução que transforma resíduos em recurso, permitindo o crescimento da aquicultura com impacto ambiental reduzido, além de manter o desempenho, sanidade e bem-estar dos animais em cultivo”.

A busca pelo chamado F3 (Fish-Free Feed) é uma das frentes da inovação na aquicultura global e deve ganhar força nos próximos anos. “A academia está mobilizada para desenvolver ingredientes alternativos e sustentáveis, pois isso é essencial para garantir a segurança alimentar com base nos chamados alimentos azuis — aqueles de origem aquática, que alimentam o mundo sem esgotar os recursos da terra”, explica.

Atualmente, a farinha de peixe (FP) constitui a principal fonte proteica tradicional utilizada na formulação de rações comerciais para peixes carnívoros marinhos e de água doce, representando o maior custo variável na produção. No entanto, a inclusão da FP nas dietas vem sendo progressivamente reduzida, sendo substituída por commodities agrícolas — como soja, trigo e milho — e por subprodutos da indústria animal terrestre. Essa substituição é motivada principalmente pelas limitações de disponibilidade e pelos elevados custos da FP, impulsionando o setor aquícola a buscar alternativas sustentáveis para suprir a demanda crescente da cadeia produtiva.

Uma das soluções adotadas en-

volve o uso de resíduos provenientes da indústria de abatedouros de aves e suínos, submetidos a processos de hidrólise enzimática, resultando em ingredientes com alta escala produtiva, rastreabilidade, disponibilidade de mercado e composição nutricional adequada. “Essa abordagem converte resíduos orgânicos em matéria-prima de alto valor agregado, substituindo componentes oriundos da pesca extrativa por fontes renováveis de proteína. Tal inovação viabiliza o crescimento sustentável da aquicultura, mantendo a qualidade nutricional das rações, bem como o bem-estar, a sanidade e o desempenho zootécnico dos organismos cultivados”, pontua Neuza.

**DESCARTE CORRETO E REUSO NA PESCA ARTESANAL.** Na pesca, os desafios também são grandes, especialmente no que se refere ao impacto ambiental de petrechos descartados de forma inadequada. O Dr. Venâncio Guedes de Azevedo, pesquisador científico ►

## OS 7 PILARES DA ECONOMIA AZUL



### Sustentabilidade

Conservação dos oceanos



### Desenvolvimento

Crescimento com responsabilidade



### Inovação

Tecnologia para o bem ambiental



### Inclusão

Comunidades costeiras no centro



### Conservação

Preservação da vida marinha



### Governança

Regras claras e eficazes



### Educação

Conhecimento como motor de mudança

e diretor do Serviço Regional de Pesquisa do Litoral Norte, destaca o trabalho feito pelo Instituto de Pesca (IP) para mitigar a chamada “pesca-fantasma” — quando redes e apetrechos abandonados continuam a capturar animais marinhos, mesmo fora do controle dos pescadores. “Esses equipamentos perdidos no fundo do mar geram sérias consequências ambientais, sociais e econômicas. E quando não são abandonados, muitas vezes acabam indo para o lixo comum, sem qualquer reaproveitamento”, afirma.

A solução, segundo ele, passa por um esforço conjunto de mapeamento dos fundos marinhos e pela criação de uma rede de pontos voluntários de recebimento de petrechos inservíveis. “Essas ações, implementadas por meio do Projeto Petrechos de Pesca do Instituto de Pesca, ajudam a minimizar o impacto da pesca-fantasma. A etapa seguinte é estruturar um fluxo para o reprocessamento desses materiais, o que pode gerar emprego e renda para comunidades pesqueiras”, explica. O reaproveitamento dos petrechos também tem potencial de se tornar uma cadeia produtiva dentro da Economia Azul, com efeitos positivos tanto para o meio ambiente quanto para a economia local.

Tanto na pesca quanto na aquicultura, especialistas defendem que o Brasil precisa investir mais em políticas integradas, tecnologias verdes, qualificação de trabalhadores e fomento à inovação. “O potencial do Brasil é imenso. Mas precisamos transformar conceitos em prática, ciência em política pública e soluções locais em estratégias nacionais. Só assim a Economia Azul vai deixar de ser uma promessa para se tornar uma realidade capaz de regenerar ecossistemas e alimentar o futuro”, complementa Neuza.

**AQUICULTURA COMO VETOR DE SUSTENTABILIDADE E INOVAÇÃO.** A Economia Azul também se revela uma oportunidade estratégica para reposicionar a aquicultura brasileira como atividade inovadora, inclusiva e comprometida com o uso racional dos recursos naturais. Segundo a pesquisadora científica Dra. Daniela Castellani, da Divisão Avançada de Pesquisa e Desenvolvimento do Pescado Continental, esse alinhamento já está em curso, e



se tornará condição indispensável de competitividade.

“A aquicultura é parte integrante da Economia Azul, pois busca o desenvolvimento sustentável dos recursos aquáticos, promovendo o crescimento econômico, a segurança alimentar e a conservação ambiental. Quem não incorporar esse conceito, tende a perder espaço”, afirma.

Entre os impactos esperados ao aplicar os princípios da Economia Azul à aquicultura, Daniela destaca benefícios ambientais, sociais e econômicos. A criação de peixes em cativeiro, por exemplo, pode aliviar a pressão sobre populações selvagens e contribuir para sua recuperação. Do ponto de vista social, a atividade gera emprego e renda em comunidades ribeirinhas, ao mesmo tempo em que reforça a segurança alimentar. Já no aspecto econômico, promove a diversificação das atividades produtivas e reduz a dependência da



**NEUZA TAKAHASHI** É PESQUISADORA REFERÊNCIA EM AQUICULTURA SUSTENTÁVEL E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

**VENÂNCIO GUEDES DE AZEVEDO,** ESPECIALISTA EM SOLUÇÕES PARA MINIMIZAR IMPACTOS AMBIENTAIS DA PESCA ARTESANAL



**DANIELA CASTELLANI** É PESQUISADORA FOCADA EM TECNOLOGIAS PARA AQUICULTURA RESPONSÁVEL E INCLUSIVA

pesca extrativista. A percepção pública sobre a aquicultura também pode ser transformada com o uso de sistemas de

monitoramento e controle da qualidade da água e da saúde dos organismos cultivados — tecnologias que reduzem os impactos ambientais e demonstram compromisso com o bem-estar animal. Segundo Daniela, a integração com outras práticas produtivas, como o reaproveitamento de resíduos para fertilizantes e o uso da água de cultivo na irrigação agrícola, reforça o caráter circular e inovador do setor.

Além disso, a biotecnologia marinha surge como aliada promissora ao explorar o uso de organismos aquáticos no desenvolvimento de novos produtos e processos, como alimentos funcionais, medicamentos e cosméticos.

As vantagens do modelo se estendem a diferentes perfis de atores — dos pequenos produtores às grandes indústrias — e podem beneficiar diretamente territórios vulneráveis. Para isso, no entanto, é preciso superar desafios estruturais, como a falta de investimentos em capacitação técnica e mão de obra qualificada.

Daniela cita ainda o projeto “Pesca para a Saúde” como um exemplo de iniciativa nacional bem-sucedida, que alia ciência, produção sustentável e comunicação com a sociedade. A partir de ações de divulgação científica (disponíveis no Instagram @pescadoparasau), o projeto demonstra como a aquicultura pode ser uma fonte de proteína saudável, produzida com responsabilidade ambiental e inclusão social. ■

# 2025 FEEDLOT SUMMIT BRAZIL

ANNUAL MEETING OF BEEF CATTLE PRODUCERS  
REUNIÃO ANUAL DOS PRODUTORES DE GADO DE CORTE

10 a 12 de Setembro - Goiânia / GO

PARA **MAXIMIZAR** O LUCRO,  
DEFINA SUA **ESTRATÉGIA**,  
IMPULSIONE A **EFICIÊNCIA**  
**PRODUTIVA** E BUSQUE  
EXCELÊNCIA NA **GESTÃO**.

Local:



Inscrições:

FEEDLOTSUMMITBRAZIL.COM.BR

CUSTOS DE PRODUÇÃO

CICLO PECUÁRIO

FORMAÇÃO DE EQUIPE

MERCADO

GESTÃO



## Temáticas do Evento

- ◆ **Perspectivas para os mercados agrícolas e de commodities para 2025 e 2026.**
- ◆ **Como a menor oferta de reposição impacta nas tomadas de decisão do meu negócio?**
- ◆ **Qual o ponto de equilíbrio entre a aplicação de tecnologias e a viabilidade econômica da pecuária de corte em 2025 e 2026?**
- ◆ **Como definir minha estratégia de gestão de preços do boi gordo com base nas ferramentas da B3 e do boi a termo?**
- ◆ **Como a intensificação da pecuária impacta a sustentabilidade produtiva e econômica da pecuária de corte?**
- ◆ **Qual a resposta bio-econômica da adubação e irrigação de pastagens tropicais?**
- ◆ **Como as práticas de manejo podem elevar os índices reprodutivos, a taxa de desmama e a produtividade da cria?**
- ◆ **Na construção da carcaça do boi 7-7-7, o que não pode faltar?**
- ◆ **Entendendo o Rendimento de Ganho nas fases de recria e terminação.**
- ◆ **Desafios sanitários na recria e terminação (TIP e confinamento): onde podemos ganhar eficiência?**
- ◆ **Reidratação e Ensilagem do Milho Flint: quais os impactos nos resultados técnicos e econ micos na TIP e confinamento?**
- ◆ **Quais os fatores que mais impactam na eficiência alimentar e econômica do confinamento?**
- ◆ **Resultados de desempenho: uma visão geral dos desafios e sucessos na África do Sul.**
- ◆ **Da vitamina A ao zinco: o que realmente impacta a eficiência bioeconômica no confinamento brasileiro?**
- ◆ **Quais as melhores práticas de gestão operacional para maximizar a performance no confinamento?**
- ◆ **Como os sensores e a inteligência artificial redefinir o os indicadores pecuários e as decisões na fazenda?**
- ◆ **Da porteira pra dentro: como formar líderes de alto desempenho?**
- ◆ **Planejamento Antifrágil: para quem quer aumentar as chances de acerto em cenários de grande incerteza.**

## Patrocínio

COTA 27@



COTA 25@



COTA 23@



COTA 21@



COTA 18@



COTA 16@



Informa es:

(16) 99631.0019 - 99991.2640  
www.coanconsultoria.com.br

Agência de turismo oficial:

CONEXTRAVEL  
(16) 3771.1700  
vendas@conextravel.com.br

Realiza o:



M dias oficiais:



# CARCINICULTURA MARINHA, UM MAR DE OPORTUNIDADES PARA O BRASIL NAVEGAR

ITAMAR ROCHA

Na recente viagem de prospecção tecnológica que empreendemos à Indonésia, Vietnã e China, incluindo a permanente busca por oportunidades de despertar o interesse do mercado Chinês para o camarão cultivado do Brasil, notadamente nas classificações de camarões pequenos e médios, inteiros (70-80; 80-100 e 100-120) ou sem cabeça (51-60; 61-70 e 71-90), foi possível constatar que na verdade, os desafios confrontados pela carcinicultura brasileira, estão diretamente associados a falta de apoio governamental, desde o aspecto dos financiamentos para a necessária estruturação setorial, notadamente no tocante a recuperação do seu sucateado parque industrial, bem como os financiamentos de novas unidades produtivas, em especial, do necessário custeio operacional e formação de estoque regulador.

Isso, tendo presente que ao analisarmos o cenário da produção mundial de camarão marinho cultivado, se tem presente, que tanto o Equador (1.450.250 t), China (954.580 t), Índia (850.000 t), Vietnã (547.000 t), Indonésia (492.000 t) Tailândia (400.000 t), Brasil (210.000 t) e México (188.560 t), estão projetando crescimento nas suas produções e exportações. Evidentemente, que o aspecto tecnológico, no tocante às importações de reprodutores SPF ou SPR, ou alternativamente, seus nauplios ou pós-larvas, que ocorre regularmente, em todos os países produtores de camarão marinho cultivado, onde o *Penaeus vannamei* ou *Penaeus monodon* não são nativos, com exceção do Brasil, tem feito a diferença, como ferramenta de compe-

titividade que vem contribuindo para esse destacado crescimento setorial.

Nesse contexto, não se pode deixar de destacar, que um dos aspectos de fundamental importância, o referido crescimento setorial, tem sido, sem dúvida, a rígida vigilância sanitária sobre os controles nas translocações desses camarões, tanto na forma de camarões vivos (reprodutores, nauplios e pós-larvas), como nas importações de produtos processados, inclusive na forma de filé ou pré-cozidos, pois na verdade, trata-se das medidas de biossegurança, da maior importância, para a sustentabilidade operacional e produtiva da carcinicultura marinha em todo o mundo.

Por outro lado, nas dezenas de visitas técnicas realizadas na Indonésia, Vietnã e China, um aspecto que chamou a atenção foi seus continuados desenvolvimentos tecnológicos e desempenhos produtivos, com empreendimentos de carcinicultura alcançando de 5 à 10 kg/m<sup>2</sup>/ciclo de cultivo, podendo realizar 3 ciclos de cultivo, com 1-2 pescas parciais / ano, iniciando com gramaturas de 15-18 g, depois com 20-25 g e finalizando com 35-40 gramas, tanto nos empreendimentos de carcinicultura intensiva visitados na Indonésia e China como, especialmente, no Vietnã.

Da mesma forma, nas fazendas de tilápia em tanques redes e de pangasios em viveiros, no delta do Rio Mekong no Vietnã (5-30 m de profundidade) e de tilápia, no Rio Yangtzé da China (20-30 m de profundidade), os níveis de produtividade são impressionantes, no caso do Vietnã, tanto para o panga (500.000 kg/há/ciclo de 10 meses), com peso médio de ►

1,1 à 1,3 kg, como para a tilápia (tanque rede de 150 m<sup>3</sup> = 6.500 kg e, tanque rede de 600 m<sup>3</sup> = 17.500 kg), em 5 meses, com peso médio de 1,0 kg.

Um aspecto que chamou a atenção, de forma recorrente nas três viagens (2005, 2023 e 2025) que realizamos ao Vietnã, foi a simplicidade e precariedade da maioria das unidades produtivas, desde panga, tilápia, camarões e lagostas, numa clara demonstração da importância dessas atividades, tanto no contexto social, como nutricional e econômico, pois tratam-se da produção

nas US\$ 400 milhões. Ou seja, não interessa ser guardião da maior biodiversidade vocacionada para a exploração e produção aquícola se não possuir as ferramentas de incentivo e de política apropriada para transformar essas vantajosas potencialidades em oportunidades de emprego, renda e produção de um alimento nobre com demanda internacional insaciável.

Se persistirem dúvidas, analisem a situação da China, maior produtora e exportadora mundial de pescado, mas que em 2024, já ocupou o 3º lugar dentre os seus maiores importa-

dores, abaixo apenas dos EUA e Japão, sendo que, a despeito de ser o maior produtor de camarão extrativo, bem como o 2º maior produtor de camarão marinho cultivado, desde 2023, assumiu a liderança mundial das importações de camarão marinho cultivado. Mas também é bom lembrar que, no ano de 1980, os chineses consumiam apenas 10 kg/per capita de pescado, passando para 20 kg em 2.000, 30 kg em 2.010, 35 kg em 2020 e, de-  
 mia, estacionaram próximo de 38 kg/2024, sendo que a meta será chegar aos 60 kg até 2030. Ou seja, estamos falando de um mar de oportunidades, sem considerar a Índia, com uma população superior a 1,4 bilhão de habitantes, que embora consuma 16 milhões de toneladas de peixes cultivados, exporta 90 % da sua produção de camarão cultivado, mas a qualquer hora, pode seguir o exemplo da China e do Brasil, que passou de 0,2 kg/per capita de consumo de camarão em 2003, para 1,0 kg em 2024.

Por isso, como detentor de excepcionais condições naturais e infra-estruturais para a exploração e produção de pescado, notadamente se queremos e não temos dúvidas que deveremos, participar do mais importante e promissor agronegócio mundial, cujos gigantes mercados importadores, tanto do camarão marinho cultivado (US\$ 30,0 bilhões/ano), como do pescado como um todo (US\$ 193 bilhões/ano), por si só, demonstram suas importâncias, tanto no contexto nutricional, social e econômico financeiro, precisaremos mudar o rumo dessa prosa.

**Eu acredito e luto diariamente, mas precisamos de efetivos apoios para que os nossos sonhos se realizem, com êxito e vida com dignidade para todos. ■**

*Itamar Rocha, Presidente ABCC, Diretor DEAGRO - FIESP, Membro Titular do CONAPE, Membro Titular da Câmara Setorial a Pesca e Aquicultura do MAPA. abccam@abccam.com.br ipr1150@gmail.com*

NÃO INTERESSA SER GUARDIÃO DA MAIOR BIODIVERSIDADE VOCACIONADA PARA A EXPLORAÇÃO E PRODUÇÃO AQUÍCOLA, SE NÃO POSSUIR AS FERRAMENTAS DE INCENTIVO E DE POLÍTICA APROPRIADA, PARA TRANSFORMAR ESSAS VANTAJOSAS POTENCIALIDADES, EM OPORTUNIDADES DE EMPREGO, RENDA E PRODUÇÃO

de um alimento nobre e crucial para a nutrição das suas gigantescas populações e para o fortalecimento das suas economias primárias.

Nesse contexto, merece destaque, inclusive, para uma intensa reflexão, por parte das autoridades do setor pesqueiro brasileiro, o fato de que em 1988, o Brasil produziu e exportou mais pescado do que o Vietnã, mas que em 2024, enquanto o Vietnã exportou US\$ 10 bilhões de dólares de pescado, o Brasil exportou ape-

dores, abaixo apenas dos EUA e Japão, sendo que, a despeito de ser o maior produtor de camarão extrativo, bem como o 2º maior produtor de camarão marinho cultivado, desde 2023, assumiu a liderança mundial das importações de camarão marinho cultivado.

de um alimento nobre e crucial para a nutrição das suas gigantescas populações e para o fortalecimento das suas economias primárias.





# IFC

02, 03, 04  
SETEMBRO 2025

Foz do Iguaçu - PR

Acesso gratuito a piscicultores  
Feira de Tecnologias e Negócios  
Congresso Internacional  
I Festival da Tilápia  
6º Festival do Tambaqui  
6º Encontro Mulheres das Águas  
Inova Aqua  
Trabalhos Científicos  
e muito +



O maior  
encontro  
do setor de  
pescados da  
América Latina!



Acesse [www.ifcbrasil.com.br](http://www.ifcbrasil.com.br)



# A MARCA NÃO É O LOGO. É O LEGADO

**S**er lembrado, no agro, é mais do que reconhecimento. É sinal de confiança cultivada com o tempo, de presença constante, de entrega verdadeira. Num setor movido por relações duradouras, entre pessoas, empresas e resultados, o valor de uma marca está menos no que ela diz e mais no que representa para quem vive dela.

É justamente por isso que essa presença no campo, nunca foi apenas símbolo. Ela é o que resiste quando o produto já cumpriu seu papel. É o que atravessa o tempo, supera as crises e segue presente mesmo quando a geração seguinte assume o negócio. A marca, aqui, é continuidade.

Num setor em que tudo é urgente, mas quase nada é imediato, a marca é uma construção paciente. E, por isso mesmo, torna-se um diferencial competitivo real. Quando o valor é percebido, a escolha não recai apenas sobre o preço. Ela recai sobre o que já demonstrou constância, resultado e coerência. Quem decide com responsabilidade sabe o peso que existe em confiar.

Isso vale para toda a cadeia. Da genética que impulsiona desempenho ao aditivo que entrega eficiência no campo, passando pela indústria que produz, processa e leva o alimento com responsabilidade até a mesa. A marca está em cada elo, mesmo quando não se fala diretamente dela. E muitas vezes, é justamente quando ela não é dita que mais se revela.

Ela também está nas pessoas que representam a empresa. No técnico de campo que acompanha de perto. Na equipe que resolve com agilidade. São esses encontros discretos que sustentam a imagem que fica. Porque é nesse cuidado constante, sem a necessidade de holofotes,

que a marca se fortalece de verdade.

Por isso, construir reputação no agro é, no fundo, cultivar memória. É repetir o que funciona, ajustar o que precisa, demonstrar presença. É estar quando ninguém está olhando. E ser lembrado, mesmo em silêncio.

A verdade é que o agro brasileiro já conquistou seu espaço no mundo. Produz com excelência, inova com inteligência e movimenta a economia como poucos. Mas ainda há uma grande oportunidade de tornar tudo isso mais visível. De transformar a competência que quem está dentro conhece tão bem em percepção sólida também do lado de fora.

A marca do agro brasileiro já existe. Ela pulsa em cada elo da cadeia que cresce junto. O que precisamos agora é fortalecer essa identidade. Dar nitidez ao que já somos. Comunicar com mais constância. E fazer com que essa força, tão concreta aqui dentro, seja reconhecida também lá fora.

E isso não significa vestir o agro com outra linguagem. Significa revelar, com autenticidade, a solidez que há por trás das nossas entregas. É tornar visível o que já é vivido. Por quem produz, por quem acompanha de perto, por quem transforma conhecimento em prática e resultado.

Construir essa marca não é tarefa de um setor isolado, tampouco de uma única estratégia. É um trabalho coletivo. Nasce das relações de confiança. Se espalha pelas boas práticas. E se consolida na forma como o agro se apresenta: com verdade, constância e visão de futuro.

Porque no fim das contas, o que permanece não é o slogan mais criativo, nem a campanha mais ousada.

O que fica, e faz diferença, não é o logo. É o legado. ■



### Larissa Spricigo

Especialista em Marketing Estratégico Agro, Inteligência de Mercado, Branding e Comunicação com Foco em Resultado, Inteligência Artificial, Marketing Digital

# ADM há mais de 30 anos sendo **referência** no controle de Salmonella



Entrega segura,  
transporte  
certificado



Equipamentos  
de aplicação e  
validação analítica



Serviços técnicos  
personalizados  
e treinamentos



Controle  
microbiológico  
comprovado\*



Linha robusta  
de produtos  
validados



\* Relatório 2016-257

# Genesys<sup>®</sup>

## GENDER SORTING SYSTEM

ESCANEE O  
QR CODE  
PARA ACESSAR O  
FOLHETO DIGITAL  
COMPLETO



Male	Female
♂	♀
✓	✗
FLOCK ACCURACY: 97%	

**PRECISÃO** desde o princípio é nossa prioridade,  
Ceva **GENDER SORTING SYSTEM** para frangos de corte.



CEVA.COM